UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
BRASILEIRA

MARIA SILVIA IANNI BARSALINI

*MÁRIO DE ANDRADE CONSTRÓI O PADRE
JESUÍNO DO MONTE CARMELO*

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
BRASILEIRA

*MÁRIO DE ANDRADE CONSTRÓI O PADRE JESUÍNO DO
MONTE CARMELO*

Maria Silvia Ianni Barsalini

Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Therezinha Aparecida Porto Ancona Lopez

Exemplar original

São Paulo
2011

Aos meus 65 anos, dos quais os últimos sete consegui aplicar, com a vitalidade que felizmente a Natureza me concedeu, à realização deste trabalho.

ERRATA

Na página de rosto – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
página dos Agradecimentos – Prof^a. Dr^a. Telê Ancona Lopez, Prof^a.
Dr^a. Tatiana Longo Figueiredo

p. 10 – “alegria”, “felicidade”

p. 12 – doc. 97 e 98

p. 13 – 1941

p. 21 – “...versões”.

p. 32 – “... frequentado ...”

p. 35 – LEVY, Hannah

p. 42 – LEVY, Hannah

p. 51 – SOUSA, Octavio Tarquínio de

p. 52 – Octavio

p. 58 – “... às pesquisas ...”

p. 68 – “... século XVI ...”

p. 80 – “Simão

p. 81 – “... encontrou ...”

p.82 – Octavio

p. 87 – “... sobrinho de ...”

p.88 – “... reconhecido ...”

p. 109 – São

p. 115 – “... de pura raça caucasiana, também ...”

p. 115 – Ordem Terceira

p. 126 – “... o que quer dizer que ...”

p. 149 – “... de trabalho (p.116-126)

p. 164 – “... frequentados ...”

p. 165 – A preocupação: “tantas pesquisas ...”

p. 169 – “A redação, a que se refere ...”

p. 183 – “... em resposta à consulta ...”

p. 202 – “E, sobre Jesuíno em Goiás, ...”

p. 222 – LEVY, Hannah

p. 223 – SOUSA, Octavio Tarquínio de

p. 223 – TIRAPELI, Percival (organizador). *Arte Sacra Colonial: Barroco Memória Viva*. São Paulo: UNESP, 2001.

AGRADECIMENTOS

À Universidade de São Paulo e ao Instituto de Estudos Brasileiros onde, ordenadamente, ampliei conhecimentos.

À Profa Dra. Telê Ancona Lopez, minha orientadora à organização dos manuscritos *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* e à elaboração desta tese, pela confiança em mim depositada.

Aos participantes da banca do meu exame de qualificação, a Profa Dra Tatiana Longo Figueiredo, pela minuciosa leitura crítica ao relatório apresentado e o Prof. Dr. Percival Tirapeli, que acolheu o trabalho com entusiasmo encorajador e indicou sugestões importantes à realização da tese.

A todos os funcionários do IEB, sempre amáveis no atendimento às minhas solicitações.

À equipe Mário de Andrade, invariavelmente gentil e amiga.

Ao dedicado Leandro Raniero Fernandes, que nos auxiliou muito na minuciosa e delicada tarefa de numeração dos documentos e dos fólios do dossiê dos manuscritos e na digitalização de todo o material.

À Viviane, à Dalva e ao Roberto, pela boa vontade e disponibilidade em me ajudar.

À incansável companheira de trabalho Aline, sorriso encorajador, paciência sem limites, atenção especial.

À minha família e aos meus amigos, sempre afáveis e acolhedores em ouvir meus longos e muitas vezes repetidos desabafos.

Ao meu marido, importante ouvinte/revisor/colaborador dos meus escritos.

“Desconfio que eu não nasci pra trabalhos como este, a “invenção” trabalha demais. [...] Parece absurdo mas é a mais assustadora das verdades. Eu decerto nasci pra mentir... como os poetas. Ou consertando: nasci pra ultrapassar as verdades, que fica mais agradável.” (Mário de Andrade – *Cartas de trabalho*)

RESUMO

Na obra de Mário de Andrade polígrafo, a vertente do ensaísta vinculada ao historiador da arte brasileira, mostra-se enquanto processo de criação em *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, estudo que o autor estava em vias de considerar concluído, ao morrer em 1945. A tese, ao contemplar, à luz da crítica genética, a elaboração do ensaio sobre esse pintor do barroco paulista, a partir da organização dos documentos no dossiê dos manuscritos, teve, como proposta, desvendar a pesquisa do historiador que, vinculada a um projeto no SPHAN, uniu a busca de fontes primárias ao diálogo com outros historiadores, em leituras pertinentes. Desta forma, ao analisar notas de trabalho, presentes na margem de livros e em fólios, assim como versões de texto, procurou seguir o caminho da criação nas partes que compõem o ensaio. Entendeu, também, que o rigor da interpretação do ensaísta mescla-se, sem qualquer prejuízo, à criação do ficcionista na invenção da psicologia de Jesuíno, artista mulato, personagem.

Palavras-chave: Mário de Andrade historiador, Padre Jesuíno do Monte Carmelo, barroco paulista, história e ficção, crítica genética.

ABSTRACT

In the polygraph work of Mário de Andrade, the essayist's versant linked to the Brazilian Art historiographer, shows while creation process in *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* study that the author was about to consider concluded, when he died in 1945. The thesis, contemplating, by the genetics criticism, the essay's elaboration about this painter of "paulista" baroque style, since the organization of documents in the manuscript's dossier had, as proposal, to reveal the historiographer's research that, linked to a project at SPHAN, joined the search of primary sources to the dialogue with others historiographers, in pertinent lectures. In this way, analyzing work's notes, presents in books borders and folios, as well as text versions, this thesis attempted to follow the creation way in the parts which composes the essay. It also understood that interpretation's rigour of the essayist mixtures, without any prejudice, to the fictionist creation in the Jesuino's psychology invention, mulatto artist, personage.

Keywords: Mário de Andrade historiographer, *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, paulista baroque style, history and fiction, genetics criticism.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I – A pesquisa do historiador e o manuscrito <i>Padre Jesuíno do Monte Carmelo</i>	5
Capítulo II – As matrizes no trabalho do historiador da arte: leitura e apropriação	23
Capítulo III – As matrizes nas leituras de Mário de Andrade	55
Capítulo IV – Mário de Andrade e Jesuíno do Monte Carmelo: História e ficção	94
Anexo I – Índice do dossiê do manuscrito <i>Padre Jesuíno do Monte Carmelo</i>	131
Anexo II – <i>Padre Jesuíno do Monte Carmelo</i> nas cartas e relatórios de Mário de Andrade	149
Referências Bibliográficas	220

INTRODUÇÃO

Este trabalho originou-se de proposta feita pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez, quando da defesa de minha dissertação de mestrado, que focalizou o ensaio *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, de Mário de Andrade. Na dissertação, após reflexões a respeito do universo barroco e da contribuição expressiva do historiador paulista sobre a arte do período, abordei o envolvimento dele com o personagem Jesuíno do Monte Carmelo, manifesto no desenrolar de todo o texto, em recorrentes indicações a respeito do mulatismo do pintor colonial o que, para o escritor, teria determinado uma obra de características psicológicas.

Aceitei, então, convite da professora para trabalhar na organização dos manuscritos de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*.

Trata-se do dossiê *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, com um total de 206 documentos e 2347 fólios, na série Manuscritos Mário de Andrade, no Arquivo que faz parte do acervo do escritor. O dossiê foi objeto de uma primeira tentativa de identificação, a cargo da estagiária Cristiane Yamada Câmara, trabalho interrompido sem grande desenvolvimento.

No projeto que me foi proposto, o objetivo inicial era entender a sequência em que se encontravam os documentos ou como tinham sido originalmente organizados. O dossiê constitui-se de manuscritos autógrafos, datiloscritos e cópias de documentos, além de cartas e de artigos sob a forma de recortes de jornais.

O contato inicial e o estudo dos documentos culminaram em anotações e hipóteses a respeito da admissível trajetória da criação do estudo *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, com o registro de todas as possíveis inquietações e dúvidas ali externadas pelo escritor.

O material reunido denuncia preocupação com fontes e datas, utilização de lembretes, alusões a apontamentos anteriores e

empenho na colheita de dados, mostrando que o pesquisador valorizava as fontes primárias. Exibe suposições e evidencia, já nos registros iniciais, o encaminhamento que ele daria ao trabalho, no objetivo de mostrar que a arte do padre Jesuíno surgira como resultado da expressão dos vários momentos psicológicos vivenciados pelo pintor, além de pretender deixar clara a sua amplitude artística como representante do barroco paulista.

Os passos da pesquisa emergem do exame dos documentos do dossiê, seguido do estudo das *Cartas de trabalho*, isto é, da correspondência de Mário de Andrade com o Diretor do SPHAN¹ e de outras cartas de Mário de Andrade a amigos, bem como dos relatórios de atividade e da consulta ao material bibliográfico que representou fontes para o pesquisador.

Este exame completou-se com a classificação codicológica e arquivística dos documentos que identificou, no dossiê, obedecendo à divisão, proposta pelo escritor para o futuro livro: as partes “Vida” e “Obra”.

A divisão implica a presença, nessas partes, de versões de texto, vinculadas a um grande número de notas de trabalho, que se reportam, tanto à exploração de fontes primárias, como a leituras, isto é, matrizes do ensaísta.

Devido à extensão e à diversidade dos tipos de documentos, assim como dos enfoques do ensaísta, e principalmente diante da ausência de datas que esclarecesse o momento do uso de determinadas informações, optou-se pela organização do dossiê *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* de acordo com a tipologia dos documentos, vinculando-a ao plano do texto de Mário de Andrade. Entendeu-se por texto as versões da “Vida” e “Obra”, no manuscrito

¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Brasília: Ministério da Educação e Cultura/Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

e na publicação realizada de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* pelo SPHAN em 1945 (Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 14. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde).

A organização realizada, depois de separar os documentos pertencentes à redação propriamente dita das versões das partes “Vida” e “Obra”, ordenando-as cronologicamente, dedicou-se a distinguir as notas de trabalho da documentação externa, que teve também a função de alimentar a criação do texto. A documentação externa corresponde ao material enviado pelos pesquisadores auxiliares de Mário de Andrade e se mostra como transcrição de documentos, cartas transmitindo informações, além de artigos recortados de jornais brasileiros.

Chegou-se então à classificação que estabelece: notas de trabalho do escritor em autógrafos dele que incluem lembretes para si próprio, os quais dão conta do andamento da pesquisa; documentação externa oferecendo fontes primárias e secundárias, e versões das partes do texto—“A Vida” e “A Obra”—em autógrafos e datiloscritos.

Reconhecidos os tipos, os documentos foram identificados, ordenados e numerados, contando-se também a quantidade de fólios de cada um, para a preparação do índice geral do dossiê. Nesse trabalho colaborou Leandro Raniero Fernandes, então estudante da FFLCH-USP e bolsista do projeto temático.

O dossiê foi armazenado no Arquivo Mário de Andrade, no setor de arquivos, de acordo com as regras atuais de conservação.

Concomitantemente à organização e ao estudo dos manuscritos, realizei com Aline Nogueira Marques, para a editora Nova Fronteira, a edição de texto apurado, acompanhado de notas e de um dossiê de documentos, do livro de Mário de Andrade, *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. O trabalho faz parte do protocolo de edições de textos estabelecidos, de obras do escritor paulista,

acrescidas de documentos do processo criativo, que une o IEB-USP a essa editora carioca. O protocolo data de 2007 e a coordenação da edição dos livros está a cargo da Profa. Telê Ancona Lopez.

Na apresentação da obra, "Mário e Jesuíno nos caminhos de um texto", detalhei o processo criativo deste trabalho do crítico de arte e historiador.

Por essa razão recorro, em todas as citações nesta tese de doutoramento, ao texto agora estabelecido que, além de ter buscado captar com fidelidade a escritura do ensaio, recupera trechos do projeto original, de acordo com a última versão presente no arquivo do escritor. E institui a dedicatória a Rodrigo Mello Franco de Andrade, por este recusada na edição de 1945, feita pelo SPHAN.

I. A PESQUISA DO HISTORIADOR E O MANUSCRITO *PADRE JESUÍNO DO MONTE CARMELO*

Em 1935 Mário de Andrade está ligado ao Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, não apenas no exercício da função de Diretor, como também desempenhando, nessa instituição e no SPAN (Serviço do Patrimônio Artístico Nacional, depois SPHAN Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), criado naquele ano, o papel de co-fundador. Essas instituições, frutos de sua preocupação com a cultura do Estado e do país, caminhavam lado a lado, em projetos de desenvolvimento cultural e em pesquisas.

Tais objetivos configuravam-se bem conformes às linhas de preocupação que, por toda a vida, orientaram Mário de Andrade, e se harmonizavam com a aspiração daqueles intelectuais que participavam do Ministério de Educação e Saúde, capitaneado por Gustavo Capanema.

A colaboração efetiva e constante de Mário de Andrade no SPHAN se estendeu desde o projeto da organização desse serviço público, em 1935, até 1945. Assim é que, a 27 de abril de 1937 Mário escrevia ao Diretor e grande amigo Rodrigo Mello Franco de Andrade: "Já comecei a trabalhar no SPHAN, eta entusiasmo por não sei o quê!..."²

O barroco, como objeto do interesse de Mário de Andrade, data de sua descoberta da obra Aleijadinho, na viagem a Minas Gerais, em 1919, que teve como resultado a conferência "A arte religiosa no Brasil", estampada na *Revista do Brasil*, em 1920³. Em 1928, o ensaísta detém-se particularmente na arte de Antônio

² IDEM, *ibidem*, p. 66.

³ ANDRADE, Mário de. *A arte religiosa no Brasil: crônicas publicadas na Revista do Brasil* em 1920. Organização: Claudete Kronbauer. São Paulo: Experimento/Giordano, 1993.

Francisco Lisboa em “O Aleijadinho e sua posição nacional” e, em 1935, quando descobre a pintura de Jesuíno do Monte Carmelo, está novamente examinando a contribuição do artista do barroco mineiro, em “O Aleijadinho e Álvares de Azevedo”.⁴ Além disso, na sua viagem de Turista Aprendiz ao Nordeste, no final de 1928 e início de 1929, é notável a análise que faz das igrejas barrocas encontradas no caminho: arquitetura, pinturas e imaginária.⁵

Como Assistente Técnico da 6ª Região do SPHAN,⁶ durante os anos de 1937 e 1938, Mário de Andrade chefiou a equipe encarregada de inventariar obras que, embora se encontrassem muitas vezes abandonadas ou em ruínas, pudessem ser importantes pelos valores histórico e artístico nelas contidos. Após pesquisa, levantamentos e estudos necessários concretizados, tais obras deveriam ser tombadas pelo governo federal. Conforme destaca Percival Tirapelli,

“[...] As brasas dormidas foram reavivadas por um beato de sacristia, Mário de Andrade, que levava os modernistas a Minas e ensinava Oswald de Andrade a decifrar os códigos da cultura brasileira lavrados em pedra-sabão. E foi somente em 1937, com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, sob o incentivo de Rodrigo Mello Franco de Andrade, que se tirou a pátina de vergonha que encobria o esplendor da arte barroca, permitindo que

⁴ ANDRADE, Mário de. *O Aleijadinho e Álvares de Azevedo*. Rio de Janeiro: R.A. Editora, 1935.

⁵ ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Edição preparada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

⁶ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Edição de texto apurado por Maria Silvia Ianni Barsalini e por Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 7.

os céus policromados de Ataíde voltassem a ser povoados por mulatinhos cantantes.”⁷

Em carta de 23 de maio de 1937, longo relato de tudo o que desenvolvia como atividade, Mário de Andrade falava de seu desapontamento em relação às obras encontradas, até então, no Estado de São Paulo, em nada esteticamente maravilhosas ou exuberantes, ao contrário de quase tudo o que existia na Bahia ou no Nordeste. Afirmava que a preocupação histórica, nessa região, deveria prevalecer à estética, no recenseamento e futuro tombamento de construções seiscentistas e setecentistas, onde houvessem sido registrados fatos históricos relevantes.

No 14 de setembro escrevia: "Segunda e hoje meus auxiliares estão em zona mais agradável, Itu, que tem coisas bonitas e importantes.”⁸

Apesar disso, em 16 de outubro, data do primeiro relatório ao SPHAN, a respeito de tudo o que se fizera até então, assegurava:

“Não é possível esperar-se de S. Paulo grande coisa com valor artístico tradicional. As condições históricas e econômicas deste meu Estado, a contínua evasão de paulistas empreendedores para outras partes do Brasil nos séculos XVII e XVIII, o vertiginoso progresso ocasionado pelo café, são as causas principais da nossa miséria artística tradicional. Ou ruínas de quanto o progresso rastaquera não cuidou de conservar, ou precariedades duma gente dura e ambiciosa, que menos cuidava de delícias que aventura. Se é sempre certo que sobram aos paulistas mil meios de se

⁷ TIRAPELI, Percival (organizador). *Arte Sacra Colonial: Barroco Memória Viva*. São Paulo: UNESP, 2001, p. 11.

⁸ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit., p. 77.

consolar de sua pobreza artística tradicional:
consolação não modifica a verdade.”⁹

Era tal o estado de espírito de Mário de Andrade nos trabalhos de pesquisa quando, ainda em 1937, se mostrou impressionado e até entusiasmado ao conhecer algumas das criações artísticas deixadas por Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, na cidade de Itu, na segunda metade do século XVIII. Jesuíno, santista de nascimento, pobre e mulato, radicara-se em Itu desde os dezessete anos de idade, no ano de 1781, e se tornara, bem mais tarde, o Padre Jesuíno do Monte Carmelo, autor de telas, de músicas, e até mesmo do projeto arquitetônico de uma igreja, a de Nossa Senhora do Patrocínio, “a igreja maior e mais bela de Itu.”¹⁰

Então, em carta de 28 de novembro do mesmo ano de 1937, referindo-se ao segundo relatório que estava por ser enviado, assim se expressava Mário de Andrade:

“Irá também o segundo relatório, com uma coleção de fotografias, menor que a primeira, e versando a pintura eclesiástica em Itu. Algumas coisas curiosas, como os painéis da Capela Velha da igreja do Carmo, já muitíssimo estragados, uma coleção de quadros, também bastante danificada, e que não deixa de ter sua curiosidade. E vão duas obras magistrais, o teto da Matriz e o teto da Carmo, esplêndidos, o primeiro como fatura principalmente e o segundo como estilo, dum barroquismo cheio de anjinhos, delicioso, apesar de.”¹¹

⁹IDEM, *ibidem*, p. 80.

¹⁰ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 227.

¹¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945)*. Ed. cit., p. 111.

E no relatório, por ele incluído no dossiê dos manuscritos de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* (doc. 96, f. 503-518):

“Já com o teto da capela-mor da atual Carmo estamos diante de uma espécie de obra-prima.

“O painelista da Carmo era como que um renascente italiano. Os seus patriarcas, as suas santas e mesmo os seus anjinhos têm todos rostos simpáticos, de gente sadia, bem nutrida, que gosta de agradar e que agrada. Todo o painel neste sentido, respira um ar de felicidade, a que os festões de rosas e o borboleteamento dos anjinhos dá uma nota muito viva de alegria. Inda mais, as fisionomias são todas sorridentes, mesmo quando não estão sorrindo. Este Assistente não exita mesmo em afirmar que, sob este ponto de vista, o pintor deste painel atinge as raias do grande artista, pelo poder de exteriorização psicológica de que era capaz. Rostos como os dos patriarcas [...] expõem uma felicidade, uma alegria interior admiráveis.

“E há o movimento. O patriarca de que o anjo segura o báculo [...], o papa lindo [...], os quatro santos do grupo central e a bonita Senhora do Carmo, são todas figuras desenhadas com verdadeira volúpia de movimento, e verdadeira elegância de atitude. Há que notar ainda a apresentação festiva da Senhora, com os dois anjos lhe abrindo o manto, que cria uma composição triunfal, bastante inédita—a não ser que seja mesmo uma invenção do artista.

“[...] a volúpia de viver [...] é o signo do painelista da Carmo.”¹²

¹²IDEM, *ibidem*, p. 121-122.

“A pintura religiosa em Itu é de grande importância artística. São artistas de vastas qualidades a que, como diz Saint-Hilaire, faltou apenas a convivência com a tradição dos séculos e os bons modelos.”¹³

A que se pode atribuir o entusiasmo do pesquisador pelas obras descobertas em Itu, exposto nesse documento? Para Mário de Andrade, era de se esperar que São Paulo brilhasse também na arte, e não apenas como berço dos rudes bandeirantes, unicamente preocupados em devastar sertões. A verdade era apenas uma: até então havia se defrontado, nas pesquisas, apenas com a tradicional “miséria artística”.

Ao chegar a Itu e encontrar igrejas decoradas, tetos pintados, o entusiasmo grita e obras que talvez pudessem ser vistas com algumas restrições, imediatamente passam a ser alvo de elogios. O historiador as reputa “magistrais”, “esplêndidas”, tudo respirando “simpatia”, “alegria” “felicidade”, “volúpia de movimento”.

E já no contato inicial com a obra de Jesuíno, Mário de Andrade anuncia que o “signo do painelista da Carmo” é a “volúpia de viver”, ideia defendida por ele no futuro, depois de três anos de estudos.

A partir daí se estabelece o “encantamento” que o ensaísta passa a expressar, primeiro pelas obras e depois pela vida do padre, o artista responsável pela edificação da Igreja do Patrocínio, desde a concepção do projeto arquitetônico até os últimos detalhes da decoração interior, igreja que Saint-Hilaire reputara, em 1820, na “mais cuidada e de bom-gosto”¹⁴ entre todas as que vira na cidade.

Não só Saint-Hilaire ficara admirado com ela. Na nota 33 do livro *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, Mário de Andrade se refere a outros três testemunhos entusiásticos a respeito dessa igreja e de seu

¹³ IDEM, *ibidem*, p. 125.

¹⁴ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 69.

idealizador e construtor: o de Antônio Augusto da Fonseca; o do viajante português Zaluar e o do, à época, senador mineiro Firmino Rodrigues da Silva.

Com as descobertas de 1937, uma ideia persegue Mário de Andrade: mesmo sem conhecer todas as obras do Padre Jesuíno, pois entrara em contato com apenas algumas delas, acreditava tratar-se de telas merecedoras de um estudo aprofundado que pudesse reconstruir a trajetória do padre pintor pelo caminho da arte, não apenas com o objetivo de identificar, se possível, toda a sua produção artística, como de preservá-la da destruição e do abandono. Enfatizara a importância de uma pesquisa que, na ocasião, não imaginava seria feita anos mais tarde por ele mesmo. Tratava-se da obra de alguém que, quase sem nenhum aprendizado das regras eruditas da arte, ousara pintar quatro igrejas, compor músicas sacras e edificar inteiramente uma outra. Figura de grande destaque, padre Jesuíno, de acordo com o Padre Diogo Feijó, se tornara, ao seu tempo, “a glória e as delícias dos ituanos.”¹⁵

No entanto, apenas em 1941, outra vez como assistente técnico do SPHAN e após reiteradas e insistentes solicitações dessa instituição, Mário de Andrade se lança no extenuante trabalho de pesquisa, tarefa de complicada realização, pois as informações de que dispunha sobre o Padre Jesuíno se mostravam imperfeitas, transmitidas muito mais através da tradição oral do que de documentos escritos.

Desde 21 de junho de 1941, quando o historiador declara “Agora vou me atirar ao frei Jesuíno.”,¹⁶ até dezembro de 1944, trabalha incansavelmente em busca de dados que trouxessem à tona os meandros da vida do artista colonial mestiço e paulista, cuja contribuição ao mundo da arte brasileira considerava de conhecimento imprescindível.

¹⁵ IDEM, *ibidem*, p. 31.

¹⁶ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit., p.137.

Há dois artigos de sua autoria, "Pintura religiosa paulista" e "Tetos e pintores de Itu", ambos no manuscrito *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* os quais, em recortes de *O Estado de S. Paulo*, de 4 e 14 de dezembro de 1938, valem como indicadores do início da pesquisa sobre o pintor (doc.27 e 98 no dossiê). O primeiro é o embrião do ensaio, quando Mário recorda sua própria figura de menino imerso na contemplação dos anjos e santos celebrados no teto da igreja do Carmo paulistana. É possível detectar-se a empatia do escritor com o padre, na admiração intensa que o fará transportar o próprio comportamento infantil, de contemplação do teto pintado da igreja paulistana que frequentava, para o Convento do Carmo, em Santos, e para Jesuíno criança. De Jesuíno dirá: "Ele achava muito lindos esses santos pintados de que nunca se esquecerá: caras redondas, gordas, lisas, de uma alvura impassível. Ele não tinha essa alvura...".¹⁷

Já em "Tetos e pintores de Itu", Mário de Andrade principia a análise da obra pictórica do padre, pois, seis anos mais tarde, transportará para o ensaio este trecho do artigo:

"O painelista da Carmo era como que um renascente italiano. Os seus patriarcas, as suas santas e mesmo os seus anjinhos têm rostos simpáticos, de gente sadia, bem nutrida, que gosta de agradar e agrada mesmo. Todo o painel respira um ar de felicidade, a que os festões de rosas e o borboleteamento dos anjinhos dá uma nota muito viva de alegria."

E assim finalizará:

"Se o teto da matriz nos atrai logo, por mais tradicionalmente europeu, o da Carmo terá mais valia, tanto nacional como universal. Porque apresenta

¹⁷ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 38.

formas mais representativas de nós, mais originais, mais contribuidoras.”

Da leitura deste artigo, percebe-se no pesquisador paulistano a forte intenção de descobrir e mostrar uma arte que pudesse indicar a originalidade de um artista brasileiro e, no caso, melhor ainda, que se tratasse de um paulista. Seria possível, finalmente, mostrar que São Paulo também se preocupava com a arte e a beleza dela decorrente.

Em outubro de 1941, quando resolve assumir a pesquisa e o trabalho, Mário de Andrade recorre à documentação histórica e constata que a bibliografia, então disponível a respeito de Itu ou do padre Jesuíno, apresentava incoerências e contradições, uma vez que os historiadores, pioneiros, não apresentavam embasamento científico. Oliveira César, Azevedo Marques, Msr. Ezequias Galvão da Fontoura, Padre Cavalheiro Freire e Francisco Nardy Filho, os quais Mário de Andrade denomina “Os Autores”, nas respectivas abordagens dos assuntos em questão, são lidos, relidos e objeto de fichamento. A única exceção está em Francisco Nardy Filho, já frequentado em 1938 e citado no artigo “Tetos e pintores de Itu”, de 14 de dezembro daquele ano. Os Autores são matrizes não sacralizadas, pois o historiador do SPHAN os contesta.

A Rodrigo Mello Franco de Andrade Mário de Andrade escreve então, em 22 de outubro de 1941:

“Trouxe do Rio duas incumbências suas: destrinçar em fichas os ‘Inventários e Testamentos’ e fazer uma monografia sobre o padre Jesuíno do Monte Carmelo.

[...]

“Quanto ao padre Jesuíno do Monte Carmelo, em princípios deste mês dei por terminada a pesquisa bibliográfica, toda lida, relida e fichada para o meu futuro trabalho. A releitura foi necessária, devido ao desconhecimento inicial do assunto, pois muitas vezes

lendo um autor, este me sugeria novas idéias e novas pesquisas, não só sobre o padre-pintor, como sobre os artistas que trabalharam em Itu. E isto me obrigava a reler autores já lidos. Tudo agora já está feito e organizado. O que não é muito... É incrível como os autores montam uns nos outros, ou mesmo se plagam descaradamente. E o que é pior, se corrigem com a maior desfaçatez, quando percebem incongruências uns nos outros, mas sem a menor documentação nem honestidade. Com isso resultaram três ou quatro problemas intrincados que deverei resolver.”¹⁸

Três notas de trabalho referentes ao embasamento histórico do pesquisador (doc.104-106), comprovam a necessidade de leitura e releitura do material inicialmente utilizado, porque os historiadores, desde o mais antigo deles, Oliveira César, não apresentavam documentos que lhes alicerçassem as afirmações. É possível aferir-se a seriedade do ensaísta, cioso em busca do fato histórico, em busca da confirmação de tudo o que viesse a apresentar. Estas notas se mostram como testemunhos de tais preocupações, seja na crítica à obra de Oliveira César, portadora de afirmações sem qualquer comprovação documental, seja na listagem de pesquisas a empreender ou dos livros a serem ainda consultados.

Esse caminho se explicita nas notas que prescrevem tarefas: pesquisas a fazer em Itu, Santos e São Paulo, (doc.105, f.536-538), e na relação dos livros a compulsar (doc.106, f.539-573).

No levantamento dos documentos, Mário de Andrade é auxiliado por José Bento Faria Ferraz, seu jovem secretário, Luiz Saia, então estudante da Escola Politécnica,¹⁹ e por Mauro de Almeida. Este vai

¹⁸ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1945). Ed. cit., p. 137-139.

¹⁹ José Bento Faria Ferraz (1912-2005), secretário de MA entre 1935-1945, foi bibliotecário, jornalista e professor de História da Arte; Luís Saia (1911-1975), na

para Itu em busca de papéis e de informações, empenhado em remexer arquivos e encarregado, ao mesmo tempo, do resgate da vida de Jesuíno na história oral.

As solicitações dos trabalhos vão de São Paulo a Itu através de cartas e, assim, Mário de Andrade orienta as pesquisas a serem realizadas, tanto no Cartório do 1º Ofício, como nos Livros da Câmara de Vereadores.

Sabe-se pela carta endereçada por Mário a Mauro de Almeida, que o colaborador está em Itu desde outubro de 1941, (doc.73, f.465-471).

Em São Paulo, o historiador, José Bento e Saia consultam a documentação da Irmandade do Carmo, visitam igrejas com obras atribuídas a Jesuíno, vasculham partes nelas abandonadas, e novos acréscimos vão se somando ao que vinha de Itu.

De Santos, nada conseguem trazer em termos de documentação; sobram apenas hipóteses.

Ao fim das pesquisas, Mário de Andrade tem em mãos documentos em cópias datilografadas de livros e de atas de várias instituições, de Itu e de São Paulo.

No entanto, muito pouco de enriquecimento tudo isso confere ao aspecto biográfico do trabalho, uma vez que quase nada oferece em termos de dados plausíveis, seja a respeito da vida do padre pintor, seja quanto às obras efetivamente deixadas por ele.

Cópias de escrituras de compra e venda, de decisões imperiais “ordenando a Solemnização do Anniversario de Sua Magestade eoutras Festividades abaixo mencionadas”, de prestações de contas de irmandades, de escrituras de liberdade de escravos, de escrituras de doação, de inventários, de procurações, de comprovações de gastos em festividades religiosas, apresentam-se como documentos importantes na construção de uma base histórica confiável (doc.3-20,

ocasião estudante da Escola Politécnica e depois arquiteto, foi colaborador de MA no Departamento de Cultura e no SPHAN.

f.17-296 e doc.38, f.424-428). O objetivo do historiador é um só: descobrir informações que confirmassem, documentalmente, fatos que a tradição oral guardava a respeito da vida de Jesuíno, como a data em que ele se mudara de Santos para Itu, ou se fora ele mesmo que decorara toda a igreja Matriz desta cidade.

Ainda em outubro de 1941 são descobertos mais dois, fundamentais. O primeiro é a *Oração Fúnebre*, da autoria do Padre Diogo Antonio Feijó, fonte secundária, da qual Mário de Andrade toma conhecimento através da leitura de “Notas Históricas de Itu”,²⁰ de Joaquim Leme de Oliveira César. Esta peça literária homenageou Jesuíno do Monte Carmelo como “Verdadeiro filantropo” a quem “as máximas sagradas do cristianismo” mostravam com “firmeza inabalável as propensões sociais de seu espírito”,²¹ artista admirável, “engenho vivo, penetrante e atilado talhado para melhores tempos e que, nascido em outra época mais feliz para a cultura das Artes, seria capaz de propor modelos originais ao gosto e ao belo.”.²² O segundo é a carta que o padre Jesuíno endereçara ao prior do Convento Carmelita de Santos, em 1815, fonte primária ali encontrada, verdadeira “mea culpa”. Isso entusiasma o pesquisador que agora consegue informações sobre o artista, como indivíduo:

“Quanto a documentos inéditos sobre o Padre Jesuíno, só conseguimos um até agora, aliás muito interessante. É uma carta de 1815, cinco anos anterior à morte, dirigida ao prior do Carmo, em Santos. É um documento interessantíssimo, que mostra Jesuíno ainda rapaz, estudando música e órgão na Ordem Primeira do Carmo em Santos, aceitando encarnar imagens sem o saber fazer, e audaciosissimamente aceitando mais

²⁰ OLIVEIRA CÉSAR, Joaquim Leme de. Notas históricas de Itu. *Revista do Patrimônio Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 25. São Paulo, 1927-1928, p. 80-89.

²¹ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit. p. 357.

²² IDEM, *ibidem*, p. 354.

fazer um órgão, pelo qual recebeu 54\$200! Embora fosse no tempo de sua “rapaziada”, como ele diz, Jesuíno bem se apercebia dos defeitos de douração nas imagens e de fatura no órgão, mas ficou quietinho, recebendo o dinheiro. No fim da vida, e já padre, ele escreve essa carta pedindo perdão dos males que fez. Aliás a carta ainda prova que o padre Jesuíno pelo menos por duas vezes se ausentou de Itu, depois de padre, chegando as duas vezes até Santos, coisa que nenhum historiador registra.”²³

De grande importância se revestiram tanto a carta, como a oração de Feijó, dispostos como os dois primeiros documentos do dossiê (doc.1-2, f.1-16), uma vez que, tão somente e graças a tais textos é que Mário de Andrade consegue elaborar as características psicológicas e comportamentais de Jesuíno criança, jovem, adulto e na maturidade dos cinquenta anos. O escritor cria, então, o personagem um tanto quanto macunaímico na juventude, que faz suas traquinagens às escondidas, reincide nelas sem constrangimento e vai de um lado para outro em viagens que significariam, àquela época, um grande sacrifício.

Através da leitura de “Um artista notável”, de Paulo Aurisol Cavalheiro Freire, o pesquisador conseguiu confirmar datas do nascimento e do casamento de Jesuíno, do nascimento e do nome de cada qual dos cinco filhos do padre, da esposa, da mãe. Mas e o restante? De que forma seria possível solucionar tantas incertezas e dúvidas?

Nas notas de trabalho “Jesuíno–tirar a limpo” (doc.137, f.1191-1214), explicitam-se questionamentos e hesitações, alguns insolúveis, a atormentar o espírito do escritor: qual teria sido o motivo do sobrenome escolhido por Jesuíno já que, registrado como

²³ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit., p. 138-139.

filho de pai desconhecido, não se valera do sobrenome da mãe? Quem fora o pai dele? Até que idade ficara em Santos? Quais obras artísticas produzira lá, no Convento do Carmo? Quando e como fora para Itu? Onde aprendera a pintar: em Santos ou em Itu? E em Itu, qual das igrejas decorara antes: a do Carmo ou a Matriz? Ou estivera primeiro em São Paulo? Onde, aí, trabalhara? Realmente decorara outras igrejas em outras cidades, como constava da tradição oral?

Nas fichas de trabalho, Mário de Andrade expressa as dificuldades que enfrentava para estabelecer dados biográficos e esclarecer a autoria real de obras então atribuídas a Jesuíno e de cuja autenticidade, em vista das características pictóricas que lhe apresentavam, não tem tanta certeza.

O fotógrafo Germano (Herman Hugo) Graeser,²⁴ convidado a trabalhar para o SPHAN, entra em cena: andaimes são montados na Igreja do Carmo, em Itu. O ensaísta visita outra vez a cidade, com o objetivo de tentar elucidar dúvidas, e estuda, detalhadamente, *in loco*, as pinturas “da Carmo” e da Matriz. Entrevista o artista e professor Pery Guarany Blackman, incumbido dos trabalhos de restauração do teto da Igreja do Carmo, em 1918; conversa com a Irmã Maria Inês, integrante da Congregação das Irmãs do Patrocínio, sediada em Itu, de quem colhe detalhes a respeito da filha de Jesuíno, Maria, freira que dirigira a Casa das Educandas.

O rigor que norteava os trabalhos do pesquisador fica evidenciado também nas notas de trabalho que se reportam aos materiais usados pelo pintor (doc.49-51). Após entrevista com o Prof. Pery, elabora lista de cores de tintas usadas na restauração do teto da igreja do Carmo, em Itu (doc.49, f.441) e, para ter mais conhecimento a respeito até da conduta profissional desse artista, busca informações sobre o pai dele, Prof. Demétrio Blackman, também pintor (doc.50, f.442), com quem o filho aprendera a arte.

²⁴ Hermann Graeser (1898-1966), apelidado Germano, ou Alemão, trabalhou para o SPHAN e destacou-se na fotografia brasileira.

No envelope azul onde se lê: "Jesuíno Fichário analítico do meu escrito" (doc.112), notas de trabalho em 117 folhas de bloco de bolso, (f.708-845) ocupam-se das características da Congregação dos Padres do Patrocínio.

As fichas de cartolina no envelope "Cronometria de Jesuíno" datilografadas em azul (doc.114, f.872-905), demonstram quantas hipóteses permeiam, o tempo todo, o espírito do pesquisador, uma vez que as anotações principiam com: "Se", "Deve ser". No decorrer da pesquisa, algumas dessas hipóteses sofrem mudanças, como o caso da idade de Jesuíno ao chegar em Itu:

"Se a tradição não mente, em julho de 1778 Jesuíno nos seus 14 anos já está em Itu, para lá levado por Frei José de Santa Clara Coronel, que a 14 de julho desse ano está assinando documentos como presidente do hospício do Carmo, em Itu. V. meu comentário, na relação que organizei dos presidentes do hospício carmelitano de Itu."

Após tais afirmações, outra nota de trabalho "Jesuíno data da ida a Itu" (doc.115, f.906-907), acrescenta dados novos que conduzem Mário de Andrade a acreditar ter vindo Jesuíno a Itu apenas aos dezessete anos.

A falta de documentação causa certa insegurança em Mário de Andrade e impele-o a consultar amigos—Tarsila do Amaral, Rodrigo, Luiz Saia—pedindo-lhes conselhos a respeito das conclusões às quais chegara.

Encontram-se, entre os manuscritos, anotações nas margens das "notas de trabalho", onde suposições são explicitadas: "não é crível", "não será?", questionamentos são levantados.

Incertezas são manifestadas: “Quem será meu Deus?”; informações nas quais o autor não pode confiar plenamente são apresentadas: “Dizem que ...”.

Diante de falhas na coleta de dados por parte dos colaboradores, na pesquisa de campo, Mário de Andrade se exaspera. Assim acrescenta a reprimenda: “Faltou copiar as referências à Patrocínio, ah, seu Acácio!” (doc.52, f.444).

Ao mesmo tempo, nos manuscritos, “lembretes” vão se somando, mostrando a mobilidade no trabalho: “reformular a nota...”, junto às fichas: “pra ir passando de parte em parte, até ver onde se possa colocar”, (doc.107, f.574-589).

Nos manuscritos, os suportes são papéis de tamanhos variados, e os instrumentos da escrita são a tinta preta, o lápis com grafite ou o de duas pontas, azul e vermelha, lápis do professor do Conservatório. Com esse lápis, Mário de Andrade traçava um x azul para descartar um texto e um x vermelho, geralmente seguido de “usado”, para designar aproveitamento.

A todo esse material, guardado pelo escritor, há que se acrescentar recortes de periódicos e notas de leitura deixadas à margem de livros, bem como de planos, esquemas, esboços, e versões com muitas etapas de redação.

Os manuscritos oferecem a possibilidade de entrar em contato com um pesquisador que, como já se disse, a todo momento preocupava-se em esclarecer detalhes e deslindar mistérios. As deduções às quais chegava nem sempre lhe ofereciam certezas. No ensaio *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, na análise sobre as obras da Matriz de Itu, Mário de Andrade externa sua perplexidade: “Estas dúvidas foram se impondo detestavelmente ao meu espírito à medida que eu examinava os quadros, e me levaram aos poucos a bem curiosas suposições.”²⁵

²⁵ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 89.

Suposições bem explicitadas nos doc.158-170 (f.1736-1951) quando, ao escrever as versões a respeito das obras da Matriz de Itu, o historiador de arte estuda as telas dessa igreja, de forma exaustiva, quer comparando-as entre elas, quer comparando-as a outras obras, como é o caso do *Batismo*. Inicia com um “Sumário” da Matriz, segue em uma “Comparação” e chega às “Conclusões” para retornar, com item II à “Matriz de Itu”; reavalia “O problema representação do assunto em Jesuíno” (ainda na Matriz), persiste “Agora numa observação mais detalhada dos processos desenhísticos desses quadros”, insiste na “observação desses quadros da capela-mór”.

Após todo esse trabalho, iniciará outra versão sobre as obras da Matriz de Itu, intitulada “IIª” e “Transcrito versão nova” para, depois elaborar a “IIIª”, com a indicação posterior da “4ª”.

Essa redação sobre a Matriz, começada em fevereiro de 1942, ainda em novembro de 1944 sofrerá as “últimas correções”, não isentas de mudanças posteriores: “tirar daqui” e “Conservar aqui esta passagem cortada”, como se pode ler no doc.170, (f.1880-1951), quando o pesquisador já trabalha nas versões

Em carta de 22 de agosto, endereçada a Francisco Mignone, é possível constatar o continuado envolvimento do escritor no trabalho:

“Só ontem e hoje tomei umas notas que, assim à primeira vista, me pareceram bem boas. Quero por isso dedicar todo o mês de setembro, dia e noite, a escrever a segunda e última parte da minha monografia sobre o pintor Padre Jesuíno do Monte Carmelo. [...]”²⁶

A “segunda parte” à qual ele se refere, diz respeito ao estudo dedicado à “Obra”, no ensaio finalizado. Além das “notas de trabalho”, os manuscritos apresentam versões da “Vida” e da “Obra” em autógrafos a grafite e datiloscritos, em fólhos sempre rasurados.

²⁶ ANDRADE, Mário de. *71 cartas de Mário de Andrade*. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: Livraria São José, s/d, p. 104-105

Após entregar ao Diretor do SPHAN o ensaio, em 1 de janeiro de 1945, em 10 de fevereiro escreve carta explicando que ainda deseja “mexer” no texto: “Desque você partiu levando o ‘meu’ Jesuíno, me bateu uma consciência pavorosa de fracasso, de medo, de, enfim, de consciência na batata. [...] A parte da biografia é que me atana, preciso reler, modificar. É preciso.”²⁷

Hoje, quando se analisa o dossiê dos manuscritos, conclui-se que Mário de Andrade continuou trabalhando em seu texto sem – felizmente – alterar esse aspecto. O confronto das versões indica que, terminada aquela que iria para o Rio de Janeiro, abrangendo “Vida” e “Obra”, o escritor manteve consigo o datiloscrito original e a cópia carbono desse texto. O exame de ambos mostra ter ele se debruçado sobre o datiloscrito original, rasurando-o a tinta preta, em ambas as partes. A seguir, a tinta azul, emenda o trecho relativo à “Vida”, versão esta que será revista, no Rio de Janeiro, por Rodrigo Mello Franco de Andrade e por Lúcio Costa, com a autorização do escritor.²⁸ Em São Paulo, Mário de Andrade, depois de inserir em sua cópia carbono as alterações que efetuara na versão apresentada ao SPHAN, esquecendo-se de algumas, acrescenta outras. Burila a vida de Jesuíno, alterando, a tinta preta, azul e vermelha, palavras e trechos. Esta última versão do ensaio encontra-se no dossiê dos manuscritos (doc.152, f.1576-1680; doc.174, f.1959-2048; doc.176, f.2125-2139) de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Este dossiê possibilita reconhecer os caminhos da criação nos quais se envolveu o autor, bem como a identificação dos processos de que se valeu, labirintos a exigir constantes paradas estratégicas, permeadas de reflexões e conclusões posteriores. Só assim, depois, poderia chegar ao enfoque mais preciso da História.

²⁷ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit., p. 187.

²⁸ IDEM, *ibidem*, p. 185-187.

II. AS MATRIZES NO TRABALHO DO HISTORIADOR DA ARTE: LEITURA E APROPRIAÇÃO

Nas bibliotecas dos escritores os livros, revistas e periódicos são matrizes de que o escritor/leitor se utiliza durante o processo de criação. Classificam-se como principais aquelas que, explicitadas ou não pela marginália, servem de raiz à elaboração de um outro contexto, aquele que surgirá após as leituras, releituras, apropriação e recriação. Além de nutrirem o novo texto, ainda explicitam a coexistência de discursos: os dos autores, já impressos, e o do escritor, ainda em elaboração. A intertextualidade entre o *scriptor* e os textos frequentados torna-se, desse modo, passível de análise.

Sendo assim, a abordagem de intertextualidade na criação do ensaio *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* focaliza as matrizes de Mário de Andrade portadoras de anotações marginais dele, bem como as matrizes sem anotações, tão ou mais importantes às vezes do que as que de fato apresentam notas pois, neste caso, os textos mais utilizados, em sua totalidade, são aqueles que menos ou que nada exibem de anotações marginais.

O diálogo com os escritores se manteve nestes últimos que, embora não fichados por ele, serviram de fonte, tanto para o conhecimento do contexto histórico, social, econômico, artístico e religioso da época, como para a elaboração da biografia de Jesuíno, ou seja, o processo de criação do personagem.

Conforme escreve Telê Ancona Lopez:

"[...] a marginália compensa, em maior ou menor grau, a perda de documentos do processo criativo; reveste-se, assim, de especial valor ao firmar insuspeitados paratextos ou calçar declarações do escritor sobre suas leituras. Temas, motivos, personagens alheios, recursos estilísticos etc. podem ser vistos nas cabeceiras da escritura mariodeandradina como ressonâncias fortuitas

e paradoxalmente inaugurais, desencadeando a criação”.²⁹

Uma vez decidido a trabalhar a respeito de Jesuíno, Mário de Andrade se debruçou sobre a bibliografia existente e, em outubro de 1941, como já se adianta no capítulo I, escreve a Rodrigo Mello Franco de Andrade:

“Quanto ao padre Jesuíno do Monte Carmelo, em princípios deste mês, dei por terminada a pesquisa bibliográfica, toda lida, relida e fichada para o meu futuro trabalho. A releitura foi necessária devido ao desconhecimento inicial do assunto, pois muitas vezes lendo um autor, este me sugeria novas idéias e novas pesquisas, não só sobre o padre-pintor, como sobre os artistas que trabalharam em Itu. E isto me obrigava a reler autores já lidos. Tudo agora está feito e organizado. O que não é muito... É incrível como os autores montam uns nos outros, ou mesmo se plagiam descaradamente. E o que é pior, se corrigem com a maior desfaçatez, quando conseguem incongruências uns nos outros, mas sem a menor documentação nem honestidade.”³⁰

As matrizes, em obras da biblioteca de Mário de Andrade ou não, ampliam o alcance do sentido de fontes ao se materializarem como diálogos intertextuais. O pesquisador freqüenta historiadores e cronistas, apodera-se das informações oferecidas por eles, estabelecendo confrontos e relações. O resultado desse diálogo evidencia-se, ou nas notas de trabalho, ou no aproveitamento e

²⁹ LOPEZ, Telê Ancona. A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação. ZULAR, Roberto (org.) *Criação em processo – Ensaio de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2002, p. 50-51.

³⁰ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1945)*. Ed. cit., p. 138.

recriação das informações obtidas, objetos da escritura do ensaio *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*.

De capital importância foram as matrizes que possibilitaram ao escritor o acesso a fontes, quando o historiador procura construir situações decalcadas na realidade histórica, aliando as informações publicadas, que diversas vezes precisa corrigir, à pequena quantidade de dados colhidos diretamente em arquivos, legítimas fontes primárias. Assim as matrizes, com ou sem anotações marginais, ingressam na escritura do ensaio sobre o pintor do barroco paulista aqui, conforme já se anunciou, referida na versão ultimada pelo autor, que deu base a texto apurado de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*.³¹

Nem toda a bibliografia indicada por Mário de Andrade se encontra na biblioteca dele, no IEB. Os livros ali não localizados atualmente, foram por ele percorridos em exemplares de outros, ou não chegaram ao IEB-USP, no conjunto do acervo bibliográfico adquirido. Mesmo assim, localizei-os na coleção do próprio IEB, formada pelos espólios Yan de Almeida Prado, Caio Prado Júnior e aquisições a partir do decênio de 1960. A fim de bem distinguir as três origens, foram criadas as indicações BMA, BYAP, BCPJ e IEB-USP.

Nas leituras de Mário de Andrade mostraram-se fundamentais para o conhecimento do contexto histórico, social, econômico, artístico e religioso da época, estes autores e estas obras:

AZEVEDO, Victor de. *Feijó; vida, paixão e morte de um chimango*. São Paulo: Anchieta, 1942. BMA (com anotações marginais)

FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*. São Paulo: Melhoramentos, s/d. BMA (com anotações marginais)

³¹ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit.

FREYRE, Gilberto. *Problemas brasileiros de antropologia*. C. E. B. Rio de Janeiro, 1943. BMA (com anotações marginais)

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de S. Paulo*, seguidos da cronologia, v. 1 e v. 2. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Eduardo e Henrique Laemmert, 1879. BMA (com anotações marginais; registram-se também trechos não anotados, mas apropriados pelo escritor: p. 107/108 e 205/208, volume 1)

NARDY FILHO, Francisco. *A cidade de Itu*, v.1. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1928. BMA (com anotações marginais).

OLIVEIRA CÉSAR, Joaquim Leme de. Notas históricas de Itu. *Revista do Patrimônio Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 25. São Paulo, 1927-1928. IEB-USP.

ORTMAN, Adalberto, frei O.F.M. Frei Antonio de Santana Galvão. *Revista do Arquivo Municipal*, nº 84, São Paulo, jul.-ago., 1942, p. 73-96. BMA (com anotações marginais).

ALMEIDA, Aluísio de. Cristóvão Pereira de Abreu. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, nº 83, São Paulo, maio-jun., 1942, p. 93-98. BMA (sem anotações marginais)

FONTOURA, Ezequias Galvão, mons. Os padres do Patrocínio. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 26. São Paulo, 1928-1929, p. 175-200. BYAP.

Objetivando a elucidação do entrelaçamento matriz-documentos-ensaio, trarei para este capítulo citações deste último, sempre que pertinentes a referências às matrizes utilizadas, bem como indicações do número do documento no dossiê, quando isso for viável.

A página 29, no capítulo III-“Itu e Jansenius”, em *Feijó; vida, paixão e morte de um chimango*, proporciona a Mário de Andrade condições de imaginar, no ambiente da época, a repercussão das

opiniões filosófica, política e moral de Feijó e dos Padres do Patrocínio. Assim como na França o jansenismo representara ameaça ao Estado, os Padres do Patrocínio eram considerados como um perigo por seus pensamentos, não só perante a Igreja local, mas também diante dos representantes do governo imperial, na vila de Itu.

Na página acima citada, nome do padre Belchior grifado por Mário de Andrade, que também apôs cruzeta na frente desse nome, escreve Victor de Azevedo:

“Em breve teria corrido por Itu a nova alarmante de que o padre Diogo andava metido em leituras proibidas. Dos seus alunos, que o procuravam na casa do padre Jesuíno, fizera um bando de hereges! Era o que constava. Assim a reação não se fez esperar. A mesma luta de que fora teatro a França, no século anterior, se reproduziu na vila, naturalmente em proporções menores. O clero local se dividiu.

“Do lado oposto, alinharam-se os defensores não só de todos os dogmas como da disciplina e da moral tradicional da Igreja.

“Tratava-se em geral de filhos de famílias abastadas e senhores de escravaria. Entre eles não era dos menos exaltados um primo irmão de Feijó, o padre Belchior de Pontes Amaral. Todos, em uníssono, apontavam à execração pública o cenóbio jansenista dos “Padres do Patrocínio”.

De posse das informações obtidas, o pesquisador destaca o papel desses padres, rigorosos na prática do ascetismo e tão importantes que chegaram a dominar, espiritual e politicamente, toda a comarca de Itu.

A história repercute na parcela “Vida”, no ensaio *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*:

“Os Padres do Patrocínio estão entre os homens mais importantes da capitania, dominam espiritualmente toda uma comarca, e isso deriva aos poucos na fatalidade do domínio político também. Feijó arregimenta liberais e arrasta consigo a maioria do clero ituano para as aspirações libertárias. Tem inimigos, se tem! O capitão-mor Vicente da Costa Taques Góis e Aranha, pai daquele padre-mestre Manuel Floriano que ensinara o latim a vários padres do Patrocínio, acaba de denunciar Feijó como “homem perigoso e cheio de ideias criminosas de liberdade”.

“Pior que ele é João de Medeiros Gomes, ouvidor de Itu.[...] Pois logo a 3 de novembro seguinte, a informação para São Paulo, do ouvidor João de Medeiros Gomes é terrível. Esses padres são uns falsos que, debaixo da capa de “pios e honestos fins”, se utilizam do confessionário e “do sexo feminino”, pra “fomentar a desordem no seio das famílias e a desunião entre as pessoas da vila”, “em seu interesse particular”. São “anticatólicos e vingativos”. [...] E o mais hábil entre eles, o padre Diogo Antônio Feijó, [...] que também assina o requerimento, é um intrigante que, por ocasião de uma querela de lenocínio dada contra ele no Juízo Eclesiástico dessa cidade, se mudou da vila de São Carlos, onde era morador, e se uniu a outros padres de Itu, afetando mui diverso caráter”.³²

Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, de Florence e *Problemas brasileiros de antropologia*, de Gilberto Freyre, bastante se prestaram ao propósito do escritor de esboçar o contexto histórico, econômico, artístico e social de Itu, no período 1733-1831. O diálogo do leitor com essas obras se expressa em *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, quando o escritor molda (p. 40-48) a história da vila, decalcando-a

³² IDEM, *ibidem*, p. 75-76.

nos costumes dos paulistas, fundadores de tantos povoamentos: “É que os ituanos partiam sempre, indo fundar cidades por aí”.³³ O texto caminhará, então, da pobreza quase absoluta que dominara a vila em 1733, à opulência de uma “arrancada artístico-religiosa”,³⁴ testemunhada por Jesuíno, por volta de 1780.

Além das informações colhidas no livro, Hercules Florence também é objeto de atenção de Mário de Andrade, quando ele se concentra no canto dos remadores. No trecho que o leitor/historiador realça com dois traços verticais e um em diagonal no parágrafo, encontra-se grifado por ele “buzina”. O fato de esse instrumento se achar sublinhado, une o ensaio sobre o Padre Jesuíno ao Dicionário Musical Brasileiro de Mário de Andrade:

“Cantam então os remadores; com grito jovial ferem os ares, ao passo que os proeiros batem com a mão no chato da pá e à proa, onde estão sempre de pé, redobram em cadência o sapateado habitual. Com todo esse ruído festivo foi que entramos nas águas do Paraná.

“Para chamar os *Caiapós*, tocou o guia buzina [...]”

Essa musicalidade repercutirá no ensaio quando o escritor insere refrão resultante de pesquisa própria sobre o samba de terreiro: “Batuque na cozinha, sinhá não quer...”.³⁵

Em Gilberto Freyre, Mário de Andrade colhe informações a respeito do que representou, para a Província de São Paulo, a vila de Itu, nas palavras do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, em carta de 1856 (p. 114-115):

³³ IDEM, *ibidem*, p. 48.

³⁴ IDEM, *ibidem*, p. 47.

³⁵ IDEM, *ibidem*, p. 42.

"Dessa 'civilização' o último centro teria sido Itu: 'Itu veio a ser em certo sentido quase a antítese da cidade de S. Paulo e o centro onde o velho paulistano se refugiou i. e. quanto ao sul da Província. [...]"

"Se V. S.^a pudesse ver os quadros das nossas igrejas em Itu ou tivesse visto as decorações de algumas velhas casas, veria quão pronunciado era o gosto das belas artes no século p.p. e quão insignes artistas então tivemos."

Colhe dados e os transforma em um texto:

"Os ituanos do século, mais que a outra gente da capitania, primavam pelo apego às artes e decorações das igrejas, e das próprias casas. Representavam a 'civilização' bandeirante do paulista velho, diria cinquenta anos mais tarde o dr. Ricardo Gumbleton Daunt, saudosistamente."³⁶

De acordo com Daunt, os bandeirantes mais velhos, certamente os mais abonados, haviam feito de Itu um centro, onde promoveram o desenvolvimento das artes. Ao invés de permanecer em São Paulo, então apenas local de chegada e partida dos bandeirantes, lugar de simples passagem, as famílias optaram por se estabelecer na vila de Itu, enriquecida pela cultura da cana de açúcar. Esse desenvolvimento responsabilizou-se, ali, pela opulência das igrejas, das festas e dos rituais litúrgicos. Criou condições para que a vila se mostrasse terreno fértil ao despertar de idéias políticas libertárias. Os ideais jansenistas sustentados pela congregação dos Padres do Patrocínio, acabaram sendo abafados por algum tempo, após Feijó mudar-se de Itu para Portugal, onde exerceria funções legislativas, mas ressurgiram, com mais vigor, ao ponto de a vila se tornar sede da Convenção Republicana, em 18 de abril de 1873, base à

³⁶ IDEM, ibidem, p. 44-45.

proclamação da República o que, depois, justificou-lhe os títulos de Terra da Convenção e Berço da República.

Essenciais ao conhecimento de detalhes a respeito da história de Itu foram os *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de S. Paulo*, v. 1 e v.2, de Manuel Eufrásio de Azevedo Marques (1879). Na tentativa de entender o motivo pelo qual nessa vila de Itu, no interior da Capitania de São Paulo, haviam se abrigado tantos artistas e florescido as belas artes, o leitor deseja reter a história desde os primórdios, para isso percorrendo o texto, deixando no livro suas marcas à abordagem de personagens de relevo (p. 18-19, 27, 32, 152, 161, 164, v. 1 e 104, 105, 140/142, v. 2).

Trata-se de levantamento de personagens importantes para a história de Itu.

A respeito do v. 1 desse livro, com anotações marginais do leitor/escritor, deve-se lembrar também a utilização, por parte de Mário de Andrade, de trechos sem anotações, como é o caso das notícias a respeito do Convento do Carmo em São Paulo e em Santos (p. 107-108), bem como dos informes detalhados a respeito da fundação de Itu, com registro de datas importantes para a cidade, além de relação completa e data de edificação das onze igrejas nela construídas, desde 1679 até 1867 (p. 205-208).

Tais informações foram incorporadas pelo escritor que aproveita, no ensaio, datas de construção e inauguração das mesmas,³⁷ bem como detalhes a respeito dessas construções e inaugurações, sendo que interessou também a reforma da Matriz executada pelo padre Elias do Monte Carmelo, filho de Jesuíno: "[...] tempo da reforma do padre Elias, isto é, 1831."³⁸

A cidade de Itu, de Francisco Nardy Filho (1928) é, das matrizes, a que mais apresenta notas marginais. Nardy foi bastante

³⁷ IDEM, *ibidem*, p. 45.

³⁸ IDEM, *ibidem*, p. 136.

freqüentado pelo pesquisador, não apenas nesse livro, como também nos artigos em periódicos, como o atestam os recortes presentes no dossiê dos manuscritos (doc.58-65). As anotações marginais assinalam, com traços repetidos (chegam até a três), informações a respeito da chegada dos frades franciscanos em Itu, catequizadores dos índios carijós, antigos habitantes dessa região, cujos caciques tinham ido até Bertioga, em auxílio de Martim Afonso de Sousa (p. 31-39). Referências a Itu como “ponto de parada e descanso das bandeiras” (p. 34) e informações a respeito da fundação desta e de Sorocaba. Todas as notas marginais dão destaque à história da vila de Itu (p. 77-96), e às informações sobre a fundação do Convento de São Luís, da igreja de São Francisco e da capela de Santa Rita.

Em *A cidade de Itu*, o pesquisador enriquece suas informações sobre a fundação desta cidade, compreendendo-a no contexto histórico, expandindo seu conhecimento no que diz respeito às construções e reformas das igrejas, da história das irmandades, de datas importantes para a criação do ensaio.

As referências biográficas a personagens ilustres que viveram na vila, de 1679 a 1869, Joaquim Leme de Oliveira César traz em suas “Notas históricas de Itu” (p. 47, 49, 51, 54-80). Dos aproveitados no ensaio, o destaque maior está para Diogo Antonio Feijó, José Patrício da Silva Manso, Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, depois padre Jesuíno, e seus filhos Elias do Monte Carmelo, Eliseu e Simão Stock.

A análise do artigo de Adalberto Ortman, “Frei Antonio de Santana Galvão”, p. 73-96, objetivou enriquecer os conhecimentos do leitor a respeito de hábitos e comportamentos dos Padres do Patrocínio, excessivamente exigentes com as próprias condutas, alguns deles chegando mesmo a se auto flagelar, a exemplo do que fizera o “respeitadíssimo” frei Galvão:

“E junto desses homens verdadeiros, também já talvez
atenazado pela presença do padre Manuel da Silveira,

místico que atingia os maiores exasperos, padre Jesuíno do Monte Carmelo sentia-se baixo, pecador, manchado de imperfeição irremediável.

“Nos dias de disciplina dos Padres do Patrocínio, ele era dos que mais se chicoteavam, acrescentando à força irritada do temperamento místico o delírio da hipersensibilidade do artista. E carece não esquecer que tudo isso se coadunava perfeitamente com a vida mística. Pouco tempo antes, não conseguindo por seus frágeis argumentos reconciliar dois inimigos, frei Antônio de Sant’Ana Galvão, em pleno púlpito, tirando a disciplina, se castigara horivelmente, ante o horror deliciado do público.”³⁹

Também se mostrará útil para a coleta de música de acalanto, pois na página 93 encontra-se uma canção, grifada toda ela e com sinal de cruzeta à margem:

“D. Isabel Leite de Barros, muitas vezes, embalando suas três filhas com o nome de Ana, teria cantado: “Senhora Sant’Ana–ninai minha filha–vede que lindeza–e que maravilha... Esta menina–não dorme na cama–dorme no regaço da senhora Sant’Ana.” Assim também terá cantado muitas vezes, ninando o filho que mais tarde devia chamar-se frei Antonio de Sant’Ana Galvão.”

Mais informações a respeito da evolução política da vila de Itu, nos primórdios de sua formação, são colhidas na leitura de Aluísio de Almeida, p. 93-98. O personagem Cristóvão, figura importante no processo de povoamento do sul e sudeste do Brasil, carrega consigo o enfoque histórico da região de Itu e, ao que tudo indica, o objetivo de Mário de Andrade na consulta a este texto deve ter sido conhecer

³⁹ IDEM, ibidem, p. 69.

mais a respeito do assunto, no período de 1727 a 1756, ainda que depois, a esse momento, se referisse em rápida passagem no ensaio: “Em meados do século o comércio de animais já se passara para a vila de Sorocaba.”⁴⁰

Finalmente bastante utilizado, no que diz respeito ao conhecimento da época do artista é o texto “Os padres do Patrocínio”, de mons. Ezequias Galvão Fontoura. Galvão Fontoura reconhece as dificuldades inerentes a um estudo sem documentação histórica alicerçar as afirmações, mas assegura se valer do fato de ter vivido com integrantes da Corporação daqueles padres e com amigos íntimos de familiares de Jesuíno. De suas impressões se apropriará o pesquisador no que diz respeito às referências históricas, que focalizam em especial o aspecto religioso, explicitadas na página 176: “Cada família fazia questão de ter em seu seio pelo menos um sacerdote [...]”, inserindo-as no ensaio: “Concentração de famílias ilustres, com a lei sabida de ter um padre em cada leva de filhos, [...]”.⁴¹

Quanto ao aproveitamento dos textos lidos por Mário de Andrade, no que diz respeito à abordagem do aspecto biográfico, incluir-se-á a análise do pesquisador da arte pictórica de Jesuíno, uma vez que o historiador de arte necessitava reconhecer a autoria das obras atribuídas ao padre até para, através disso, conseguir estabelecer datas, as quais elucidariam dúvidas a respeito da vida do artista. O critério aqui adotado para a citação das obras analisadas será o de enunciar antes as que tiveram aproveitamento apenas no que diz respeito à biografia de Jesuíno e, após, as que contribuíram, ao escritor, ao enfoque do aspecto artístico propriamente dito. São elas:

⁴⁰ IDEM, *ibidem*, p. 41.

⁴¹ IDEM, *ibidem*, p. 44.

AZEVEDO, Victor de. *Feijó; vida, paixão e morte de um chimango*. São Paulo: Anchieta, 1942. BMA (com anotações marginais).

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de S. Paulo*, seguidos da cronologia, v. 2. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Eduardo e Henrique Laemmert, 1879. BMA (com anotações marginais).

NARDY FILHO, Francisco. *A cidade de Itu*, v.1. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1928. BMA (com anotações marginais).

FONSECA, Antonio Augusto da. Tipos ituanos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*. v. 1. São Paulo, 1895. IEB. Biblioteca Yan de Almeida Prado.

FONTOURA, Ezequias Galvão, mons. Os padres do Patrocínio. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 26. São Paulo, (1928) 1929, p. 175-200. IEB. Biblioteca Yan de Almeida Prado.

FREIRE, Paulo Aurisol C. Um artista notável. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. v. 37. São Paulo, 1939. IEB.

HANNAH, Levy. A pintura colonial no Rio de Janeiro. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 6. Rio de Janeiro, 1942. BMA (com anotações marginais).

JARDIM, Luiz. A pintura decorativa em algumas igrejas antigas de Minas. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº3. Rio de Janeiro, 1939. BMA (sem anotações marginais).

Em Victor de Azevedo (1942), no capítulo III, "Itu e Jansenius", Mário de Andrade encontrará dados indicativos da versatilidade do espírito de Jesuíno: "Artista de sensibilidade, revelava as suas extraordinárias aptidões, com a mesma facilidade e a mesma graça, tanto na pintura, como na música, na arquitetura e no canto" (p. 27).

Esse capítulo mostra-se fértil ao enriquecimento do personagem central do ensaio, já que o autor nele escreve a respeito de Jesuíno, fundador da congregação dos Padres do Patrocínio, além de focalizá-lo como indivíduo, sacerdote, artista e grande amigo de Feijó, seu confessor.

A biografia de Jesuíno do Monte Carmelo está nos *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de S. Paulo*, de Manuel Eufrásio de Azevedo Marques (1879) onde, no volume 2, nas páginas 10 e 11, encontram-se duas notas marginais de Mário de Andrade que equivalem a notas de trabalho. Esse trecho, conforme já se explicou acima, discorre a respeito de dados biográficos do padre pintor. A primeira contesta a atribuída data de viuvez de Jesuíno tal como aparece neste texto, baseado em Oliveira César, no próprio Oliveira César e no de Monsenhor Ezequias Galvão, de 13, para 15 de abril, data esta que figura em documento apresentado em “Um artista notável”, de Paulo Aurisol Cavalheiro Freire, página 576, também matriz aos trabalhos de Mário de Andrade.

A respeito desses autores, o próprio Mário de Andrade escreve em “Uma carta do Padre Jesuíno do Monte Carmelo”, artigo publicado na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (1941):

“A biografia de Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, posteriormente Padre Jesuíno do Monte Carmelo, é conhecida principalmente pelo que escreveram Joaquim Leme de Oliveira César, Antonio Augusto da Fonseca e Monsenhor Ezequias Galvão da Fontoura. Azevedo Marques não fez mais, nos seus preciosos ‘Apontamentos’, que reproduzir dados que lhe foram fornecidos pelo mesmo Oliveira César, aliás contradizendo um pouco o que já escrevera nas ‘Notas históricas de Itu.’

“Todos esses biógrafos do Pe. Jesuíno são bastante deficientes, cometendo mesmo algumas desatenções lastimáveis, que vêm sendo repetidas por muitos. Ainda recentemente o sr. P. Paulo Aurisol Cavalheiro Freire (*Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo*, v.37), consultando o processo de ordenação do artista, pode retificar vários enganos tradicionais.” (p. 207-208).

O pesquisador indica aproveitamento das informações contidas no texto de Cavalheiro Freire, na nota 15, página 262 de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. A segunda nota se refere ao “recolhimento das educandas”: “Não se trata de ‘recolhimento de educandas’, mas do Recolhimento das Mercês”. A correção, com certeza, não foi colocada na leitura inicial, visto que essa dúvida apenas se esclareceu após leitura do testamento do padre Elias (doc.12, f.169-191, no dossiê) e no contato com uma aquarela de Miguel Arcanjo Benício da Silva Dutra, datada de 1845, exposta no Museu Republicano de Itu. Mário de Andrade explica o fato na nota 20 de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*:

“Isso, tanto mais que um dos filhos de Jesuíno, o padre Elias do Monte Carmelo, criou de-fato um convento de freiras, cujas irmãs, sem serem educadoras propriamente, recolhiam meninas pobres e lhes davam ‘educação conveniente ao seu estado e os diversos serviços domésticos’. Uma espécie de Escola Doméstica...

Daí o nome primitivo da instituição do padre Elias, Casa das Educandas, que Cavalheiro Freire recusou sem razão. As provas desse nome são numerosas e decisórias. ‘Casa das Educandas’ diz quem tinha mais autoridade para o dizer, o próprio padre Elias, seu fundador, no testamento que deixou (f. 8 do seu

Inventário, Maço 52, Cartório do 1o Ofício, Itu). Parece aliás que o nome popular mais frequente era 'seminário das Educandas'. Assim vem dizendo o escrivão, imediatamente na aprovação desse testamento, e assim está no título de uma aguarela de Miguel Arcanjo Benício da Silva Dutra, datada de 1845 e conservada até agora no Museu Republicano de Itu."⁴²

A cidade de Itu, de Francisco Nardy (1928), obra já referida neste capítulo, é recorrentemente citada no ensaio, pois expõe informações valiosas, tanto no que diz respeito à parte pictórica, como no que concerne a detalhes de construção, inauguração e restauro de igreja decorada por Jesuíno (p. 83,134-135,138-139,244,246-254,256,263-264,271,273,276,279,295,297). Nardy traz informes detalhados a respeito de quem foram os priores do Carmo e, através dele, Mário de Andrade percorre trajeto necessário à elucidação de dúvidas oriundas da falta de documentação. É o historiador ituano que lhe permite situar o Dr. Teotônio da Silva Gusmão, como o avô materno de Jesuíno, de acordo com a certidão de batismo do artista, fonte primária incontestável (p. 56).

Notícias sobre a Matriz de Itu, referências aos trabalhos de entalhe e à obra pictórica, com atribuição do douramento dos altares e do teto a José Patrício da Silva Manso, e das pinturas dos quadros das paredes da capela mor a Jesuíno Francisco de Paula Gusmão é o que trazem as p. 69-77, todas elas quase que na totalidade assinaladas, também indicando a importância do texto ao pesquisador. Duas notas do escritor: a primeira faz menção a duas telas de Almeida Júnior que Nardy afirmava estarem na sacristia, ao que Mário de Andrade observa, à margem "Estão na nave hoje" e a segunda, mais complexa, trata de trecho a respeito de Saint Hilaire (p. 77). Escreve Nardy:

⁴² IDEM, *ibidem*, p. 269-270.

“O sábio viajante francês, A. de Saint Hilaire, em seu interessante livro *Voyages dans les provinces de Saint Paul et Saint Catherine*, referindo-se à Matriz de Itu, diz: ‘é decorada com gosto e conservada com apurada limpeza. Com uma extensão de 57 passos de comprimento, tendo de cada lado da nave dous altares, além de outros colocados obliquamente, na entrada da capela mor, com colunas magnificamente torneadas e douradas. O seu teto é pintado de belas pinturas por um artista, que, apesar de não ter tido escola nem bons modelos, demonstra, contudo, qualidades admiráveis.”

E o leitor anotarà: “a primitiva matriz já possuía 4 altares laterais na nave! Engano do S. H.? (1)”

No rodapé, a nota “(1) Quem fez a nota acima não notou o engolimento da vírgula entre ‘outros’ e ‘colocados’, que esclarece a lição do texto. S. Hilaire está se referindo especialmente aos dois altares de ligação do arco-cruzeiro com a nave.”.

O pesquisador absorve informações minuciosas sobre o Convento de Carmo (p. 113-120), que o auxiliam na elucidação de detalhes da arte do padre pintor; sublinha e comenta, na margem, a questão do nascimento de Jesuíno em 1764 (p. 114), ou a história do padre no Convento do Carmo. É então que destaca com traço à margem e grifos este parágrafo, à página 117:

“A 2 de abril de 1917 chegam a Itu os Frades Carmelitas Frei Maurício Lans e Frei Bruno Nielen, que vinham restaurar e habitar o velho Convento.

“Em maio desse mesmo ano foram iniciadas as obras de restauração desse Convento, as quais ficaram concluídas em fevereiro do ano seguinte.

"Restaurado o Convento iniciou Frei Maurício a restauração da igreja, obra essa terminada em 1919."

De posse desta informação, Mário de Andrade entra em contato com Frei Maurício e, no ensaio, esclarece:

"Mas pelo que nos conta e o que ficou, podemos garantir que sobrou da destruição um teto inteiro de Jesuíno Francisco de Paula, nave e capela-mor. Isto me confirmaram frei Maurício Lans que promoveu a reforma de 1918, quando prior de Itu, e o pintor que fez a restauração."⁴³

Quanto aos dados sobre a Patrocínio, Jesuíno, família, e auxiliares na construção dessa igreja (p. 121-127), a página 126 apresenta importantes informações a respeito do padre, com nota de trabalho à margem ("Jesuíno arquiteto, entalhador, músico"). Nardy escreve:

"O Padre Jesuíno era ao mesmo tempo o arquiteto que delineava a planta do edifício, o mestre que dirigia as obras. O arquiteto artífice que com a tralha trabalhava na sua construção, o artista que ia compondo as músicas que seriam executadas na inauguração do novo templo."

E assim recriará o escritor no ensaio, em quase reprodução de sua própria nota, acima referida ("Jesuíno arquiteto, entalhador, músico"): "A mais curiosa e importante figura da arte colonial paulista é o padre Jesuíno do Monte Carmelo, músico, pintor, arquiteto e talvez entalhador."⁴⁴

Continua Nardy:

⁴³ IDEM, *ibidem*, p. 138.

⁴⁴ IDEM, *ibidem*, p. 37.

"Aí, nessas obras, sob a direção do Padre Jesuíno, trabalhavam dois ituanos que, embora a sua condição humilde, aqui devemos citá-los, porque à sua perícia, a seu trabalho inteligente se devem não poucos trabalhos de arte que se admiram ainda hoje em nossos templos, são eles, o mestre carpinteiro Antonio Luiz Penalva e seu digno filho, o contramestre Bento José Labor, conhecido pelo nome de-Bento Pombinho." (p. 127).

Mário de Andrade não deixará de lado tal informação, assim a reaproveitando:

"De arquiteto, Jesuíno se converte em mestre-de-obras. Ele mesmo dirige a construção. Apenas quando muito se aconselha com dois operários ituanos, que embora muito práticos não bastam pra evitar a fragilidade do edifício, o mestre carapina Antônio Luís Penalva, e o seu filho, o contramestre Bento José Labor, mais conhecido por Bento Pombinho."⁴⁵

Nardy, ao discorrer sobre Saint-Hilaire (p. 127):

"O ilustrado viajante francês Saint-Hilaire, em seu livro *Voyage dans les provinces de Saint Paul et Sainte Catherine*, referindo a sua visita a Itu, a igreja do Patrocínio, diz – 'Esta é a mais bonita de todas, é muito bem decorada e preparada com gosto'."

⁴⁵ IDEM, *ibidem*, p. 63.

igualmente é fonte do historiador do SPHAN, que escreverá, no ensaio: "É a igreja mais bonita de Itu, dirá três anos depois Saint-Hilaire, a mais cuidada e de bom gosto."⁴⁶

Mário de Andrade ficcionista e historiador é quem se liga ao artigo de Antonio Augusto da Fonseca, "Tipos ituanos" (1895), pois, nele é possível ao leitor conhecer o diálogo de Jesuíno com Frei Tomé (p. 6), recontado no ensaio de forma ficcional,⁴⁷ evidenciando o fato de que Jesuíno só se preparou para o sacerdócio quando morava em São Paulo.

De acordo com as conclusões às quais chegou o pesquisador, este texto traz afirmações equivocadas a respeito da vida do padre, como o fato de que a igreja do Carmo, em Itu, teria sido pintada por ele logo após a viuvez, e o fato de, nessa mesma época, ele ter aprendido o latim com Frei Tomé.⁴⁸ Apesar disso, e após realizar os devidos ajustes, o pesquisador se utilizou de dados e até mesmo de trechos contidos no trabalho de Fonseca. É o caso das afirmações de Emílio Zaluar e do senador mineiro Firmino Rodrigues da Silva (p. 8-9), no que diz respeito às impressões que ambos, em momentos diversos, tiveram sobre o estilo da igreja do Patrocínio.⁴⁹ Zaluar, em 1858, o classificara de gótico e o senador mineiro, mais tarde, dissera tratar-se de um estilo diferente, original.

O destaque à influência política da Congregação dos padres agregados a Jesuíno revestiu-se de importância ao estudo de Mário de Andrade, a isso contribuindo Monsenhor Ezequias Galvão Fontoura, com "Os padres do Patrocínio" (1928-1929):

"Nos dias úteis, a reunião do clero era na casa do Padre Jesuíno para a recitação do ofício divino e preleção teológica; aos domingos na Igreja Matriz,

⁴⁶ IDEM, *ibidem*, p. 69.

⁴⁷ IDEM, *ibidem*, p. 54-56 e p. 245.

⁴⁸ IDEM, *ibidem*. p. 264, nota 17.

⁴⁹ IDEM, *ibidem*, p. 285, nota 33.

perante grande concurso de seculares para controvérsias teológicas, havendo renhida discussão sobre pontos contravertidos.”,

com o seguinte aproveitamento, em *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*: “A casa dele regurgita agora de padres, de parentes, está como ele quer! Fixam-se reuniões diárias pra recitação do ofício divino”.⁵⁰

Desse artigo também se aproveitará o escritor/leitor no que diz respeito no auxílio ao sustento da casa de Jesuíno (p. 193):

“E eles tomam o alvitre de manter na chácara que o padre Feijó comprara lá no fim da rua da Palma, para as bandas da futura Santa Casa, uma lavoura de chá e uma olaria, que ao menos lhes permita adquirir o mantimento para a mesa e os pobres.”⁵¹

Matriz bastante importante e de conteúdo elucidativo se mostrou o texto de Paulo Aurisol C. Freire, “Um artista notável” (1939), uma vez que apresenta, como já foi dito neste capítulo, certidões importantes (p. 571-576). Nesta última o autor alude à reclusão a que se impôs Jesuíno após a viuvez, quando opta por usar um hábito negro de algodão, bem como esclarece ter o pintor ido a São Paulo apenas após finalizar os trabalhos da Matriz e da igreja do Carmo em Itu. Assim sendo, dúvidas a respeito de assuntos fundamentais acabaram por se esclarecer, e o ensaio se viu enriquecido com detalhes a respeito da filiação de Jesuíno e da data de sua ordenação, com registro transcrito nas p. 576-577.

Quanto aos trabalhos de talha ou de pintura no Carmo de Santos, atribuídos por Cavalheiro Freire a Jesuíno (p. 577), escreve Mário de Andrade:

⁵⁰ IDEM, *ibidem*, p. 66.

⁵¹ IDEM, *ibidem*, p. 75.

“Os quadros dos retábulos dos altares laterais da igreja conventual do Carmo, são com efeito muito ‘jesuínicos’. Mas esses retábulos têm estilo tão anterior à época de Jesuíno que não consigo me decidir [...] Minha sensação mais legítima é que Jesuíno viu, contemplou, examinou muito esses quadros, quando menino se ensaiava na pintura. Quem sabe mesmo se os copiou? E deles guardou memória viva e fecundante. Mas esses quadros não são dele.”⁵²

E no que diz respeito aos dez quadros dos Doutores da Igreja: “Quanto aos dez quadros dos Doutores da Igreja, guardados atualmente no museu da Cúria Metropolitana de São Paulo, eu creio que não são de Jesuíno.”.⁵³

O historiador Joaquim Leme de Oliveira César, nas “Notas históricas de Itu” (1927-1928), apresenta várias afirmações questionadas por Mário de Andrade, atitude expressa tanto no doc.104 dos manuscritos, como também no ensaio publicado. Na página 51, Oliveira César escreve, a respeito da Matriz de Itu:

“[...] os grandes quadros que ornaram o corpo da igreja, capela mor e sacristia são devidos à habilidade de Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, depois Padre Jesuíno do Monte Carmelo, de quem oportunamente daremos circunstanciada notícia.– Se estes quadros não podem ser comparados com os dos eminentes artistas, é admirável, todavia que, sem os estudos dos grandes mestres, e dos exemplos que nos deixaram por modelo, Jesuíno de Gusmão só provas de sua fecunda imaginação nos dá nas pinturas da Matriz, Carmo e Patrocínio. Por seu turno trataremos destas.”

⁵² IDEM, *ibidem*, p. 85.

⁵³ IDEM, *ibidem*, p. 165.

Ao que Mário de Andrade contesta:

“Porém, a meu ver, a obra de Jesuíno na Matriz se restringe aos doze quadros da capela-mor. O problema do *Batismo* rejeita a autoria do nosso artista para os dois quadros do batistério, como pretendo demonstrar. E quanto às demais pinturas existentes na igreja, contrariando a tradição em que se apoiou Oliveira César, nada autoriza sequer a hipótese de serem de Jesuíno. Alguns quadros são garantidamente de Almeida Júnior e a coleção de telas atualmente adornando o teto da sacristia foram executados neste século.”⁵⁴

Nova contestação no que diz respeito à data em que se decidiu construir o corpo da igreja do Carmo, em Itu, considerando haver muito engano em suas afirmações.⁵⁵

Do texto desse historiador Mário de Andrade também extraiu dados biográficos que enriquecerão o escrito sobre o padre pintor (p. 64-69). Trata-se de detalhes a respeito da sua vida (como a referência ao uso do burel negro, depois da viuvez—já citado quando da análise do texto de Azevedo Marques e de Cavalheiro Freire), de informações sobre a construção da igreja do Patrocínio e de esclarecimentos a respeito da vida de Feijó.

No trabalho de pesquisa, outro grande problema: que obras eram, de fato, de Jesuíno? Muito se atribuía a ele, mas a tradição oral podia estar enganada no que dizia respeito à arte realizada em um tempo em que o artista não se preocupava em registrar a sua autoria. Na tentativa de resolver este impasse, o historiador de arte

⁵⁴ IDEM, *ibidem*, p. 133.

⁵⁵ IDEM, *ibidem*, p. 133.

foi buscar subsídios em autores que analisassem a arte colonial brasileira.

Nesse aspecto, bastante importante foi o artigo de Hannah Levy, "A pintura colonial no Rio de Janeiro" (1942). É possível identificá-lo, em suas considerações da página 31, nas opiniões de Mário de Andrade ao analisar as obras da Matriz de Itu. A autora se refere à pintura colonial fluminense, de retratos em corpo inteiro, à semelhança dos "retratos" de santos também de corpo inteiro, de Murilo, e o pesquisador discorre, no ensaio, a respeito da "Maria murilóide do *Presépio*", da "Maria com ar Murilo", ou ainda escreve "No 'presépio', sem parecer, lembra Murilo, o ar 'murilo', aquela virtude sem gosto dos incapazes de pecar."⁵⁶

Na página 62, se lê em Hannah:

"Não encontramos, pois, na pintura colonial fluminense traços tipicamente brasileiros ou luso brasileiros. No entanto, podemos verificar a repetição quase uniforme dos detalhes [...]. E com isso, voltamos ao nosso ponto de partida, pois é essa uniformidade característica que revela claramente, ao nosso ver, uma fonte comum de inspiração dos pintores coloniais. Acreditamos que essa fonte tenha sido: gravuras europeias (registros de santos, gravuras de canonização, estampas que ilustram missais, os livros de compromissos das irmandades, livros de preces, bíblias, etc.)."

A fonte de inspiração em gravuras, no ensaio, se expressa em: "Só mais um detalhe quero salientar. Se o cachorro monstrengo dos *Discípulos de Emaús* é inaceitável ao realismo oitocentista, a que

⁵⁶ IDEM, *ibidem*, p. 105 e 339.

estes quadros afinal correspondem, e sugere muito a gravura antiga [...].”.⁵⁷

Além de oferecer tais dados, de especial valia a Mário de Andrade foi esse artigo de Hannah Levy, no que diz respeito à análise do quadro “O batismo do Cristo”, na Matriz de Itu, atribuído a Jesuíno. Escreve a autora:

“Não é preciso, pensamos, enumerar, uma a uma, todas as pinturas coloniais do Rio para provar que, na concepção do assunto, todas elas correspondem perfeitamente à nova iconografia que se formou, na arte europeia, a partir do fim do século XVI. Limitamo-nos, pois, a demonstrar este fato com um último exemplo: a representação do batismo da igreja da Santa Casa. (fig.7) As modificações introduzidas pela arte do século XVII nas representações deste terão sido as obras que, a partir do século XVII, não mostrem o Cristo coberto por um grande lençol, cujas extremidades, às vezes, são seguradas por anjos.”(p. 52-53).

E ainda: “No ‘Batismo de Cristo’ do batistério da igreja da Santa Casa não se deixa de reconhecer uma influência acentuada da escola de Sebastiano del Piombo, o que se verifica também no ‘Ecce Homo’ do convento de S. Antônio.

O estudo crítico de “O batismo de Cristo” se evidenciará, tanto nos manuscritos, doc.167, f. 1849-1850, como no ensaio, ao final da análise das obras da Matriz, quando o historiador explora o assunto detalhadamente:

⁵⁷ IDEM, ibidem, p. 111.

"Agora só me falta comentar de passagem o problema do BATISMO-cópia. Existem desse quadro pelo menos quatro exemplares. O mais habilmente técnico está no Rio de Janeiro, no batistério da igreja da Santa Casa, e foi reproduzido no nº 6 da *Revista do SPHAN*".⁵⁸

E ainda:

"A sra. Hannah Levy, no seu estudo sobre A pintura colonial no Rio de Janeiro (*Revista do SPHAN* nº 6, p. 54), nos diz que 'é fato muito conhecido ter a arte religiosa dos séculos XVII e XVIII preferido, antes de tudo, as representações de visões celestes, os momentos de exaltação, os acontecimentos milagrosos, as cenas de massa e os martírios. Ora, podemos notar que tais representações, tão características da arte religiosa barroca, são relativamente raras na pintura colonial fluminense. Não deixam, porém, de existir.'⁵⁹

Utilizando-se desta abordagem, Mário de Andrade faz reflexões quanto aos exemplares desse quadro: além daquele que se encontrava no Rio de Janeiro, um paulistano e mais dois em Itu, dizendo sua impressão de que "o *Batismo* do Rio, cópia ou original trazido da Europa, foi repisado, em reminiscência, pelo pintor anônimo do museu da Cúria. Este foi recopiado [...]", afirmando que "[...] figura no batistério de Itu. E deste autor é que Jesuíno Francisco recopiou o seu *Batismo*, talvez o primeiro dos seus quadros de pintor aprendiz, talvez o primeiro dos seus quadros grandes, depois dos frágeis e perdidos ensaios santistas".⁶⁰

⁵⁸ IDEM, *ibidem*, p. 111.

⁵⁹ IDEM, *ibidem*, p. 164.

⁶⁰ IDEM, *ibidem*, p. 114.

Imprescindível, também, anotar que a partir do texto de Hannah Levy, na página 59:

“Hesitamos em propor uma hipótese para explicar o caráter estático, sóbrio e, de um modo geral, não barroco das pinturas fluminenses uma vez que, certamente, se tornará estranha pelo seu aspecto extraordinariamente singelo: os pintores coloniais fluminenses evitaram a representação das cenas extáticas, agitadas, místicas da arte barroca, preferindo-lhes as cenas mais calmas, mais concretas, e, contudo, mais simples, porque a representação destes últimos assuntos era mais fácil de realizar-se.”

o escritor assegurará, à margem, “Pioneirismo pictórico já nacional”, identificando nessa característica da pintura colonial fluminense o gérmen da arte pictórica brasileira.

Ainda no que diz respeito à pesquisa da arte colonial brasileira, bastante utilizado foi o trabalho de Luís Jardim, “A pintura decorativa em algumas igrejas antigas de Minas” (1939).

Em carta de 3 de dezembro de 1941, ao amigo e diretor do SPHAN, Rodrigo, Mário de Andrade fala da necessidade de ter em mãos informações comprobatórias de que “[...] era costume também no Brasil inaugurar as igrejas antes destas estarem acabadas na sua decoração interna.”⁶¹

É exatamente isso que este texto de Luís Jardim mostrará ao pesquisador do SPHAN, que assim se manifesta a propósito da igreja do Carmo em Itu:

“E em 1781 via-se completa a obra. Mas ‘obra completada’ não significa igreja decorada.”⁶²

⁶¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit., p. 145.

⁶² ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit. p. 133.

Essa preocupação estava relacionada à falta de documentos históricos, comprobatórios de datas das pinturas feitas por Jesuíno, nas igrejas de Itu ou de São Paulo. A verdade é que Mário de Andrade se via obrigado muitas vezes a “interpretar” os fatos, conforme confessa, mais de uma vez: “Continuo minha interpretação”.⁶³

Outra informação importante colhida no texto de Luís Jardim é a que diz respeito ao fato de que “As estampas e vinhetas dos missais antigos terão muitas vezes servido de modelo e inspiração.” (p. 75), assim apropriada pelo escritor:

“Mas eis que a observação dos quadros de Jesus nos propõe mais outro mistério. É que dois destes quadros, os únicos paisagísticos da coleção toda, e relatando fatos ao ar-livre (n^{os} 9 e 12), são certamente mais bem ‘desenhados’ que os demais do seu grupo, e mesmo ‘pintados’ com tal insistência de descritividade desenhística, menos aproveitadores da plasticidade do óleo, que a fotografia deles sugere muito uma gravura. Serão cópias de gravuras? Luís Jardim (*Revista do SPHAN*, n^o 3, p. 75) já provou que se costumava no Brasil, na ausência de modelos de pintura, surripiar o desenho de gravuras de livros religiosos e transportá-lo para a pintura das igrejas.”⁶⁴

No que diz respeito à criação do personagem Jesuíno, mescla de realidade e ficção, mais autores se prestaram, nas seguintes obras:

LOPES, Francisco Antonio. *História da construção da igreja do Carmo de Ouro Preto*. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 8. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1942. BMA (com anotações marginais).

⁶³ IDEM, *ibidem*, p. 134.

⁶⁴ IDEM, *ibidem*, p. 95.

OLIVEIRA CÉSAR, Joaquim Leme de. Notas históricas de Itu. *Revista do Patrimônio Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 25. São Paulo, 1927-1928. IEB.

SOUSA, Octavio Tarquínio. Feijó. *Revista do Brasil*, a 4, nº 40, Rio de Janeiro, out. 1941. BMA (com anotações marginais).

Um item essencial ao estudo da arte em Padre Jesuíno era o douramento de imagens já que este, menino, dourara três na igreja do Carmo, em Santos. Mário de Andrade, ao se empenhar em conhecer esta técnica em detalhes, encontrou-se com Francisco Antonio Lopez, *História da construção da igreja do Carmo de Ouro Preto* (1942), livro em que se encontra assinalada por um traço vertical, à margem, a p. 83, que aborda o assunto. De fato, no ensaio, o escritor, já inserindo aspectos de ficção, assim colocará o menino Jesuíno, em Santos:

“Ora, havia no convento umas imagens apenas esculpidas na madeira, ainda por estofar e encarnar. Um frei Pedro da Trindade fornecera o dinheiro para o acabamento delas, e era preciso lhe cumprir o desejo. Os frades perguntaram a Jesuíno se ele já podia fazer o trabalho. E o rapazola, com a irresponsabilidade dos anos acrescida pela audácia natural do artista, atreveu-se a aceitar a encomenda.

“As imagens eram três, uma N. S. da Conceição, uma Sant’Ana e um S. Joaquim. Jesuíno se pôs ao trabalho. Estucou cuidadosamente a madeira esculpida, com o preparo acostumado de gesso e cola, [...].”⁶⁵

O livro de Oliveira César mostrou-se de essencial importância à criação do personagem porque foi nele, das páginas 80-89 que Mário de Andrade entrou em contato com a “Oração fúnebre” da autoria do Padre Digo Antônio Feijó, eivada de elogios ao padre Jesuíno. Esse

⁶⁵ IDEM, ibidem, p. 39.

texto falava de alguém extremamente amigo, dedicado, religioso, de “semblante amável e lisonjeiro”, virtuoso, alegre, respeitoso, humilde (p. 83-84).

E finalmente o artigo “Feijó” (outubro de 1941), de Otávio Tarquínio de Sousa, configurou-se bastante importante para a construção do personagem pois, na p. 11, utilizando-se de citação do discurso do próprio Feijó, o autor descreve o padre Jesuíno como alguém de semblante com algo inexplicável “que atraía, cativava e docemente arrebatava os que o ouviam”, responsável pela mudança “radical” de comportamento em Feijó. E continua o articulista: somente após tê-lo conhecido é que este padre sentira o “desenvolvimento de uma crise mística que culminaria na prática de rigorosa ascese.”

Da seguinte forma Mário de Andrade recriará este texto: “A crise de misticismo sobreviera, e com isso o apelo do amigo tão santo e dos seus Padres do Patrocínio. E Feijó foge para a santidade e para Itu. Vai morar com o padre Jesuíno, à sombra do amigo.”⁶⁶

Ainda quando Otávio Tarquínio se refere ao movimento “espiritual e místico de Itu” (p. 12), não deixa de exaltar a figura do padre Jesuíno, “central”:

“Sem incidir em comparações semelhantes, cumpre, entretanto, não menosprezar a significação e a importância do movimento espiritual e místico de Itu. Os Padres do Patrocínio constituíam um núcleo de almas ardentes e sinceras que, embora talvez sem a profundidade dos ‘solitários de Port-Royal’, merecem ainda hoje o maior respeito. Repugnava-lhes a mediocridade e a rotina [...] e procuravam reagir, formando esse círculo em cujo centro estava a grande figura do padre Jesuíno do Monte Carmelo.”

⁶⁶ IDEM, *ibidem*, p. 71.

Diante de tal glorificação do biografado, natural que o ficcionista acabasse por dominar o escritor em sua preocupação de se isentar de qualquer envolvimento com o personagem.

Imprescindível salientar-se que, na página 17 de “Feijó”, à margem de “A crise mística de 1818, com a fuga de São Carlos para o grupo ascético do Patrocínio em Itu, acabara ou estava na sua fase final.”, se encontra sinalizada nota de rodapé, escrita pelo pesquisador, expressão de espanto, talvez:

“(1) Mas padre Jesuíno morre no ano seguinte!”

Que relação estabeleceria ele entre a morte de Padre Jesuíno e o fim da crise mística de Feijó? Estaria subentendida aí a forte influência exercida pelo padre pintor até mesmo em um amigo tão politizado como o futuro Regente do Império?

De todo o exposto, conclui-se que o trabalho de pesquisa de Mário de Andrade, no caso deste ensaio, o *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, mostra um “saber o que se quer”. Ao consultar vários livros e artigos, está convencido sobre o que deseja encontrar. Constata-se que todo o material examinado aborda não apenas a vida e a obra do artista, mas nele também se encontram informações detalhadas a respeito de assuntos variados (todos concernentes ao tema central, é bem verdade). O autor quer compreender quem foi o padre Jesuíno e, então, vai às fontes da história de Itu, chega até mesmo aos aspectos sócio-econômicos e culturais da época que antecedeu a Jesuíno, quer saber sobre o processo de douramento de imagens, vasculha detalhes da arte colonial brasileira, pesquisa sobre as implicações políticas da época e do grupo agregado a Jesuíno, descobre documentos que possam fundamentar futuras afirmações.

Impregna-se das leituras que faz, em diálogos explícitos e implícitos. Utiliza-se de matrizes entre as quais estabelecerá comparações e nas quais fará, algumas vezes, correções, chegando a

dados que reputa verdadeiros. São vários textos, todos convergindo para uma única finalidade: o processo de criação de Vida e Obra de um pintor do período colonial paulista.

O eixo central do projeto, neste caso, não fica evidenciado nas notas marginais, uma vez que o cerne da questão não é demonstrado através das marcas a grafite, usadas pelo escritor. O que se percebe é uma incansável preocupação em descobrir o “entorno” da vida do padre pintor. Isso norteia as leituras, ainda que elas todas não se mostrem permeadas por anotações.

A impressão que se tem é de que em *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, ao iniciar leituras e anotações marginais, o escritor já direcionava o trabalho no sentido de buscar, dentro do maior rigor possível, ser fiel às informações colhidas. Desde os contatos iniciais com a bibliografia analisada, seu objetivo parecia já estar definido.

III. AS MATRIZES NAS LEITURAS DE MÁRIO DE ANDRADE

Este capítulo, dedicado à indicação detalhada das leituras vinculadas à apropriação de dados e à discussão de pontos de vista dos autores frequentados por Mário de Andrade, priorizará não apenas as obras sobre o barroco paulista, o pintor Jesuíno do Monte Carmelo, o contexto do final do século XVIII e do início do XIX, as cidades de Santos, Itu e São Paulo, com anotações do escritor/leitor nas margens, como também os títulos que, embora não portadores de anotações marginais autógrafas, acabaram sendo bastante aproveitados na elaboração final do ensaio.

As matrizes com notas marginais

Aqui serão registradas as anotações marginais que espelham relações entre as obras lidas, fichadas e comentadas pelo pesquisador do SPHAN, na relação que estabelecem, nos arquivos da criação, com os documentos do processo criativo situados no dossiê *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, na série Manuscritos Mário de Andrade.

Observa-se que, nos textos que repercutem na elaboração deste ensaio concluído em 1945, Mário de Andrade sempre utiliza apenas lápis com grafite, em seu trabalho de leitor. Suas notas mostram tanto a síntese que serve ao fichamento, isto é, o escólio, como o comentário que se desenvolve nas margens, nas entrelinhas, ou se torna nota de rodapé, mediante a aposição de números. Implicam também o destaque de tudo que o interessa, mediante sinais que padronizam ou facilitam seu regresso ao livro ou revista: traços verticais, cruzetas, grifos em trechos, sinal de ticagem (v).

A ordem das obras citadas será a alfabética, por sobrenome de autor.

AZEVEDO, Vítor de. *Feijó; vida, paixão e morte de um chimango*. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1942.

P. de rosto:

Nota MA:

nº 16.

P. 23:

Nota MA:

1784 / 1804 /20.

P. 27:

III. Itu e Jansenius

"Artista de sensibilidade, revelava as suas extraordinárias aptidões, com a mesma facilidade e a mesma graça, tanto na pintura como na música, na arquitetura e no canto."

Nota MA:

grifada a palavra "canto".

P. 29:

"Tratava-se, em geral, de filhos de famílias abastadas e senhores de escravaria. Entre eles, não era dos menos exaltados um primo irmão de Feijó, o padre Belchior de Pontes Amaral."

Nota MA:

trecho grifado: o padre Belchior de Pontes Amaral; sinal de ticagem para o nome do padre.

P. 35:

"Em São Paulo, coube a um "pé-de-chumbo" conhecido, o governador João Carlos Oeynhausén, [...]."

Nota MA:

traço vertical, e correção no **s** da palavra governados; "r".

FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Trad. Visconde de Taunay. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.

Este livro está acompanhado de nota fiscal da Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, de 10 de fevereiro de 1942, comprovante de sua aquisição, bem como da aquisição de outros dois: *O Visionário e Mar desconhecido*.

P. de rosto:

Nota MA:

40H000 ut ms nº787.

P. 3:

“Cada tropa compõe-se no geral de 40 a 80 bestas de carga, guiadas por um *tropeiro* e divididas em lotes de oito animais que caminham sob a direção de um *camarada*.

“Acontece que quando muitas delas aí se reúnem, os camaradas se congregam todos para dançarem e cantarem a noite inteira o *batuque*. Gritam a valer e com as mãos batem cadencialmente nos bancos em que estão sentados. Assim se divertem.”

Nota MA:

“Tropas / Batuque”.

P. 6:

Três parágrafos abordam a cidade de São Paulo, os costumes e características de comportamento dos paulistas, com destaque à hospitalidade.

Nota MA:

“São Paulo, Paulistas, Hospitalidade”.

P. 13:

Viagem de Porto Feliz à cidade de Cuiabá.

Nota MA:

“Partida da Monção”.

P. 17:

“Depois de meio dia tivemos o espetáculo de uma caçada de anta (tapir).”

Nota MA:

“Caçada de anta”.

P. 35:

“Cantam então os remadores; com grita jovial ferem os ares, ao passo que os proeiros batem com a mão no chato da pá e à proa, onde estão sempre de pé, redobram em cadência o sapateado habitual. Com todo esse ruído festivo foi que entramos nas águas do Paraná.

“Para chamar os *Caiapós*, tocou o guia buzina [...].”

Notas MA:

dois traços verticais e um horizontal, em todo o primeiro parágrafo e grifo na palavra “buzina”, bem como uma cruzeta, à margem.

Nota da pesquisa:

Estas notas destinavam-se à pesquisas de Mário de Andrade para o seu *Dicionário Musical Brasileiro*.

P. 36:

“A casa do chefe era maior que as outras. No meio delas via-se um rancho que parecia pertencer em comum. Ali estavam uns troncos de palmeira furados, que lhes servem de tambores nos seus dançados.”

Nota MA:

grifo em “dançados”, com cruzeta.

P. 41:

“O ajudante do guia, bom caçador, matou dois veados brancos. A mata já foi ficando mais rala: as árvores menos altas. A 100 passos do rio, abrem-se os campos.

“Quando o caçador via um veado, tirava logo a roupa e nu em pelo marchava quase de rastos quanto possível até dar alcance à espingarda.”

Nota MA:

colchete para todo o texto.

P. 51:

“[...] desperdiçando contudo muito tempo em socar o milho a poder de braços, porque nem sequer possuem um *monjolo*, a máquina mais estúpida que jamais foi inventada e que é de uso no interior do Brasil para com o emprego da água pilar o arroz e milho.”

Segue-se referência a um monjolo e descrição da máquina.

Notas MA:

grifo em “*monjolo*”, cruzeta para o trecho que se segue a essa palavra e traço vertical em todo o trecho seguinte.

P. 70:

“No quarto dia de parada, vimos chegar duas canoas [...].”

Nota MA:

sinal de ticagem ao contrário, com vértice para cima.

P. 76:

Três parágrafos, em que se faz referência aos pássaros *anhumapocas* e *aracuãs*.

Notas MA:

cruzeta para cada um dos três parágrafos.

P. 80:

“A língua deles é rápida. Quando estão dois a conversar, nada se ouve senão monossílabos ou palavras curtas que sucedem de um a outro alternadas e breves. O *sim* é uma forte inspiração seguida de um som gutural.”

Nota MA:

cruzeta para esse parágrafo.

P. 91:

Na descrição de Cuiabá:

“A cidade pode ter meio quarto de légua de poente a nascente e dois terços dessa distância de N. a S. Não há senão 18 ou 20 casas de sobrado, esse mesmo pequeno: todas as mais são térreas. Cada casa tem nos fundos um jardim plantado de laranjeiras, limoeiros, goiabeiras, cajueiros e tamarindeiros, árvore cuja folhagem densa e escura forma no meio das outras agradável contraste, concorrendo todas elas para darem à povoação aspecto risonho e pitoresco.”

Nota MA:

meio colchete para esse parágrafo.

P. 110:

“(...) e os negros e negras que haviam ficado em casa se chegaram para dar o *louvado*.”

Nota MA:

cruzeta.

P. 112:

“[...] missões, que são aldeias de índios fundadas por aqueles padres debaixo da invocação de algum santo e construídas num único e mesmo plano. Cada missão, formada de índios catequizados, era cercada de um muro com uma porta para entrar e outra para sair. Dentro ficavam o aldeamento com uma igreja, o convento dos padres, a prisão e as oficinas de trabalho.”

Nota MA:

cruzeta e traço vertical.

P. 146:

“À tarde houve a ideia de dançar-se o *batuque*. Como sinal de respeito a essa família que me recebeu e obsequiou com tamanha urbanidade, abstenho-me de fazer a descrição dessa dança. É de sentir que um povo, dotado de qualidades recomendáveis, algumas vezes apresente tais torpezas aos olhos do viajante.”

Nota MA:

colchete para todo o parágrafo.

P. 148:

“Ver um povoado do Brasil, é vê-los quase todos.”

Nota MA:

sinal de ticagem.

P. 160:

“Nesses dois lugares existe uma moléstia mais perigosa ainda e que é consequência da outra. Chamam-na *corrupção*.”

Seguem-se descrições dos sintomas da doença e do tratamento.

Nota MA:

cruzeta para todo o trecho.

P. 167:

Descrição a respeito de uma saída, em canoa, para a pesca.

Nota MA:

cruzeta e traço vertical para todo o trecho.

P. 200:

“Como as mais choupanas de *Mundurucús* e aliás as casas de pobres em todo o Brasil, essa era construída de paus a pique colocados juntinhos uns aos outros com um trançado horizontal de tiras de palmeiras ou taquaras amarradas com cipós, grade que, tapada com terra amassada n’água, forma muros e tapumes perfeitamente fechados. Fácil é, porém, conceber a pouca duração de tudo aquilo, pelo que depressa se formam buracos e inúmeros interstícios, em que se aninham múltiplos e nojentos insetos. A cobertura é feita de sapé ou folhas de palmeira.”

Nota MA:

meio colchete para todo o parágrafo.

P. 207:

A respeito das roupas e adereços das mulheres, filhas de brancos com índias, habitantes do Pará.

Nota MA:

meio colchete para todo o trecho.

FREYRE, Gilberto. *Problemas brasileiros de antropologia*. Rio de Janeiro: C.E.B. 1943.

As páginas 115, 178/179 e 194/195, apresentam, à margem de cada uma delas, dois traços verticais, o que torna evidente a importância, para Mário de Andrade, destes textos.

P. que antecede à de rosto:

Nota MA: indicação das páginas de interesse

"Itu, 114";

"Pinturas de Itu, 115";

"Desajustamento e marginalidade, 178s";

"América ibérica se defende, 194".

P. 114:

Comentários do autor a respeito dos exageros sobre a "civilização" paulista e sobre Itu como centro de Província, encontrados em carta de Ricardo Gumbleton Daunt a Francisco Marcondes Homem de Mello, datada de 17 de agosto de 1856:

"Dessa 'civilização' o último centro teria sido Itu: 'Itu veio a ser em certo sentido quase a antítese da cidade de S. Paulo e o centro onde o velho paulistano se refugiou i. e. quanto ao sul da Província. Hoje também sofre o mal do estrangeirismo ainda que não tanto e as mesquinhas lutas políticas (degenerada prole do sistema representativo) que aqui têm se identificado com a vida íntima de todos tem contribuído para abastardar a fisionomia moral do lugar e em tudo uma deterioração é sensível [...]."

Nota MA:

traço vertical para todo o trecho e indicação "Itu".

P. 115:

Ainda destacando os exageros:

"Se V.Sa. pudesse ver os quadros das nossas igrejas em Itu ou tivesse visto as decorações de algumas velhas casas veria quão pronunciado era o gosto das belas artes no século p.p. e quão insígnies artistas então tivemos."

Nota MA:

dois traços verticais.

P. 178-179:

Duas páginas inteiras a respeito de desajustamento dos "indivíduos de gênio" e da expressão do desejo do autor de que as ciências sociais consigam reduzir "as pressões traumatizantes das instituições ou das culturas dominadas por interesses de minorias [...] e aumentar o número de indivíduos de gênio saudáveis, harmoniosos, equilibrados, [...]."

Nota MA:

dois traços verticais.

P. 194-195:

Propostas para uma América politicamente independente.

Nota MA:

dois traços verticais na metade inferior da p. 194 e na metade superior da p. 195.

LEVY, Hannah. A pintura colonial no Rio de Janeiro. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 6. Rio de Janeiro, 1942, p. 7-77.

P. 11:

Nota de rodapé (5) – "Com exceção, porém, de ANTÔNIO DA CUNHA BARBOSA que diz: '[...] Manuel da Cunha, escravo de meus antepassados, *depois de liberto*, (o grifo é nosso) partiu para Lisboa, onde foi se aperfeiçoar na sua arte.' (Das artes plásticas do Brasil em geral e no Rio de Janeiro em particular. *Revista do Inst. Hist. e Geogr. Brasil*, v.61, parte I, 1898, p. 103)."

Nota MA:

duas cruzetas na última linha do trecho.

P. 31:

Considerações a respeito da pintura de santos de corpo inteiro – talvez tradição ibérica do século XVII e, com certeza, espanhola, na época de Murilo.

Nota MA:

traço vertical no trecho todo e “Santo de corpo inteiro”.

P. 51:

“Não é preciso, pensamos, enumerar, uma a uma, todas as pinturas coloniais do Rio para provar que, na concepção do assunto, todas elas correspondem perfeitamente à nova iconografia que se formou, na arte européia, a partir do fim do século XVI. Limitamo-nos, pois, a demonstrar este fato com um último exemplo: a representação do batismo do Cristo tal como aparece no belo quadro do batistério da igreja da Santa Casa.”

Nota MA:

meio colchete no trecho inteiro.

P. 53:

A respeito de obras que, “a partir do século XVII, não mostrem o Cristo coberto por um grande lençol, cujas extremidades, às vezes, são seguradas por anjos.”

Notas MA:

grifo em “cujas extremidades, às vezes, são seguradas por anjos” e nota marginal “Batistério Itu?”

Ainda no rodapé dessa página, na nota 35, que discorre a respeito de uma lenda européia (francesa) sobre N^a S^a da Penha, encontra-se riscada a palavra legenda, um traço vertical, à margem, para esse trecho, e escrito, também à margem, lenda.

P. 54:

“É fato muito conhecido ter a arte religiosa dos séculos XVII e XVIII preferido, antes de tudo, as representações de visões celestes, os momentos de exaltação, os acontecimentos milagrosos, as cenas de massa e os martírios. Ora, podemos notar que tais

representações, tão características da arte religiosa barroca, são relativamente raras na pintura colonial fluminense. Não deixam, porém, de existir (basta lembrar as pinturas do teto da sacristia do convento da S. Antônio e as da igreja da V.O.T. de S. Francisco da Penitência).”

Nota MA:

traço vertical.

P. 59:

“Hesitamos em propor uma hipótese para explicar o caráter estático, sóbrio e, de um modo geral, não barroco das pinturas fluminenses uma vez que, certamente, se tornará estranha pelo seu aspecto extraordinariamente singelo: os pintores coloniais fluminenses evitaram a representação das cenas extáticas, agitadas, místicas da arte barroca, preferindo-lhes as cenas mais calmas, mais concretas, e, contudo, mais simples, porque a representação destes últimos assuntos era mais fácil de realizar-se.”

Nota MA:

traço vertical e nota marginal “Pioneirismo pictórico já nacional”.

P. 62:

“Não encontramos, pois, na pintura colonial fluminense traços tipicamente brasileiros ou luso brasileiros. No entanto, podemos verificar a repetição quase uniforme dos detalhes enumerados. E com isso, voltamos ao nosso ponto de partida, pois é essa uniformidade característica que revela claramente, ao nosso ver, uma fonte comum de inspiração dos pintores coloniais. Acreditamos que essa fonte tenha sido: gravuras europeias (registros de santos, gravuras de canonização, estampas que ilustram missais, os livros de compromissos das irmandades, livros de preces, bíblias, etc.).”

Nota MA:

traço vertical.

P. 64:

“No ‘Batismo de Cristo’ do batistério da igreja da Santa casa não se deixa de reconhecer uma influência acentuada da escola de Sebastiano del Piombo [...], o que se verifica, também no belo ‘Ecce Homo’ do convento de S. Antônio.”

Nota MA:

dois traços verticais.

LOPES, Francisco Antonio. *História da construção da igreja do Carmo de Ouro Preto*. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 8. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1942.

P. 67:

Sobre os quatro sinos da igreja do Carmo de Ouro Preto, chamados Elias, Jerônimo, Bárbara e Raquel.

Nota MA:

traço vertical.

P. 83:

Uma página inteira com explicações das técnicas de douramento de altares.

Nota MA:

traço vertical.

P. 142:

Cópia de documento que autoriza Antonio Francisco Lisboa a “reparar os dois altares laterais” da igreja do Carmo de Ouro Preto.

Nota MA:

traço vertical.

P. 153:

Documento passado por Manoel da Costa Ataíde ao Sr. Capitão Antonio Tassara de Pádua.

Nota MA:

“Costa Ataíde”.

P. 165:

Outro documento de Costa Ataíde, à Mesa da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo a respeito de douramento de altares.

Nota MA:

“Ataíde”.

P. 172:

Ainda sobre douramento.

Nota MA:

“Ataíde”.

P. 173:

Douramento e pintura de seis altares.

Nota MA:

“Ataíde”.

P. 176:

Sobre pintura do teto da igreja.

Nota MA:

“Ataíde”.

P. 177:

Sobre limpeza, branqueamento do teto, douramento e retoques na igreja do Carmo de Ouro Preto.

Nota MA:

“Ataíde”.

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de S. Paulo*, 2 v. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Eduardo & Henrique Laemmert, 1879. Volume 1:

P. 18:

Dados biográficos de Antônio de Barros Penteado, personagem ituano que viveu no final do século XVIII e início do XIX.

Nota MA:

signal de ticagem para os nomes de Antônio de Barros Penteado e da filha dele, D. Genebra de Barros Leite.

P. 19:

Referência a D. Maria de Barros de Paula Sousa, também filha de Antônio de Barros Penteado, casada com o senador Francisco de Paula Sousa e Mello.

Nota MA:

signal de ticagem para o nome de D. Maria de Barros de Paula Souza.

P. 27:

Dados biográficos de Antonio Paes de Barros, nascido em 1791.

Nota MA:

signal de ticagem para Antonio Paes de Barros.

P. 32:

Dados biográficos de Antonio Rodrigues, companheiro de João Ramalho, já moradores de São Vicente quando ao Brasil chegou Martim Affonso de Sousa.

Nota MA:

signal de ticagem para Antonio Rodrigues.

P. 148:

Dados biográficos de Fernando Dias Paes – segunda metade do século XVI e início do XVII.

Nota MA:

signal de ticagem para os nomes de Fernão Dias Paes e D. Luzia Leme.

P. 152:

Dados biográficos de Fernando Paes de Barros – primeira metade do século XVIII.

Nota MA:

signal de ticagem para Fernando Paes de Barros e traço vertical para o filho dele, capitão Antonio de Barros Penteado.

P. 161:

Dados biográficos de Francisco de Paula Sousa e Mello – final do século XVIII e primeira metade do século XIX.

Nota MA:

sinal de ticagem para Francisco de Paula Sousa e Mello.

P. 164

Dados biográficos de Francisco Rodrigues Penteado – século XVII.

Nota MA:

sinal de ticagem para Francisco Rodrigues Penteado e para o filho dele, Manoel Correa Penteado.

Volume 2

P. 10:

Biografia de Jesuíno do Monte Carmelo.

Nota MA:

à margem, “nº11” e correção de data de viuvez de Jesuíno: o texto traz “13 de abril de 1793” e Mário de Andrade corrige para “15”.

P. 11:

Ainda no texto da biografia de Jesuíno, referência ao “recolhimento de educandas”.

Nota MA:

“recolhimento das educandas” (1). No rodapé, comentário: “(1) Não se trata de ‘recolhimento de educandas’, mas do Recolhimento das Mercês”.

P. 104:

Dados biográficos de Pedro Vaz de Barros – século XVII.

Nota MA:

sinal de ticagem para o nome de Pedro Vaz de Barros e “m” para o nome do filho dele, Antonio Pedroso de Barros.

P. 105:

Dados biográficos de Pedro Vaz de Barros, neto e homônimo do anterior – segunda metade do século XVII.

Nota MA:

signal de ticagem para o nome Pedro Vaz de Barros e para a filha dele, D. Beatriz de Barros.

P. 140:

Dados biográficos de Salvador Jorge Velho – segunda metade do século XVII e de seu neto e homônimo.

Nota MA:

signal de ticagem para Salvador Jorge Velho, para Domingos Jorge da Silva, filho dele, e para D. Maria de Paula Machado, bisneta do primeiro.

P. 141:

Dados biográficos de Salvador Pires, vindo de Portugal com seus pais em 1531, e de seu filho e homônimo.

Nota MA:

signal de ticagem para Salvador Pires, para seu filho e para o neto do primeiro, Salvador Pires de Medeiros.

P. 142:

Dados biográficos de Salvador Pires de Medeiros – século XVII.

Nota MA:

signal de ticagem para Salvador Pires de Medeiros e para a sua filha, D. Maria Pires de Medeiros.

Nota MA apenas: em ficha de cartolina, entre as folhas do livro: "D. João VI chega Rio 7, março, 1808".

NARDY FILHO, Francisco. *A cidade de Itu*, v.1. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1928.

P. de rosto:

Nota MA:

nº 7 minha bibliografia para o SPHAN.

P. 31:

Referência a Dr. Augusto Cezar de Barros Cruz e a seu romance histórico O Paulista.

Notas MA:

grifo no nome citado e no título do livro.

P. 32:

Dados a respeito do estabelecimento dos Frades Franciscanos no Brasil – inicialmente em Olinda, depois No Espírito Santo e em seguida No Rio de Janeiro, tendo sido o Convento de Itu o 11º a ser fundado por eles.

Referência a artigo publicado pelo Tenente Luciano Francisco de Lima. Afirma terem sido os índios carijós, habitantes da região de Itu, catequisados pelos franciscanos, que nessa cidade fundaram o convento e a igreja de São Luís.

Notas MA:

um traço vertical para informações a respeito do estabelecimento inicial dos frades;

três traços verticais para a vinda a Itu;

um traço vertical para data de conclusão da igreja, nessa cidade, e para o parágrafo que trata da catequização dos carijós;

grifo em "em um artigo publicado em um antigo almanaque".

P. 33:

Informações comprobatórias, de acordo com as Atas da Câmara de S. Paulo, da existência dos índios carijós na região de Itu e de que, "[...] entre os 500 índios armados enviados por Tibiriçá, a pedido de seu genro João Ramalho, em auxílio de Martim Affonso de Sousa na defesa do forte de Bertioga, se encontravam também os caciques de Itu."

Notas MA:

dois traços verticais nesse trecho e um traço vertical à segunda informação.

P. 34:

“Desse aldeamento de índios nada nos dizem José Arouche de Toledo Rendon e José Joaquim Machado de Oliveira [...]; nenhuma referência encontramos nos registros dos antigos e primitivos aldeamentos de índios de S. Paulo.”

Informação de que, por ter se transformado Itu em ponto de parada e descanso das bandeiras que iam para o interior do país, os índios carijós teriam abandonado essas terras.

Nota MA:

traços verticais.

P. 34-35:

O último parágrafo da p. 33 e os três iniciais da p. 34 fazem referência à origem de Itu, em torno de uma capela, construída por Domingos Fernandes e seu genro Christovam Diniz, no ano de 1610, capela curada em 1644 e freguesia em 1653.

Notas MA:

os três parágrafos iniciais, isto é, o último da p. 33 e os dois primeiros da p. 34, estão grifados e o terceiro da p. 34, com traço vertical.

P. 36:

Dados biográficos a respeito de Domingos Fernandes, filho de Manuel Fernandes Ramos e Suzana Dias.

Notas MA:

traço vertical nos dois parágrafos iniciais; grifos no terceiro.

P. 37:

Informações sobre André Fernandes, filho de Domingos Fernandes e pai do padre Francisco Fernandes de Oliveira, vigário de Parnaíba.

Nota MA:

trecho todo assinalado com traço vertical e grifo em “foi vigário de Parnaíba”.

P. 37-39:

O último parágrafo da p. 37 e primeiro da p. 38 traz informações a respeito da fundação da cidade de Sorocaba por Balthazar Fernandes, irmão de Domingos Fernandes.

Referências sobre o grande sertanista Domingos Fernandes e suas incursões pelo sertão.

Nota MA:

traço vertical para todo o trecho;

traço vertical para as informações sobre Domingos Fernandes.

P. 69-77:

Informações sobre a primeira igreja Matriz de Itu, sobre a atual construção e seu fundador (o padre João Leite Ferraz), detalhes dessa construção e inauguração, reforma do ano de 1831, realizada pelo padre Elias do Monte Carmelo (filho de Jesuíno), reparos em 1843, quando um raio danificou a torre, nova reforma datada de 1888, sob a responsabilidade dos engenheiros Ramos de Azevedo e Paula Sousa, com construção de um novo frontispício e inauguração em 1889, douramento dos altares em 1896, reforço das paredes laterais em 1900, outras reformas, referências a um artista que fez os trabalhos de entalhe, também a José Patrício da Silva Manso, a Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, às telas da sacristia, de autoria de Almeida Júnior, às referências feitas por Saint-Hilaire a Jesuíno como artista.

Notas MA:

todas as páginas apresentam grifos e traços verticais. Na 77, três anotações marginais: a primeira “Estão na nave hoje”, e a outra, “a primitiva matriz já possuía 4 altares laterais na nave! Engano do S.H?(1)” .

No rodapé dela: “(1) Quem fez a nota acima não notou o engulimento da vírgula entre ‘outros’ e ‘colocados’, que esclarece a lição do texto. S. Hilaire, está se referindo especialmente aos dois altares de ligação do arco-do-cruzeiro com a nave.”

P. 77-84:

Informações detalhadas a respeito da igreja do Bom Jesus.

Nota MA:

todas as páginas com grifos e traços verticais.

P. 85:

Informações sobre o Convento e igreja de São Luís.

"Cinco anos depois, deu-se começo às obras do Convento [...]."

"No tempo em que era Provincial Frei José dos Anjos Passos [...]."

Notas MA:

"1686", grifado com dois traços e "1890" e "1781".

P. 86:

Referência ao início de obras de recuperação do Convento; à reedificação; e à existência de poucos frades no ano de 1850.

Notas MA:

"1783", "1787" e "1850".

P. 87:

Encerram-se os cuidados do Convento a cargo dos frades franciscanos.

Na nota de rodapé nº 6: "Entre os ilustrados franciscanos que serviram de guardião do Convento de S. Luis, citamos Frei Salvador da SS. Trindade, [...]."

Notas MA:

"1859" e "guardião".

P. 88:

"O Convento ficou então entregue aos cuidados de um síndico, um tal Francisco Celestino de Miranda Russo,[...]."

"Em 1869 foi o Convento ocupado pelos Revmos. Padres da Companhia de Jesus, [...]."

"Em 1907, havendo no Convento, em depósito, um grande estoque de algodão, não sabemos por conta de quem, foi preso das chamas de um incêndio [...]."

Notas MA:

"síndico"; "jesuítas 1869" e "1907 incêndio".

P. 90:

Igreja da V. O. T. de S. Francisco

Nota MA:

cruzeta, no início do capítulo.

P. 93:

"Em 1909, por iniciativa do então Vigário da Paróquia e fervoroso Terceiro Franciscano, Padre Eliziário de Camargo Barros, e com o produto d eesmolos angariadas, foram feitos diversos trabalhos nessa igreja, [...]."

"O retábulo dessa igreja foi feito em 1865, sendo trabalho do hábil artífice entalhador Bernardino de Sena Reis e Almeida (9); [...]."

"[...] delineado pelo Irmão Terceiro Dr. Antonio de Aguiar de Barros (10), [...].

Notas MA:

correções a de esmolos, com grifos no trecho e cruzeta à margem;

(9) correção e (10) escrito à margem, para o (9);

grifos em artífice entalhador Bernardino de Sena Reis e Almeida, com cruzeta à margem;

(10) corrigido e (9) à margem, para o (10) corrigido, com traço vertical.

P. 94:

"Atualmente encontra-se essa igreja da V. O. T. Franciscana necessitando de urgentes reparos, estando o atual Vigário P. José Maria Monteiro (12) empenhado em executá-los, oxalá consiga ele essa benemérita obra."

o (12) corresponde a nota de rodapé

Igreja de Santa Rita

Notas MA:

ao primeiro trecho citado: "Não existe mais";
cruzeta para o título "Igreja de Santa Rita".

P. 95:

Sobre o fato de José Francisco de Paula, zelador dessa igreja, ter mandado fazer, em 1859, "sob sua administração e com auxílios que para tal fim angariara, o retábulo e o douramento do altar-mor."

Citação a Joaquim Januário do Monte Carmelo, outro zelador da igreja de Santa Rita.

Notas MA:

grifados: "1859" e "o retábulo e o douramento do altar-mor";
traço vertical para o zelo e a dedicação, na citação a Joaquim Januário do Monte Carmelo.

P. 96:

Referência à igreja de Santa Rita: "[...] em 1865 o Padre João Paulo Xavier (5), que também amiudadas vezes ai celebrava, quis reformá-la e para esse fim recorreu à generosidade dos seus conterrâneos, e, conseguindo a importância desejada, fez, sob a direção e administração de Joaquim Januario, diversas reformas na mesma, levantando-a mais, fazendo o coro, o campanário e frontispício.

"[...]"

"Nessa capela, além da imagem de Santa Rita – sua Padroeira – há também duas outras belas imagens, uma de S. Sebastião, outra de S. Roque, ambas muito veneradas pelo povo católico de Itu e cuja aquisição das mesmas foi feita com esmolas, votos feitos [...]."

"Na igreja de Santa Rita tem atualmente o seu consistório a Irmandade da Boa Morte."

Notas MA:

grifo para 1865;
grifos no primeiro e no segundo trechos citados;
traço vertical para o terceiro.

P. 113:

"Muito floresceu esse Convento e por mais de cem anos manteve-se com a mesma força e pujana dos seus primeiros (...)."

Nota MA:

correção para pujança.

P. 114:

Discorrendo sobre o convento do Carmo: "Em 1764 residiam nesse convento 12 religiosos [...]." e sobre o decreto imperial que vetou a entrada no país de frades estrangeiros.

Em nota de rodapé, informações a respeito da data de fundação desse convento.

Notas MA:

grifados: "Em 1764 residiam"; "O Decreto Imperial vetando"; as informações na nota de rodapé.

P. 115:

A respeito do fechamento do convento: "[...] até que, em 1872, com a morte de seu último Prior, Frei Miguel da Conceição Gomes foi forçado a fechar suas portas, passando os seus bens [...]."

Em nota de rodapé: "(4) Frei José Rodrigues do Rosário França." – primeiro prior desse convento.

Notas MA:

grifos nos trechos citados.

P. 116:

"Em dependências desse Convento estiveram aquarteladas as forças revolucionárias de 42 (5)."

Nota de rodapé nº 4 – nomes de alguns carmelitas que viveram no convento do Carmo nos primeiros anos de sua fundação: Frei José Martins da Candelária, Carmelita natural de Itu, que foi Prelado Presidente do seu Convento, cujo patrimônio muito desenvolveu, tendo feito diversos melhoramentos no edifício do Convento. Frei Antonio do Monte Carmelo, o Barroco, [...]."

Notas MA:

traço vertical para esse trecho;
grifos nos nomes citados na nota de rodapé.

P. 117:

"A 2 de abril de 1917 chegam a Itu os Frades Carmelitas Frei Mauricio Laus e Frei Bruno Nielen, que vinham restaurar e habitar o velho Convento.

Em maio desse mesmo ano foram iniciadas as obras de restauração desse Convento, as quais ficaram concluídas em fevereiro do ano seguinte.

Restaurado o Convento iniciou Frei Mauricio a restauração da igreja, obra essa terminada em 1919."

Notas MA:

traço vertical para todo o trecho citado;
correção do nome Laus para Lans;
grifo no último parágrafo.

P. 118:

Reparos e melhoramentos feitos na igreja do Convento do Carmo, em março de 1921.

Data mais antiga de fundação dessa Ordem em Itu – 1717.

Nota MA:

grifos nos trechos citados.

P. 119:

Detalhes históricos da construção da igreja do Carmo.

Nota de rodapé de nº9 – sobre a Procissão do Triunfo.

Notas MA:

cruzeta;
traços verticais;
"Construção do corpo da igreja"; "Aumento da ig";
indicação de nota (10), com correção e observação a tinta
"Houve engano na colocação desta chamada. V. p. seguinte." ;
traço vertical e ponto de interrogação para a nota nº9.

P. 120:

Continuam os detalhes a respeito da construção da igreja do Carmo.

Continuação de nota de rodapé sobre Miguel Arcanjo da Silva Dutra.

Notas MA:

página inteira grifada;

traços verticais: dois para o segundo parágrafo e quatro para o terceiro;

traços verticais para a nota de rodapé;

notas marginais: "Reforma de 1861"; "Miguelinho"; "Reforma" e "Piracicaba".

P. 121:

Igreja e Recolhimento das Mercês, fundado pelo "virtuoso sacerdote Padre Elias do Monte Carmelo".

Nota MA:

traços rabiscando a palavra virtuoso.

P. 124:

Igreja de N. Senhora do Patrocínio

"O virtuoso e benemérito Padre Justino do Monte Carmelo (...)"

Nota MA:

grifo em Justino, com três pontos de exclamação e a correção: Jesuíno.

P. 125:

Em nota de rodapé: "Sítio do Vanque"

Nota (3) citação de Tristão Mariano da Costa.

Notas MA:

correção de Vanque para Tanque;

grifo para o nome citado; com traço vertical para as cinco primeiras linhas da nota 3;

nota marginal "Fr. Jesuíno Rio".

P. 126:

"O Padre Jesuíno era ao mesmo tempo o arquiteto que delineava a planta do edifício, o mestre que dirigia as obras, o artífice que com a tralha trabalhava na sua construção, o artista que ia compondo as músicas que seriam executadas na inauguração do novo templo."

Notas MA:

traço vertical;

grifos;

nota marginal "Jesuínio arquiteto, entalhador, músico".

P. 127:

Com padre Jesuíno "trabalhavam dois ituanos (...) o mestre carpinteiro Antonio Luiz Penalva e (...) o contramestre Bento José Labor, conhecido pelo nome de – Bento Pombinho."

Data de inauguração da igreja: 8 de novembro de 1820.

No último parágrafo, citação a Saint-Hilaire.

Notas MA:

Grifos para os nomes do mestre e do contramestre;

data da inauguração da igreja grifada;

notas marginais: "1820" e "Saint-Hilaire".

P. 150:

A respeito da fundação do colégio do Patrocínio, em Itu, com edificações anexas à igreja, construídas pelo Padre Jesuíno e seu filho Padre Simão."

Nota MA:

correção do nome "Simão" para "Eliseu".

P. 152:

Sobre o fato de as irmãs de São José, vindas da França, não terem se instalado imediatamente no prédio que lhes serviria de residência porque a obra não estava acabada. Assim sendo, ficaram, provisoriamente, na Santa casa, onde começaram "a exercer o magistério."

Notas MA:

destaque para o trecho inteiro;

nota marginal "1858".

P. 245-246 – Índice:

Notas MA:

Grifos para "A Matriz"; "Igreja do Bom Jesus"; "Igreja de Santa Rita" (com correção do número da página – de 90 para 94); "Igreja e Convento de N.S. do Carmo"; "Igreja de S. Benedito";

sinais de interrogação antes de Seminário do P. Campos, Igreja da Boa Morte e Igreja e Recolhimento N. Senhora das Mercês;

ORTMAN, Adalberto, frei O. F. M. Frei Antonio de Santana Galvão. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, nº 84. São Paulo, julho-agosto, 1942, p. 73-96.

P. 79:

"Os pais mandaram-no, em 1751, aos treze anos de idade, para a longínqua Bahia, onde fez os estudos secundários no célebre colégio ou seminário de Belém, fundado pelo jesuíta Pe. Alexandre Gusmão. Neste seminário encontro seu irmão mais velho, José Galvão de França."

Nota MA:

grifo para "José Galvão de França".

P. 81:

"Agora obteve licença do pai para ingressar na Ordem de S. Francisco. Foi para o Rio de Janeiro e em 1760 vestiu o burel franciscano, no convento de Macacu. Ordenado sacerdote em junho de 1762, veio logo depois para o convento da cidade de S. Paulo e ali teve sua residência por mais de 60 anos, até a sua morte, em 1822."

Nota MA:

traço vertical.

P. 90:

"Tratando do filho 'santo' da família Galvão de França, forçoso é perguntar também do espírito e sentimentos religiosos desta mesma família.

"Muito insuficientes, quase nulas, as notícias a este respeito.

"Sabemos que o pai era Irmão da Ordem Terceira da Penitência de S. Francisco e também se afiliara à Ordem Terceira de N^a Senhora do Carmo e ainda era da Irmandade de Santíssimo."

Nota MA:

traço vertical para as duas últimas linhas do último parágrafo;
grifo em "Senhora do Carmo".

P. 93:

"D. Isabel Leite de Barros, muitas vezes, embalando suas três filhas com o nome de Ana, teria cantado: "Senhora Sant'Ana – ninai minha filha – vede que lindeza – e que maravilha... Esta menina – não dorme na cama – dorme no regaço da senhora Sant'Ana." Assim também terá cantado muitas vezes, ninando o filho que mais tarde devia chamar-se frei Antonio de Sant'Ana Galvão."

Nota MA:

grifo na canção toda;
cruzeta.

Nota da pesquisa

coleta de música de acalanto.

SOUSA, Otávio Tarquínio de. Feijó. *Revista do Brasil*, ano 4, 3^a fase, nº 40, outubro, 1941, p. 11-22.

P. 12:

"Singular a vida desse mulato de Santos! Parente ainda, pelo lado materno, de Alexandre e Bartolomeu de Gusmão, com dons artísticos verdadeiramente notáveis, pintor e arquiteto, casou-se em Itu, teve filhos e, depois, enviuvando, fez-se padre. Antes e depois de ordenar-se, pintou várias igrejas da vila, traçou o plano e construiu

quase até o fim a igreja de Nossa Senhora do Patrocínio. Além disso, compôs músicas sacras, infelizmente perdidas. Mais do que tudo, porém, tinha aquela bondade contagiosa que tão fundo tocou o temperamento um tanto ríspido de Feijó e congregou em derredor de sua pessoa um grupo de homens de boa vontade.”

Nota de rodapé (3) Cônego J. C. Fernandes Pinheiro – Os Padres do Patrocínio ou o Porto Real de Itu. *Revista do Instituto Histórico*, v.33.

Notas MA:

grifo em infelizmente perdidas e cruzeta;
cruzeta para a nota de rodapé (3).

P. 13:

“Sobrinho por afinidade de padre Jesuíno, não faltava às reuniões um outro aderente – o padre João Paulo Xavier, de conduta irrepreensível.”

Notas MA:

grifo em “Sobrinho por afinidade” e em “João Paulo”;
traço vertical.

P. 17:

“A crise mística de 1818, com a fuga de São Carlos para o grupo ascético do Patrocínio em Itu, acabara ou estava na sua fase final.”

Notas MA:

grifo para “1818”;
“(1)”, com nota no rodapé:
“(1) Mas padre Jesuíno morre no ano seguinte!”

As matrizes sem anotações marginais

Serão referidos, aqui, os itens aproveitados das matrizes sem qualquer anotação marginal, livros e periódicos, textos integrantes ou não da biblioteca do autor, indicados na bibliografia de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, uma vez que, no capítulo II, já se trabalhou mais detidamente a intertextualidade desses trechos. Alguns são

transcritos na íntegra e outros, por se tratar de fragmentos excessivamente longos, apenas resumidos. Sempre que existir aproveitamento explícito e direto de tais informações no ensaio *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, serão referidas as páginas em questão, através de notas de rodapé. As observações da pesquisadora ficarão em itálico.

O destaque para os fragmentos oriundos da leitura de Mário de Andrade de determinados autores e obras obedece, igualmente, a ordem alfabética, consignando os títulos na biblioteca do ensaísta, (BMA) e no acervo do IEB-USP. Ocupa-se também da reconstituição possível dessa leitura, ao recorrer, no caso da ausência dos títulos nas estantes do escritor, às coleções que suprem essa falta, no mesmo acervo institucional –as de Yan de Almeida Prado (BYAP) e Caio Prado Júnior (BCPJ)- como já anunciado no início deste capítulo.

Eis as matrizes.

ALMEIDA, Alúcio de. Cristóvão Pereira de Abreu. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, nº 83. São Paulo, maio-jun., 1942, p. 93-98. (BMA)

P. 93-98:

“Em 1727, Francisco de Sousa Faria, empenhado em abrir uma estrada entre o Rio Grande do Sul e São Paulo, vai desta cidade até Santos, de Santos a Laguna por mar e, em 1730 chega a Curitiba, com a estrada aberta. Utilizando-se dela, Cristóvão Pereira de Abreu desbrava outros caminhos, trazendo uma tropa de gado e de muares, desde o atual Uruguai até as terras de Minas Gerais. A partir daí se estabelece, então, comércio de animais entre o sul e Minas.”

Cristóvão Pereira de Abreu foi figura importante no processo de povoamento do sul e sudeste do Brasil, entre 1730 e 1756.

Com a necessidade de um posto de parada e de fiscalização entre o sul e a cidade de Santos, por onde passavam os tropeiros em direção a Minas, foi escolhida a vila de Sorocaba em vez da vila de

*Itu, uma vez que em Sorocaba havia rio e ponte por onde podiam passar, um a um, os animais.*⁶⁷

FONSECA, Antonio Augusto da. Tipos ituanos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. v. 1. São Paulo, 1895, p. 5-15. (examinados o exemplar do acervo IEB e da BCPJ)

P. 5-15:

Trata-se de uma biografia do padre Jesuíno, com reprodução do diálogo de Jesuíno com Frei Tomé.

P. 8-9:

“O escritor e poeta português Emílio Zaluar viajou em S. Paulo em 1858, mais ou menos e nas suas impressões de viagem, que publicou em jornal do Rio, disse o seguinte: ‘Em Itu há o templo da Senhora do Patrocínio, de estilo gótico que atrai a atenção do viajante pela sua beleza e elegância; nenhum viajante deve deixar de vê-lo.’”⁶⁸

E Antonio Augusto da Fonseca continua relatando que, ao levar o senador mineiro Firmino Rodrigues Silva até Itu para conhecer a igreja, tendo falado a ele da opinião de Zaluar sobre o estilo do padre, ficou surpreso ao ouvir do amigo:

“[...] isto nunca foi estilo gótico.

“Então que estilo tem? Perguntei-lhe eu. – Nenhum, me replicou ele; não é gótico, nem dórico, nem coríntio, não tem estilo algum conhecido; porém é nisto mesmo que está o seu grande mérito. É um parto ‘sui generis’, um estilo original, que saiu da cabeça de um artista, que não conheceu sistema algum de arquitetura, mas que tinha na cabeça o ideal da arte. É um templo digno de ver-se pela sua elegância e originalidade.”⁶⁹

⁶⁷ IDEM, ibidem, p. 41.

⁶⁸ IDEM, ibidem, p. 285.

⁶⁹ IDEM, ibidem, p. 285.

FREIRE, Paulo Aurisol C. Um artista notável. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. v. 37. São Paulo, 1939, p. 571-578. (Acervo IEB)

P. 571-575:

“Há na história dos paulistas figuras notáveis, cujas memórias merecem ser lembradas, de quando em vez, para reabilitação de nomes esquecidos pela injustiça dos homens e dos tempos. JESUÍNO DO MONTE CARMELO é, sem dúvida alguma, uma destas figuras brilhantes de artista [...].”

O autor transcreve certidões importantes: de nascimento do pintor (trazendo indicação testemunhal de quem teria sido seu pai), de casamento de Jesuíno com Maria Francisca de Godoy, de batismo dos filhos, com informações sobre as fontes.⁷⁰ Invoca Azevedo Marques para esclarecer dados a respeito da pintura da igreja do Carmo, em Itu.⁷¹

P. 576-578:

Freire discorre sobre a viuvez precoce de Jesuíno e a reclusão a que ele mesmo se impôs: “Viúvo, com cinco filhos, foi, não obstante, solicitado para segundas núpcias, a que se recusou positivamente. Acariciava outro sonho o seu formoso espírito de artista.

Passou desde logo a usar um hábito de pano preto de algodão, cingido pela cintura com uma tira de couro, e desta maneira trabalhava e aparecia em toda parte.”⁷²

O autor também informa que, após ter finalizado as obras em Itu (Matriz e Carmo), Jesuíno foi para São Paulo, tendo trabalhado no Recolhimento de Santa Teresa⁷³ e se ordenado presbítero, a 23 de dezembro de 1797 (transcrição, na íntegra, do registro de

⁷⁰ IDEM, ibidem, p. 260-262.

⁷¹ IDEM, ibidem, p. 137.

⁷² IDEM, ibidem, p. 53.

⁷³ IDEM, ibidem, p. 54.

ordenação).⁷⁴ *Atribui a ele, também, outros trabalhos, além da talha do altar mor do Mosteiro de São Bento, de Santos.*

FONTOURA, Ezequias Galvão, mons. Os padres do Patrocínio. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 26. São Paulo, 1928-1929, p. 175-200. (Acervo IEB, BYAP)

P. 175-176:

O texto se inicia com breves referências históricas a respeito de Itu, no século XVIII, dando enfoque especial ao aspecto religioso:

“O ressurgimento do clero secular Ituano é devido, de um modo particular, à fundação da tradicional *Congregação dos Padres do Patrocínio*. O seu fundador foi o santo e popularíssimo Padre Jesuíno do Monte Carmelo, tendo como principais diretores científicos e espirituais o inolvidável Padre Diogo Antonio Feijó, depois Deputado às Cortes de Lisboa, Senador e Regente do Império Brasileiro, e Padre Antonio Joaquim de Mello, o apostólico Bispo desta Diocese, o imortal fundador do Seminário Episcopal.”

que assim repercutirá, no ensaio: “Cada família fazia questão de ter em seu seio pelo menos um sacerdote [...].”⁷⁵

P. 177-178:

O autor, Monsenhor Ezequias, é ituano. Reconhece as dificuldades inerentes a um estudo sem documentação histórica, como é o caso deste, mas afirma que se valerá de sua vivência com integrantes da Corporação dos Padres do Patrocínio, ou de familiares de padre Jesuíno, para “sanar essa falta”.

P. 178:

Identifica Jesuíno como filho do Dr. Teotonio, sobrinho da Alexandre de Gusmão, “por conseguinte parente do notabilíssimo

⁷⁴ IDEM, *ibidem*, p. 267-268.

⁷⁵ IDEM, *ibidem*, p. 44.

Padre Bartolomeu de Gusmão, o inventor da primeira máquina de voar.”⁷⁶

*A filha de Jesuíno, Maria Teresa, foi regente do Recolhimento das Mercês (reconhecida por Mário de Andrade como Casa das Educandas)*⁷⁷

*Padre Elias, apenas dedicado ao sacerdócio.*⁷⁸

*Eliseu, o único não padre, “foi grande estatutário.”*⁷⁹

*Ao Padre Simão Stock, Jesuíno cantou o evangelho na primeira missa. O padre Simão era requisitado mestre de cerimônias nas festividades religiosas, famoso também pelas ornamentações dos andores das procissões.*⁸⁰

P. 180:

“Se não sou contemporâneo de todos os membros dessa família exemplar, entretanto sou contemporâneo de distintos sacerdotes e seculares respeitáveis, amigos íntimos dessa família [...]; deles [...] ouvi sempre a narração minuciosa de seus feitos admiráveis.

“Tendo ele enviuvado a 13 de abril de 1793, pouco tempo depois resolveu mudar-se para S. Paulo, onde mais facilmente poderia conseguir os necessários recursos para sua honesta subsistência e de seus filhos menores. Aqui contratou as pinturas da Igreja do Convento do Carmo, e de sua Ordem Terceira. Era Prior desse Convento Fr. Thomé, sacerdote ilustrado e criativo. Com frequência ia ele palestrar com o pintor. Um dia Jesuíno Gusmão disse ao bondoso Prior: ‘Desde a minha mocidade tive decidida vocação para o estado eclesiástico e não me ordenei, como tanto desejava, porque a pobreza de minha família não permitiu que estudasse o latim; dei-me a este ofício como meio de vida. Agora que estou viúvo, quantas vezes me tenho lembrado com mágoa o não saber o latim; se eu o

⁷⁶ IDEM, ibidem, p. 37.

⁷⁷ IDEM, ibidem, p. 202 e 269-279.

⁷⁸ IDEM, ibidem, p. 65.

⁷⁹ IDEM, ibidem, p. 65.

⁸⁰ IDEM, ibidem, p. 65.

soubesse, ainda me ordenaria.’ Replicou-lhe então o respeitável Prior: ‘Se é esse o único obstáculo, furtai de vosso trabalho uma a duas horas todos os dias e ide à minha cela; eu vos garanto que em dois anos estareis habilitado para vos ordenardes.’⁸¹

P. 181-182:

Galvão Fontoura faz referências:

*às composições musicais de Jesuíno, para a inauguração da igreja do Patrocínio;*⁸²

*à opinião de Zaluar a respeito do estilo da igreja;*⁸³

*à opinião do senador mineiro Dr. Firmino Rodrigues Silva;*⁸⁴

*à plantação de chá do padre Feijó.*⁸⁵

P. 187-194:

*O autor do artigo traz biografia do padre Feijó, com alusões ao padre Manoel da Silveira: “austero sacerdote [...]. Passou longos anos de vida em profunda contemplação, [...]”*⁸⁶

P. 196:

“Nos dias úteis, a reunião do clero era na casa do Padre Jesuíno para a recitação do ofício divino e preleção teológica; aos domingos na Igreja Matriz, perante grande concurso de seculares para controvérsias teológicas, havendo renhida discussão sobre pontos contravertidos.”⁸⁷

P. 196-200:

Nestas páginas, Monsenhor Ezequias refere-se à atuação política de Feijó e à importância política e religiosa de Itu.

“A morte do Padre Jesuíno, [...], a retirada do Padre Antonio de Mello para os sertões de Piracicaba, onde abriu Colégio, e a ida do

⁸¹ IDEM, ibidem, p. 55-56.

⁸² IDEM, ibidem, p. 70.

⁸³ IDEM, ibidem, p. 285.

⁸⁴ IDEM, ibidem, p. 285.

⁸⁵ IDEM, ibidem, p. 75.

⁸⁶ IDEM, ibidem, p. 68.

⁸⁷ IDEM, ibidem, p. 66.

Padre Feijó a Portugal, produziram enorme abalo à bem iniciada Congregação dos Padres do Patrocínio.”⁸⁸

JARDIM, Luis. A pintura decorativa em algumas igrejas antigas de Minas. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 1939, nº 3, p. 63-102. (BMA)

P. 67-68:

“E é realmente na igreja que está toda a grande história da arte barroca do Brasil.

“O que se verifica, porém, é que a decoração em geral e a pintura em particular nem sempre se concluíam obedecendo a um plano preestabelecido. Faziam-se muitas vezes ao sabor das circunstâncias. Igrejas que levaram um século para construir-se definitivamente, como a de S. Francisco e das Mercês, em Diamantina, ostentam ainda hoje pinturas parciais. E ainda outras, como a de Santo Antonio, em Santa Bárbara, tiveram a unidade decorativa perturbada pelos acréscimos periódicos, influenciados consequentemente pelo gosto de cada época.”⁸⁹

P. 71:

“[...] a decoração se ressentiria, particularmente a pintura.[...]

“As decorações nos edifícios das irmandades de cor faziam-se aos poucos, as oitavas de ouro mal chegando (e, às vezes, não chegando) para os pagamentos ajustados.”

P. 72:

“O pintor da igreja do Carmo em Diamantina – o Guarda Mor José Soares de Araujo [...] determina no ajuste da decoração da nave da igreja, posterior à da capela mor, o processo da pintura: [...].”

P. 75:

“Quanto à natureza imaterial da pintura – seu sentido plástico e decorativo, sua orientação dentro das tendências barrocas – é curioso

⁸⁸IDEM, ibidem, p. 76-77.

⁸⁹IDEM, ibidem, p. 133.

assinalar-se que obedecia aos modelos europeus, aqui introduzidos certamente pelos mestres portugueses e pelos padres. As estampas e vinhetas dos missais antigos terão muitas vezes servido de modelo e inspiração.”⁹⁰

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de S. Paulo*, v. 1. Rio de Janeiro, 1879, p. 205-208. (BMA)

P. 205-208:

*Informações detalhadas a respeito da fundação de Itu, datas importantes para a cidade e relação completa das onze igrejas nela construídas, desde 1679 até 1867. A igreja Matriz foi inaugurada em 1780.*⁹¹

P. 207:

“A Matriz atual foi inaugurada em 1780. Em 1831 o padre Elias do Monte Carmelo fez construir a torre no centro do frontispício, e em 1833 entregou a Matriz completamente retocada [...].

“A igreja e convento do Carmo fundados em 1719 e reconstruídos em 1765.”

OLIVEIRA CÉSAR, Joaquim Leme de. *Notas Históricas de Itu. Revista do Patrimônio Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 25. São Paulo, 1927-1928, p. 45-89. (IEB)

P. 47,49,55-60 e 71:

São páginas entremeadas de referências a personagens ilustres que viveram em Itu, desde 1679 até 1869.

P. 51:

“Os dourados dos três altares principais, e as pinturas do teto da capela mor indicam perfeito conhecimento da arte: - devido, segundo a tradição, ao pincel de José Patrício da Silva, natural de Santos; os

⁹⁰ IDEM, *ibidem*, p. 95-96.

⁹¹ IDEM, *ibidem*, p. 136.

grandes quadros que ornaram o corpo da igreja , capela-mor e sacristia são devidos a habilidade de Jesuíno Francisco de Paula Gusmão, depois Padre Jesuíno do Monte Carmelo, de quem oportunamente daremos circunstanciada notícia. – Se estes quadros não podem ser comparados com os dos eminentes artistas, é admirável, todavia, que, sem os estudos dos grandes mestres, e dos exemplos que nos deixaram por modelo, Jesuíno de Gusmão só provas de sua fecunda imaginação nos dá nas pinturas da Matriz, Carmo e Patrocínio.”⁹²

P. 53:

Discorrendo a respeito da igreja do Carmo ituana e dos seus altares, Oliveira César dirá: “[...] em 26 de fevereiro de 1779 [...] é que a Mesa deliberou que se fizesse a Capelada. Pelo que se conclui, que tratava-se de fazer então o corpo da igreja. E, no que diz respeito aos altares que eles, já “princiados, não estavam em relação às imagens; resolveram portanto adotar outro risco, que é o dos atuais altares [...].”⁹³

P. 63:

“[...]a terceira Regente D. Maria Thereza, irmã do instituidor Padre Elias, com crédito de muito virtuosa.”⁹⁴

P. 64-69:

Oliveira César inicia, à página 64, biografia do padre Jesuíno, com detalhes a respeito da sua vida (como a referência ao uso do burel negro, depois da viuvez–detalhe já citado quando da análise do texto de Azevedo Marques), construção da igreja do Patrocínio e informações também a respeito da vida de Feijó, assim como a transcrição da “Oração fúnebre”, proferida por este em homenagem ao grande amigo Jesuíno.

⁹² IDEM, ibidem, p. 87-89.

⁹³ IDEM, ibidem, p. 133-135.

⁹⁴ IDEM, ibidem, p. 202.

OLIVEIRA, José Torres de. Anchieta e a pacificação dos índios. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 34, p. 10. (BMA)

P. 10:

Este trecho discorre a respeito da ida de Nóbrega e Anchieta a Iperoig, a 18 de abril de 1563, tendo eles saído de São Vicente, aportado em Bertioga e, só em 23 de abril, seguido para Iperoig.

Após as citações das matrizes frequentadas por Mário de Andrade, com ou sem anotações marginais, e os registros de apropriações, no ensaio *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, pode-se avaliar tanto a dimensão da pesquisa realizada pelo escritor, entre os anos 1941 e 1944, quanto as dificuldades inerentes a um trabalho marcado pela quase total ausência de informações históricas fundamentadas em bases científicas, naquela época.

IV – MÁRIO DE ANDRADE E JESUÍNO DO MONTE CARMELO: HISTÓRIA E FICÇÃO

O dossiê de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, já se afirmou nos capítulos anteriores, permitiu que se testemunhasse o atribulado processo criativo em que se envolveu o historiador e crítico de arte. Verdadeiro trabalho de artesão, o do biógrafo, mergulhando em todas as fontes originais que lhe vêm às mãos: documentos, cartas, jornais, textos de historiadores, relatos da tradição oral.

Ao crítico de arte Mário de Andrade, bastaria ver e analisar as obras pictóricas depois, é claro, de absoluta comprovação da autoria delas. Mas ao historiador faltavam elementos de informação suficientemente elucidativos de quem fora, de fato, o autor daquelas pinturas que julgava excepcionais, fossem elas observadas pelo aspecto psicológico, ou pela excepcional originalidade de criação. Por mais que ele e seus colaboradores investigassem e se esforçassem por descobrir dados sobre a vida e até mesmo sobre a obra de Jesuíno Francisco, quase tudo permanecia obscuro. Como fazer, então, para que o escrito tomasse corpo? E quanto aos escrúpulos, o tempo todo permeando um trabalho que pretendia sério e rigoroso? De que forma resolver tais impasses e cuidados? Como solucionar conflitos que o atormentaram durante os vários anos de trabalho à elaboração do texto?

No que dizia respeito à obra, o pesquisador empenhou-se em analisá-la, toda ela, apenas do ponto de vista técnico, chegando a fazer, a respeito das telas concentradas na Igreja Matriz de Itu, cinco versões. E assim se expressa na “Introdução”, ao *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*: “Quanto à obra, reservei para ela o melhor do meu esforço, fazendo-a intencionalmente de ordem técnica, cerceando ao possível os arroubos do entusiasmo.”⁹⁵

⁹⁵ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 33.

Examinava as fotografias, visitava as igrejas, debruçava-se dias inteiros sobre o material colhido sem, muitas vezes, chegar a conclusões animadoras. Isso o desesperava. E confessava ao amigo Rodrigo: “[...] o despertador me chamava às sete e sem outra coisa me jesuinizava até uma, duas da manhã...”⁹⁶

Mário de Andrade se viu aprisionado por um empreendimento a respeito de um artista cuja vida reputava extraordinária, apaixonante, um “gênio messiânico”:⁹⁷ “De tanto estudar e ver Jesuíno, acabei amando Jesuíno e desconfio que estou treslendo um bocado. As coisas dele me arrebatam e preciso adquirir mais equilíbrio.”⁹⁸

É bem verdade que reconhecia até mesmo “os exageros do amor” mas, como resolver situação tão conflitante?

“Existem ainda, para dizer tudo, principalmente por Itu, Porto Feliz e Sorocaba, mais alguns quadros que a gente se vê tentado a lhe atribuir. Mas sempre é bom não esquecer que viveram ou passaram por Itu, mais ou menos contemporâneos de Jesuíno, alguns outros pintores e ter cuidado com os exageros do amor.”⁹⁹

Mais recentemente, tais obsessões que tanto perseguiram e maltrataram o pesquisador, foram objeto de análises por vários historiadores e escritores, como François Dosse e Hayden White.

Dosse, em *O desafio biográfico–escrever uma vida* (2009), defende a ideia de que a tensão constante é inerente à biografia, já que no processo de criação o biógrafo se defronta com dois opostos igualmente intensos: o desejo de retratar o passado, tal como ele se

⁹⁶ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade* (1936–1945). Ed. cit., p. 168.

⁹⁷ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 60.

⁹⁸ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade* (1936–1945). Ed. cit., p. 153.

⁹⁹ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 85.

apresenta e o impulso de mesclá-lo com a imaginação, companheira inseparável do talento criativo. Embora essa tensão não seja apenas privilégio da biografia, aí ela assume características fortes, porque esse gênero depende, simultaneamente, da história e da ficção.

O historiador reconhece que:

"[...] a biografia se tornou, com o passar do tempo, um discurso de autenticidade, remetendo à intenção de verdade por parte do biógrafo. Entretanto, permaneceu a tensão entre essa ânsia de verdade e uma narração que deve passar pela ficção e que situa a biografia num ponto médio entre ficção e realidade histórica."¹⁰⁰

Isso porque:

"O biógrafo caminha no sentido de arrancar informações a respeito do biografado. No entanto, chegará o momento em que ele tem que 'aceitar as falhas, as lacunas na documentação, e preenchê-las com a dedução lógica ou a imaginação: é o espaço sonhado da invenção, da ficção'."¹⁰¹

No texto de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* é Mário de Andrade quem escreve:

"Mas alguma coisa preciso sempre historiar, pra que fique determinado melhor e mais certo o que a tradição oral atribui a Jesuíno, com razão ou sem. Os documentos que existem são falhos, muitos se

¹⁰⁰ DOSSE, François. *O desafio biográfico–escrever uma vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009, p. 12.

¹⁰¹ IDEM, ibidem, p. 16.

perderam. Os que existem nem sempre esclarecem como a nossa vaidade requer.”¹⁰²

Desabafa com “Resumo o que posso saber” ou com um “Enfim”:

“Resumo o que posso saber. O resultado feliz do teto da capela-mor da Terceira do Carmo de Itu se espalhou naturalmente entre os carmelitanos da província. Está dito nos autores e não há razão pra duvidar que Jesuíno Francisco de Paula pintou o teto da igreja conventual carmelita de São Paulo. É mais provável ter sido esse o primeiro trabalho que ele fez na capital.”¹⁰³

“Enfim os documentos provam que a última obra paulistana do artista foi o teto da Ordem Terceira. [...] Nesse teto dos terceiros, ele pintou primeiro a nave, depois a capela-mor e por último o coro.”¹⁰⁴

Continuando com o historiador francês, lê-se, à p. 20, ser da natureza híbrida do gênero biográfico dividir-se “entre a propensão ficcional e a ambição de relatar o real vivido.” Ainda nessa página, ele reconhece que, apenas se utilizando da intuição e da imaginação é que o biógrafo conseguirá chegar a um relato com estrutura e coerência. Inclusive cita, a propósito desse enfoque, a opinião de outro historiador francês, Max Gallo, que “leva a empatia a ponto de identificar biógrafo e biografado.”

O gênero biográfico, para François Dosse, “depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional”. Afirma que “A biografia é um verdadeiro romance” e que “O recurso à ficção no

¹⁰² ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 169.

¹⁰³ IDEM, *ibidem*, p. 180.

¹⁰⁴ IDEM, *ibidem*, p. 181.

trabalho biográfico é, com efeito, inevitável na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real.”¹⁰⁵

O biógrafo “ficcionaliza” seu objeto de trabalho, necessitando, então, se utilizar ou da imaginação ou das deduções lógicas, na tentativa de “compensar as insuficiências documentais e o resgate impossível do passado.”¹⁰⁶

Dessa forma, pensa que o gênero biográfico é “mescla de erudição, criatividade literária e intuição psicológica,” implicando “um mínimo de empatia [...]”.¹⁰⁷ Cita, ainda, o escritor francês Marcel Schwob, que escreve “ao biógrafo não importa muito a verdade: deve, isso sim, criar traços humanos, muito humanos”,¹⁰⁸ e André Maurois, para quem “toda biografia é romanceada”¹⁰⁹ e o gênero biográfico está entre a postura científica que conduz à busca da verdade e a dimensão estética, que empresta a ele o valor artístico: “A biografia é um gênero difícil: ‘Exigimos dela os escrúpulos da ciência e os encantos da arte, a verdade sensível do romance e as mentiras eruditas da história’.”¹¹⁰

Reflexões de Hayden White, historiador americano, reforçam parte do que é defendido por François Dosse. No capítulo 3 “O texto histórico como artefato literário”, em *Trópicos do discurso* (1994), White, além de discorrer a respeito do poder metafórico da narrativa histórica, cuja força também está em trazer à mente do leitor “imagens das coisas que indica”,¹¹¹ dá sua opinião sobre tais narrativas. Considera-as “ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum

¹⁰⁵ DOSSE, François. *O desafio biográfico-escrever uma vida*. Ed. cit., p. 55.

¹⁰⁶ IDEM, *ibidem*, p. 69.

¹⁰⁷ IDEM, *ibidem*, p. 60.

¹⁰⁸ IDEM, *ibidem*, p. 57.

¹⁰⁹ IDEM, *ibidem*, p. 68.

¹¹⁰ IDEM, *ibidem*, p. 59-60.

¹¹¹ WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*-ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução de Alípio Correa da França Neto. São Paulo: Edusp, 1994, p. 107-108.

com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências.”¹¹² Continua:

“O modo como uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, vale dizer, criadora de ficção. E chamá-la assim não deprecia de forma alguma o status das narrativas históricas como fornecedoras de um tipo de conhecimento.”¹¹³

E afirma:

“Os historiadores procuram nos refamiliarizar com os acontecimentos que foram esquecidos por acidente, desatenção ou recalque. Ademais, os maiores historiadores sempre se ocuparam daqueles acontecimentos nas histórias de suas culturas que são “traumáticos” por natureza e cujo sentido é problemático ou sobredeterminado na significação que ainda encerram para a vida atual, [.].”¹¹⁴

O autor insiste na ideia de que o discurso histórico é, sempre, um elemento ideológico e fictício sendo, assim, prisioneiro da linguagem figurativa.

Assim sendo, até onde se pode provar que, inconscientemente, o historiador ou o biógrafo acaba atribuindo aos seus relatos o sentido que pretende dar?

¹¹² IDEM, *ibidem*, p. 98.

¹¹³ IDEM, *ibidem*, p. 102.

¹¹⁴ IDEM, *ibidem*, p. 104.

Creio ter alicerçado as afirmações que, a partir daqui, apresentarei, não apenas a respeito do envolvimento de Mário de Andrade com o seu biografado, como também sobre o enfoque literário de que ele não conseguiu isentar o ensaio a respeito do pintor colonial paulista, o padre Jesuíno do Monte Carmelo.

Conforme já se disse anteriormente, nesta tese, dois são os textos-documentos nos quais se baseou o pesquisador, para dar vida ao seu personagem: a carta que Jesuíno, já padre e beirando os cinquenta anos, escreveu ao prior do convento de Santos, em 1815, pedindo perdão pelas suas “rapaziadas”, e a Oração do grande amigo e confessor Feijó, escrita e proferida no ano de 1821, dois anos após a morte do idealizador e arquiteto da igreja do Patrocínio.

A partir destas leituras, acontecidas em outubro de 1941, logo no início dos trabalhos, o historiador dispõe de alguns dados referenciais a respeito do padre como pessoa. Quanto aos documentalmente registrados, sobre a vida e obra do pesquisado, como igualmente já se afirmou, eram escassos e, no mais das vezes, duvidosos. Daí, então, o texto do ensaio estar permeado de hipóteses e dúvidas, tendo sido o autor obrigado a, inúmeras vezes, interpretar as informações de que dispunha. Devido à grande recorrência dessas características, não as citarei como notas de rodapé, pois entendo que a leitura do texto se tornaria então demasiado cansativa; seguirão uma ordem de enumeração, sempre negritadas e acompanhadas do número da página do livro *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* em que se encontram:

à 134: “**Continuo minha interpretação** (...)” a propósito de quando a igreja do Carmo, em Itu, fora construída;

à 136, “**Minha opinião é** (...)”, a respeito da presumida idade de Jesuíno ao pintar a Matriz ou a igreja do Carmo, em Itu;

à 142: “**Minha opinião é que** (...)”, sobre a restauração do teto da Carmo ituana;

à 164: "**Tenho a impressão de que** é mera coincidência com a tradição esse fato bem demonstrável em toda a pintura dele, da preferência pelos êxtases, pelas visões milagrosas."

à 165: "**A meu ver**, o dogmatismo da pintura jesuínica deriva exclusivamente da personalidade de um místico impulsivo e de quase nenhum cultivo espiritual."

ainda na 165: "Quanto aos dez quadros de Doutores da Igreja, guardados atualmente no museu da Cúria Metropolitana de São Paulo, **eu creio que** não são de Jesuíno."

à 169: "[...] **deve ser** malícia minha [...]."

à 175: " **Creio que** foi esse o mais vultoso trabalho de pintura realizado por José Patrício da Silva Manso, na Terceira do Carmo de São Paulo."

à 178: "Digo que 'irá pintar', porque pela ordem dos lançamentos, pelo costume sistemático no tempo de pagar parte de uma obra antes dela se fazer e pelo adiamento da primeira missa, **ser mais que provável** essa pintura do côro vir em seguida à data do lançamento."

à 178, também: "**Parece incontestável** [...]"

à 180: "**Resumo o que posso saber** [...]"

à 183: "[] **É provável que** [...]"

à 184: "[...] **porque, a meu ver**, [...]." ainda: " **A meu ver**, num artista tão psicológico em sua arte [...]"

à 197, sobre a igreja de N.S.do Patrocínio: "**É provável que**[...]"; "[...] **parece aconselhar** [...]" ; "**Não adianta imaginar coisa nenhuma.**"

à 200: "[...] **será mero** acaso da fantasia do artista? **Não sugere antes** [...]"

à 201: **Talvez** eu não devesse me expor a hipóteses tão irrespondíveis [...]. Mas por felicidade a carência de documentação não é total. A hipótese se impõe."; "**O meu pensamento é que** [...]"

à 204: "**Não creio.**"

à 205: "**Minha opinião é que [...]**"

à 206: "**Ainda há uma outra sugestão [...]**"

à 207: "**Talvez [...]**"

à 208: "**Não se tratará [...]**" "**Se [...]**"

à 210: "**Essa é a minha convicção.**"

à 222: "**Penso que não [...].**"

E nas notas, que pretendia esclarecedoras, por vezes igual procedimento se repetirá:

nota 9, à p. 255-258: "[...] **como interpretei ousadamente [...]**"

nota 11, à p. 258-259: " [...] **deduzo [...]**", " [...] **parece claro que [...]**"

nota 16, à p. 262-264: "[...] **parecem provar que [...]**"

nota 37, à p. 291-292: "[...] **com estas minhas deduções [...]**"

e finalmente, na última nota, a de número 43, à p. 298-299: "[...] **parece ter sido [...]**"

A certeza, ao contrário, excetuando-se a maior parte do texto das "Conclusões", é registrada apenas quando fala de José Patrício da Silva Manso e, assim mesmo, poucas vezes:

à p. 175: "[...] **indiscutivelmente, pelas identificações que fiz atrás.**" [...] "**Mas é certo que morou na capital ainda por bastante tempo.**"

É real que Mário de Andrade se esforça, e muito, para não fazer do texto um ensaio literário. Desejava-o técnico, objetivo, o mais científico possível; pensa e repensa o estilo, o projeto, o texto. Durante bastante tempo seu espírito debate-se entre fazer uma biografia científica ou, ao invés disso, um conto biográfico ficcional.

Não bastassem o meu estudo e contato com o dossiê dos manuscritos, absolutamente esclarecedores quanto a isso, ainda se

pode invocar o depoimento de Rodrigo Mello Franco de Andrade, no prefácio de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, a respeito do cuidado e da seriedade indiscutíveis com que se pautava o pesquisador: “[...] de uma formação profissional severa, e de uma consciência intelectual em extremo exigente e sempre disposta à máxima concentração sobre os objetos por ela atingidos.”¹¹⁵

No entanto, apesar de todo o empenho, é o próprio escritor quem, na introdução desse mesmo *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*, confessa que, apesar de todo o rigor a que se impôs, assume a “literatura” que fez: “Eu sei muito bem que a Vida, do padre Jesuíno do Monte Carmelo, foi concebida quase como um ‘conto’ biográfico. Interpretei dramaticamente.”

Nessa mesma introdução afirma não ter inventado dados, o que é real; no entanto, embora tenha objetivado cuidar da “Obra” com imparcialidade, nem mesmo nela consegue fugir da ficção e da literatura.

Após ter lido a carta do padre Jesuíno, e a Oração de Feijó, Mário de Andrade mergulha na ficção. Cria um personagem tão vivo que ao leitor é possível imaginá-lo, na segunda metade do século XVII, ou no início do XVIII, em atividades e momentos bem diferenciados: caminhando pelas ruas de Itu, subindo nos andaimes das igrejas do Carmo, ou de Itu ou de São Paulo, para nelas executar a decoração pictórica, caminhando, de Itu a Campinas, atormentado pelos remorsos, papagaio ao ombro, em busca do alívio que só o seu confessor poderia lhe oferecer, compondo as músicas a serem executadas na inauguração da Igreja do Patrocínio, participando, calado, das reuniões dos “Padres do Patrocínio”.

E aí também Mário de Andrade mostra-se genial. É François Dosse, acima citado, quem se reporta ao ensaísta escocês James Boswell:

¹¹⁵ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 26.

"[...] não conheço método biográfico mais perfeito que aquele que não apenas associa, segundo a ordem de produção, os acontecimentos mais importantes da existência de um homem, mas entremeia-os com o que esse homem haja dito, pensado e escrito. Tal método permite ao leitor vê-lo viver, e vivenciar com ele, cada um dos acontecimentos mais importantes."¹¹⁶

Ao iniciar os estudos sobre o padre, o escritor já se impressiona com a exteriorização psicológica que a obra de Jesuíno expõe. Esse enfoque psicológico, em um autor de obras que retratam fases tão marcadamente psicológicas, poderá ter facilitado ao pesquisador o mergulho na literatura e na ficção, a criação de um texto subjetivo, muitas vezes fruto da imaginação.

E assim inicia Mário de Andrade, falando de Jesuíno ainda menino, no convento do Carmo, em Santos: "O seu espírito vivaz se libertava das precariedades terrenas que o castigavam, pela compensação das coisas divinas, especialmente no culto da Senhora do Carmo."¹¹⁷

Já em Itu,

"[...] Bom moço, não há dúvida, modesto, de bons costumes e bom parecer, [...].

"Todos simpatizam com ele pelos seus modos mansos e comportamento virtuoso. Não anda atrás das negras escravas nem das pardas forras. Ninguém lhe conhece sequer um namoro, apesar da poeira de mulheres que entontece aqueles ares, sobrepujando bem a porcentagem masculina. É que os ituanos partiam sempre, indo fundar cidades por aí. Ficavam mulheres, uma poeira de mulheres; e a conversa mais cotidiana da vila é o casamento. Não se admite solteiro em Itu.

¹¹⁶ DOSSE, François. *O desafio biográfico–escrever uma vida*. Ed. cit., p. 61.

¹¹⁷ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 37.

Alguns pais sonhariam Jesuíno Francisco para marido das filhas, esquecendo sem querer o ondulado dos cabelos do mulato já claro, filho de parda, neto de parda, muito alvejado pelos sabões das Ilhas. Um desses pais não imagina apenas: resolve se utilizar do moço e garantir o futuro duma filha.

“E assim se deu que num belo dia de 1784 o moço bem cotado foi pedido em casamento e estava pra fazer vinte anos. Que trapalhada, nunca imaginara ter mulher!”¹¹⁸

O ficcionista continua a criação imaginando que depois, casado, enquanto decorava toda a igreja do Carmo de Itu, paredes e teto, a igreja da Senhora a quem tinha tanta devoção, Jesuíno certamente pensaria:

“Mas porque não entrava para irmão da Ordem Terceira quem se provava assim tão devoto da Senhora do Carmo! Jesuíno Francisco não perde de vista a sua mão, essa mão que na frente dele pinta nas paredes e nos tetos, essa mão que ele é obrigado sempre a olhar de dedilhando nos órgãos. Não pode nem sonhar em ser Terceiro. Vem uma raiva contra o mundo e os homens, principalmente contra os Terceiros de Itu. Jesuíno sorri sem querer, satisfeito. Fez mais uma falcatrúia, sem querer. Mas sucedeu que na revoada de anjinhos que ele despertou e fez voar pelo alvíssimo forro da Carmo, enxergando aquela mão que ele é tanto forçado a olhar na pintura e nos órgãos, a pele de um dos anjinhos lhe saiu exatamente da cor da mão. Jesuíno Francisco se vingou. Não pensa, não quer pensar, foi sem querer. Talvez seja pecado o que ele

¹¹⁸ IDEM, *ibidem*, p. 48.

fez. Jesuíno Francisco não pensa. Mas sente um erguimento satisfeito no seu machucado coração.”¹¹⁹

Viúvo, consagrado como pintor, parte para São Paulo, com a incumbência de, lá, cuidar da decoração pictórica de outros templos:

“Como sempre, os modos de Jesuíno Francisco conquistaram logo os frades paulistanos. O pintor vive entre eles, nesse convívio trevoso e confusamente terrestre da vida conventual. Um dia, nas suas conversas cotidianas com Frei Tomé, o prior que seguia passo a passo a pintura da igreja, este lhe perguntou porque não se ordenava. Jesuíno Francisco suspirou com melancolia e confessou um pouco ingratamente ao frade a sua vocação verdadeira. Desde o tempo da sua rapaziada que desejava ser padre [...].Desejava sim se fazer padre, mas a pobreza o levava ao ofício de pintor e a uma instrução tão escassa que nem atingia o escasso latinório que então se exigia para o sacerdócio. [...] Muitas vezes agora lhe vinha outra vez o desejo do estado eclesiástico. Se soubesse latim ainda se ordenaria, [...].
[...]

“Frei Tomé respondeu que por isso não: Jesuíno ainda estava em tempo. Deixasse a pintura por umas duas horas por dia e o buscasse na cela, que em dois anos possuiria latim suficiente para se ordenar.”¹²⁰

Este trecho remete à nota de número 17, em que Mário de Andrade critica o historiador Antônio Augusto da Fonseca, uma das fontes de pesquisa analisadas. Criticou-o e, curiosamente, acabou reproduzindo a mesma situação: “Antônio Augusto da Fonseca, tão

¹¹⁹ IDEM, *ibidem*, p. 52.

¹²⁰ IDEM, *ibidem*, p. 54-56.

distante de Jesuíno, e sem citar sua fonte, para que possamos criticar em sua veracidade, chega ao extremo de reproduzir textualmente o diálogo havido entre Jesuíno e Frei Tomé!”¹²¹

Anos mais tarde, já padre, em Itu, Jesuíno sonha:

“[...] Padre Jesuíno do Monte Carmelo principia aos poucos esboçando no espírito a imagem de um lugar, um repouso, um refúgio que venha, ainda não sabe ao certo, está tudo tão vago! [...]

“Padre Jesuíno do Monte Carmelo vibra numa grande efusão interior. Fundem-se no delírio dele o seu gênio messiânico e a vocação artística. Só isso? Outros padres ricos e brancos doam monumentos à cidade, ele era padre pardo e pobre... Mas o sonho do artista apaga tudo”.¹²²

E, finalmente, solicita entrar na Ordem do Carmo:

“Padre Jesuíno ficou estimulado demais! [...] era chefe dum grupo de padres perfeitos, era construtor de um templo maravilhoso para a Senhora do Patrocínio. Mas Jesuíno não pode esquecer aquela Senhora do Carmo bem-amada que o segue desde menino. O padre atormentado talvez não tema demais o inferno, em seu temor de Deus. Mas sabe que não evitará o purgatório por muitos séculos. Quantos seriam mesmo aqueles canudos de estanho?... Ora a sua Senhora do Carmo prometera, ele sabe, tirar do purgatório, logo no sábado, seu dia, os que morressem durante a semana. Mas para isso era preciso que a alma fosse irmã da Ordem Terceira. [...] E Jesuíno concebe o seu sonho

¹²¹ IDEM, *ibidem*, p. 226.

¹²² IDEM, *ibidem*, p. 60.

mais maluco: pede a lua aos mortais. O padre Jesuíno do Monte Carmelo solicitou entrar na Ordem do Carmo! Que escândalo!”¹²³

Até aqui citei apenas trechos referentes à “Vida”, parte do ensaio em que Mário de Andrade assume claramente o enfoque ficcional. Agora, extrairei da “Obra”, que ele pretendia o mais científica possível, exemplos de literatura e ficção.

“Minha opinião...”, já explicita uma abordagem pessoal:

“Minha opinião é que o artista, pelos seus dezoito anos, apenas principiara o aprendizado das telas da matriz. Só em seguida, já casado, já confirmado em seu valor pictórico, recebe dos carmelitas amigos a encomenda da decorar a Carmo. E se põe ao trabalho aí pelos vinte anos, não posso precisar, mas no esplendor da sua mocidade audaciosa, na plenitude da sua vida terrestre. E concebe então decorar toda a igreja, mas toda! Em vez de quadros nas paredes, vamos fazer outra coisa: pintura diretamente nas paredes. Por certo nunca soube de afrescos, mas conhece a fragilidade da taipa. As paredes serão todas revestidas de madeira, e já que as locupletar de talha é mais caro e mais lento, ele pintará diretamente todo esse madeirame, como quem pinta a madeira toda dum teto. E, caso único no Brasil colonial, a igreja foi decorada todinha com pinturas a óleo, tetos e paredes.”¹²⁴

Ao falar dos santos da igreja do Carmo, em São Paulo, diz:

“[...] E são todas figuras calmas, de esplêndida paz interior. Não têm mais aquela alegria, aquela felicidade

¹²³ IDEM, *ibidem*, p. 66.

¹²⁴ IDEM, *ibidem*, p. 136.

vibrante dos santos da Carmo ituana. A vibração é sempre convincente, mas ressumbra a paz. Uma paz de sacerdote calouro, que Jesuíno em breve perderá no exercício da profissão. E com efeito, esse mesmíssimo são João da Cruz, com cópia integral da composição, ainda ele irá superar mais tarde, quando o repetir numa tela do Patrocínio. Superar num sofrimento impressionante, que confessa o padre e nos comove muito. Pobre Jesuíno do Monte Carmelo...”¹²⁵

Ou, ainda, a respeito dos quadros do Patrocínio:

“[...] Mas esses quadros nos deixam tomados de espanto e comoção. Serão decerto pintura da mais individualistamente psicológica, de quantas conheço em nossa vida colonial.

“O padre Jesuíno do Monte Carmelo de agora, incontestável autor desses quadros fáceis de identificar, é no entanto um artista violentamente distante, como homem, daquele Jesuíno Francisco de Paula que conhecemos. É um homem corrido de inquietações, agitado, que se despediu de qualquer prazer, de qualquer sensualidade terrena. É um homem que já está fora da vida do mundo, mas que está longe de ter conquistado a beatitude dos céus. É um homem que sofre.

“É bem fácil fazer uma literatura assim. Pois que temos dados suficientes sobre a vida do padre. Agora ele é o assombrado que pede perdão dos seus pecadilhos artísticos da mocidade. É o escorraçado pelos medos do inferno, que não se contenta com as absolvições recebidas no confessionário, todo remorso e escrúpulos, penitencial, disciplinador impiedoso do

¹²⁵ IDEM, *ibidem*, p. 187.

corpo que amou Maria Francisca. É o místico que arrebanhou com o seu encanto pessoal os quase heréticos Padres do Patrocínio, e o artista aventureiro que está vendo a mais vaidosa das suas empresas em perigo de sossobrar e viaja em busca de seu rei pra pedir dinheiro.”¹²⁶

Ao se referir ao anjinho mulato, “que traz uma cabeleira pouco menos que pixaim!”, coloca no texto o encantador diálogo entre Jesuíno e o prior do Carmo de Itu:

“[...] Mas entre a profusão das quatro dezenas de anjinhos, o artista mulato conquistou o direito de apenas um exemplar mulato. Este porém de franca mulataria.

“Por certo que um prior Lourenço de Almeida Prado nunca poderia imaginar que o artista de condição humilde tivesse a audácia de botar um pardo nos orgulhosos céus carmelitanos.

“–Que é aquilo, Jesuíno Francisco? Por que aquele anjo está me saindo tão escuro?

“–Faltou tinta, senhor Lourenço, faltou tinta”.¹²⁷

E quanto ao envolvimento escritor/personagem, tão evidente neste trabalho de Mário de Andrade? O personagem Jesuíno ganha vida própria, toma corpo, impondo-se ao *scriptor* a ponto de, em vários momentos, tornar-se uma espécie de alter-ego, como o próprio texto de *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* evidencia.

Em François Dosse lê-se a seguinte citação de Sigmund Freud:

“Os biógrafos se ligam de modo especial a seus heróis. Com frequência, escolhem-nos para objeto de

¹²⁶ IDEM, *ibidem*, p. 197-198.

¹²⁷ IDEM, *ibidem*, p. 210.

seus estudos porque lhes testemunham desde logo, em razão de sua vida de sentimento pessoal, uma afeição particular.”¹²⁸

E trechos há, no ensaio, nos quais o leitor se surpreende, a ponto de se questionar se o protagonista do trecho lido é o próprio autor ou o personagem.

À primeira leitura sente-se certo impacto quando, por exemplo, Mário de Andrade, ao discorrer sobre o pedido de casamento feito a Jesuíno, explode no texto com um inesperado “VOU ME CASAR”. Surpreendentemente o verbo, que vinha sendo conjugado na terceira pessoa do singular, vai para a primeira pessoa, como se a decisão tivesse sido tomada pelo próprio escritor. Após o trecho, o ficcionista retorna à terceira pessoa:

“E assim se deu que num belo dia de 1784 o moço bem cotado foi pedido em casamento e estava pra fazer vinte anos. Que trapalhada, nunca imaginara ter mulher! Quem o solicitava assim era ainda um português, também filho das ervas que nem ele, pobre, mas casado com gente bem genealógica da vila de Parnaíba. Jesuíno Francisco ainda hesitou um pouco em contrair casamento com a filha de João Francisco Mendes e sua mulher Sebastiana Ribeira de Moraes. Mas era aventureiro mesmo, tocava nos órgãos, compunha, José Patrício já o deixara pintar sozinho os últimos quadros da matriz. E a religiosidade do moço era menos forte que o seu anseio de experimentar os diversos aspectos da vida. Maria Francisca, a noiva prometida era tão branca, rosto redondo, liso, duma alvura impassível. Jesuíno Francisco tenta continuar a tela. Mas na sua frente enxerga aquela mão pintando. Ele era um pardo... Estão lhe oferecendo a vitória duma

¹²⁸ DOSSE, François. *O desafio biográfico–escrever uma vida*. Ed. cit., p. 325.

virgem branca, vou me casar! E Jesuíno acabou aceitando”.¹²⁹

Ou então quando, no episódio de Frei Tomé, na igreja do Carmo em São Paulo, Mário de Andrade se trai usando “a gente”:

“[...] Desde o tempo da sua rapaziada que desejava ser padre [...]. E poderia bem ter dito que desde a meninice, porque de menino a gente se apaixona fácil pelos paramentos vistosos, a gesticulação dos ritos e as glorificações terrestres, naquele tempo tão imperialistas do sacerdócio.”¹³⁰

E ao se referir ao anjinho mulato da igreja do Carmo de Itu? Novamente muda a pessoa e assume inequivocamente a própria defesa, ele também mulato, passando o verbo para a primeira pessoa do plural: “recebendo aquele banho de luz celestial que [...] nos tornará todos iguais”:

“[...] E foi o que afiançou, também revoltado, o mulato Jesuíno Francisco. Só que o seu bodinho foi carmelitanamente disfarçado, recebendo aquele banho de luz celestial que provavelmente no outro mundo nos tornará todos iguais. Menos nos cabelos”.¹³¹

Ainda há que se lembrar o fato de que, em 1938, como já referido nesta tese, Mário de Andrade escreve em “Pintura religiosa paulista”:

“[...] Parece que aos Paulistas foi mais dadivosa a Senhora do Carmo, minha excelente madrinha de batismo. [...]

¹²⁹ ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 48.

¹³⁰ IDEM, *ibidem*, p. 54-55.

¹³¹ IDEM, *ibidem*, p. 210.

“Nos meus tempos de menino, estudante do Ginásio do Carmo desta capital, nada ainda nascera em mim dos meus errados caminhos de artista. Era menino apenas. Nas missas dominicais do Ginásio, no entanto, quando facilmente me cansava de rezar, meus olhos é que gostavam de errar pelo teto, contemplando aqueles serenos seres carmelitas que o teto celebrava e deviam estar lá no céu. Amava aquelas pinturas, um bocado secas, desprovidas de qualquer afabilidade terrestre, e que por isso mesmo condiziam melhormente com os respeitáveis êxtases celestiais.”

E no ensaio assim se expressa:

“[...] Mas Jesuíno adorava ficar tempo esquecido, ajoelhado ante os altares laterais da igreja do convento carmelita. Está rezando, diriam os frades. Mas o menino se perdia na contemplação dos quadros que adornavam os frontões dos retábulos. Ele achava tão lindos esses santos pintados de que nunca se esquecerá: caras redondas, gordas, lisas, de uma alvura impassível. Ele não tinha essa alvura...”¹³²

“Este processo, verdadeira receita, é sistemático na obra de Jesuíno. Já o era também nas pinturas anônimas dos retábulos carmelitas de Santos que ele contemplara em criança.”¹³³

“Na infância e primeira adolescência, em Santos, Jesuíno, sentindo muita inclinação e habilidade para a pintura’, como confessa na carta, havia por certo de contemplar muito os quadros que adornavam os

¹³² IDEM, *ibidem*, p. 38.

¹³³ IDEM, *ibidem*, p. 103.

frontões dos retábulos laterais da igreja dos frades carmelitas, onde ele passava o dia.”¹³⁴

E também sobre o jovem, já em Itu:

“[...] A Capela Velha pertencera aos Terceiros, instituidores do culto do Carmelo em Itu. Já bastante ruínosa, guardava ainda intactos e bem vivos, os lindos painéis a óleo dos caixotões do teto. Jesuíno Francisco os contemplava muito, os estudava com certeza, embora para as suas tendências de mulato e moço, não agradasse muito a elegância do desenho nem o refinamento raro de colorido do Anônimo da Capela Velha”.¹³⁵

Resta agora evidenciar a insistente recorrência do autor ao mulatismo de Jesuíno, ao complexo que o teria acompanhado por toda a vida e determinado as características de sua obra pictórica, uma arte de caráter psicológico.

Já no início da narrativa, reportando-se a respeito da decisão de Jesuíno de, aos dezessete anos, em 1781, ir para Itu, acompanhando um frade que para lá iria a fim de desempenhar a função de presidente do Hospício do Carmo, Mário de Andrade fala em “sangue turvado”, aquele sangue que não se escolhe, mas que é imposto pela hereditariedade: “Ficava enfim no seio da família carmelitana, que não lhe era imposta por nenhum laço de sangue turvado, mas que ele escolhera por sua vontade.”¹³⁶

A revolta começa a se evidenciar quando executa a sua primeira obra e, senhor de suas próprias decisões, no “alvíssimo forro da Carmo”, dominado pela raiva, faz voar um anjinho mulato, “exatamente da cor” daquela mão que pinta. O teto era alvíssimo e a

¹³⁴ IDEM, *ibidem*, p. 203.

¹³⁵ IDEM, *ibidem*, p. 45.

¹³⁶ IDEM, *ibidem*, p. 40.

Ordem do Carmo, de pura raça caucasiana também; ninguém que fosse mestiço poderia ser nela admitido:

“Mas porque não entrava para irmão da Ordem terceira quem se provava assim tão devoto da Senhora do Carmo! Jesuíno Francisco não perde de vista a sua mão, essa mão que na frente dele pinta nas paredes e nos tetos, essa mão que ele é obrigado sempre a olhar de dedilhando nos órgãos. Não pode nem sonhar em ser Terceiro. Vem uma raiva contra o mundo e os homens, principalmente contra os Terceiros de Itu. Jesuíno sorri sem querer, satisfeito. Fez mais uma falcatrúea, sem querer. Mas sucedeu que na revoada de anjinhos que ele despertou e fez voar pelo alvíssimo forro da Carmo, enxergando aquela mão que ele é tanto forçado a olhar na pintura e nos órgãos, a pele de um dos anjinhos lhe saiu exatamente da cor da mão. Jesuíno Francisco se vingou. Não pensa, não quer pensar, foi sem querer. Talvez seja pecado o que ele fez. Jesuíno Francisco não pensa. Mas sente um erguimento satisfeito no seu machucado coração”.¹³⁷

Em São Paulo, após o estudo do latim, Jesuíno se torna padre: “padre sim, mas ex-defectu natalium.”:

“[...] Mas ainda para o seu casamento novo, não sei se mais penoso porém mais espontaneamente desejado, Jesuíno Francisco teve de suportar lhe jogarem mais uma vez na cara o labéu pardacento de filho de pai incógnito: padre sim, porém ‘ex defectu natalium’.
[...]

¹³⁷ IDEM, *ibidem*, p. 52.

Ao rezar a primeira missa o mulato vitorioso, alma tumultuada, triunfa:

"[...] A dezesseis de julho de mil setecentos e noventa e oito, o padre Jesuíno do Monte Carmelo sobe trêmulo os degraus do altar, imprensando nos dedos o cálix da consagração. Vai rezar sua primeira missa e em que tumulto está... O seu espírito aspira se consagrar inteiramente agora às obras humanas de Deus. Mas o mulato não estará triunfando, o altar é trono, o padre é rei?..."¹³⁸

Já padre, tendo voltado a morar em Itu, ousado, embora "pardo e pobre" começa a idealizar um lugar grandioso, sem saber ainda bem "ao certo" como será:

"[...] Padre Jesuíno do Monte Carmelo principia aos poucos esboçando no espírito a imagem de um lugar, um repouso, um refúgio que venha, ainda não sabe ao certo, está tudo tão vago! [...]"

"Padre Jesuíno do Monte Carmelo vibra numa grande efusão interior. Fundem-se no delírio dele o seu gênio messiânico e a vocação artística. Só isso? Outros padres ricos e brancos doam monumentos à cidade, ele era padre pardo e pobre... Mas o sonho do artista apaga tudo".¹³⁹

"Pardo, filho de parda, neto de parda. Negro."¹⁴⁰ Humilde enquanto padre, altivo enquanto negro, arrojadamente "solicita entrar na Ordem do Carmo!":

¹³⁸ IDEM, ibidem, p. 56.

¹³⁹ IDEM, ibidem, p. 60.

¹⁴⁰ IDEM, ibidem, p. 67.

“Padre Jesuíno ficou estimulado demais! [...] era chefe dum grupo de padres perfeitos, era construtor de um templo maravilhoso para a Senhora do Patrocínio. Mas Jesuíno não pode esquecer aquela Senhora do Carmo bem-amada que o segue desde menino. O padre atormentado talvez não tema demais o inferno, em seu temor de Deus. Mas sabe que não evitará o purgatório por muitos séculos. Quantos seriam mesmo aqueles canudos de estanho?... Ora a sua Senhora do Carmo prometera, ele sabe, tirar do purgatório, logo no sábado, seu dia, os que morressem durante a semana. Mas para isso era preciso que a alma fosse irmã da Ordem Terceira. Padre Jesuíno, mesmo na sua humildade, se percebe amado e respeitadíssimo. Pois o regente não lhe dera três mil cruzados! Pois aquele severo e altivo capitão-mor Vicente da Costa Taques Góis e Aranha não é o primeiro a limpá-lo de ‘branco’ nos recenseamentos da vila! E Jesuíno concebe o seu sonho mais maluco: pede a lua aos mortais. O padre Jesuíno do Monte Carmelo solicitou entrar na ordem do Carmo! que escândalo! Afobação assustada dos Terceiros, discussões, defesas ferventes a favor do padre. Padre mas mulato. Como aceitá-lo numa Ordem de ‘pura raça caucásica’, em que só por ser casado ‘com parda de terceiro grau’, sequer um ariano puro podia professar! Pois Jesuíno vence ainda desta vez. E a venerável Ordem terceira de N. S. do Monte Carmelo da vila de Itu, consciente das ‘virtudes do postulante, impetrou da Santa Sé um breve mandando admitir em seu grêmio o padre Jesuíno do Monte Carmelo.’ Mas ou o breve nunca veio ou foi negado, e a vitória de Jesuíno terminou nessa bofetada. Pardo, filho de parda, neto de

parda. Negro. O padre aceitou tudo na sua humildade necessária, mas o negro Jesuíno Francisco, não.”.¹⁴¹

Sente-se bem forte a revolta expressa pelo autor, em nome de seu personagem. De quem, essa revolta? O tempo todo depreende-se do ensaio um sentimento de defesa ao artista, defesa a um mestiço genial, vítima de preconceito. Genial, sim, mas mestiço, mulato, negro, com sangue inevitavelmente turvado.

Não muito tempo depois dessa “bofetada”, Padre Jesuíno se permitirá outra vingança, em que ninguém poderá interferir, já que apenas ele é o responsável pelos seus atos:

“[...] Em breve se vingará mais outra vez. No momento, aturdido, ele só cuida em se afogar no trabalho. E se desdobra no sacerdócio e no completamento do templo. Daquela que não o patrocinou junto do papa.

“A saúde já vem dando os primeiros rebates de cansaço, mas como pensar em saúde? Os trabalhos do acabamento da igreja estão em pleno furor. Jesuíno pinta quadros com os retratos dos santos carmelitanos, cujo culto não larga, apesar da bofetada recente. Mas aquela mão o persegue, se expondo na frente dele. Ele era um pardo... Era um filho das ervas... Não tinha genealogia... Mas os filhos dele ao menos esses têm! São filhos legitimíssimos de Maria Francisca de Godói, gente de Parnaíba, e de Jesuíno Francisco de Paula... sim: de Paula Gusmão, da estirpe dos Gusmões. Em pintura, a genealogia não será o retrato?... E Jesuíno, disfarçadamente, quase sem querer, afirma a legitimidade dos filhos, pintando a cara deles nos retratos dos seus santos”.¹⁴²

¹⁴¹ IDEM, *ibidem*, p. 66.

¹⁴² IDEM, *ibidem*, p. 67-68.

E Mário de Andrade ainda continua: "Nos altares já grita alviçareiro o ouro das talhas, e os quadros pintados punham santos... de cor nas paredes".¹⁴³

As recorrências ao mulatismo de Jesuíno, à revolta e ao complexo de inferioridade que o teriam perseguido por toda a vida continuarão a surgir no texto, mesmo quando Mário de Andrade estuda a "Obra".

Assim escreve, ao analisar a pintura da igreja do Carmo, em Itu: "No meio da anjaria, o artista disfarçadamente imiscuiu um anjinho mulato!"¹⁴⁴

Ou ainda, referindo-se à Igreja do Carmo, em São Paulo, surpreende o leitor com a impactante afirmação "sem hierarquia nem infâmia de sangue ruim". O que é "sangue ruim"? Por que "sangue ruim"?:

"[...] Mas são retratos de santos, não são retratos de corporações flamengas, com hierarquia de posições e a burguesice naturalista desta vida nossa. Não haverá planos nem ternaridades maliciosas, ressaltando figuras centrais. São quatro em cada grupo, todos na mesma beatitude celeste sem hierarquia nem infâmia de sangue ruim, quatro."¹⁴⁵

Quando discorre a respeito da igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, novamente o autor retorna ao presumido complexo de inferioridade de Jesuíno, provocado pela cor e pela condição de filho espúrio. Aí, então, para Mário de Andrade, a prova irrefutável se comprovará através dos retratos de santos pintados pelo padre e

¹⁴³ IDEM, *ibidem*, p. 69-70.

¹⁴⁴ IDEM, *ibidem*, p. 146.

¹⁴⁵ IDEM, *ibidem*, p. 183.

destinados a ornamentar o grandioso templo concebido e edificado por ele, o templo mais bonito da capitania.

“Resta o problema do mulatismo que interfere no do retrato. Que Jesuíno cultivasse algum complexo de inferioridade de cor, e mesmo que sofresse as conseqüências da sua mestiçagem, nada mais possível. E mesmo provável. Já vimos que durante a sua vida secular, ele se recusava a assinar o ínclito nome dos Gusmões, só o fazendo em documentos em que isso era menos dispensável, como a procuração a Santos, ou já mais desleixado, ou já mais livre do complexo, no fim da sua vida civil. Além disso, uma documentação muito segura e de quase contemporâneos dele o demonstra, só quando já padre e respeitado, buscando entrar para a Ordem Terceira da Nossa Senhora da sua devoção, e não podendo entrar. [...]

“A fatalidade veio dos retratos. Já na duplicata fisionômica do S. João da Cruz e do S. Simão Stock, do Patrocínio, julgo descobrir traços de mulatismo racial [...] o meu sentimento se estende ainda à Santa Teresa, do Patrocínio, tão diversa de todas as outras mulheres que Jesuíno pintou na sua vida.”¹⁴⁶

Além de tudo isso, o ficcionista ainda uma vez ressaltará o mulatismo de Jesuíno, “filho de parda, neto de parda”:

“[...] Mas a adesão que ele tinha para com esse retrato da Santa Teresa era outra, derivada de outro amor, de outra preferência. Jesuíno retratava alguém. A meu ver, a filha. Era a adesão de um pai. E esse rosto diferente também sugere o seu tal ou qual mulatismo.

¹⁴⁶ IDEM, *ibidem*, p. 202-203.

[...] carece não esquecer que Jesuíno era filho de parda, neto de parda."¹⁴⁷

Defende a ideia de que Jesuíno, ao igualar um anjo mulato aos "serafins da alvura bíblica", deseja conquistar, aos mulatos, um cantinho "no reino dos céus":

"[...] Pois justo como figura que lhe fica oposta, com a asa direita quase tocando a fímbria das vestes de Eliseu, Jesuíno, assombroso de coragem, pintou o anjinho mulato a que já me referi! Talvez seja esta, de todas as figuras de anjos, a mais prejudicada pela restauração... Mas o foi apenas no rosto, que está muito carminado, muito clareado, mesmo porque a inocência feliz do restaurador jamais lhe fez passar pela cabeça a possibilidade dum anjinho mulato em céus europeus. Mas por felicidade nossa o corpo todo não foi retocado, e diverge totalmente de todos os outros anjinhos pelo colorido, que é escuro, dum pardavasco insofismável. Não padece dúvida de que a intenção de Jesuíno Francisco foi se defender e aos seus, conquistando aos mulatos, com essa preliminar pictórica, um cantinho no reino dos céus. Jesuíno 'fez jurisprudência', como se diria em linguagem jurídica, ou 'criou um precedente', como ripostaria a linguagem dos pareceres burocráticos. Jesuíno pôs um anjo mulato em perfeita igualdade com os serafins da alvura bíblica. Desconfiado do que descobrira, obtive a opinião de outrem, e tenho o prazer grato de nomear a pintora Tarsila do Amaral, por mais afeita à profissão de pintar. Mas todos os perguntados foram unânimes em reconhecer comigo que o artista tivera a intenção consciente e a realizara, de fazer um anjinho mulato."¹⁴⁸

¹⁴⁷ IDEM, ibidem, p. 206.

¹⁴⁸ IDEM, ibidem, p. 207.

Ainda no enfoque que faz sobre a igreja do Carmo, em longo trecho Mário de Andrade refere-se à igreja do Carmo, de Itu. No início, apenas insinua o caso de mulatismo para depois, no decorrer do texto, declarar francamente a opinião que tem de serem, os anjos, verdadeiros tipos negróides. Novamente a claríssima defesa dos negros, vítimas de “muito sofrimento” e, a tão perseguida análise técnica da obra, se vê mesclada ao enfoque literário e à interpretação ficcional do historiador de arte:

“Mas é curioso: todos os quatro anjinhos têm cabelos negros e três deles bastante mestiçados pela firmeza dura dos cachos. Não deixa de ser impressionante a maneira com que o artista mulato maltrata os cabelos dos seus anjos. Ele desconhece, ignora, os cabelos crespos à europeia, fofos e leves, flexuosamente encrespados. Se os faz, por essa época, de anjos positivamente brancos, são cabelos lisos, duma lisura ríspida, dura por vezes, sem nenhuma experiência sensível de observação. Mas se os faz crespos, logo os encrespa em cachos gordos, muito da nossa experiência e da nossa vida brasileira. E até, se observarmos o anjinho que, subindo do anjo que está junto do escapulário, depois do grupo de três segurando um só ramo de flor, é imediatamente o seguinte e segura uma flor que possivelmente é um cravo, topamos quase que garantidamente com uma figura que além de negroide no tipo, traz uma cabeleira pouco menos que pixaim!

“É fácil a objeção: Mas por que este anjinho é branco de pele, e o anjo mulato se disfarça? Não é verdade que este último se disfarce, ele é francamente mulato na cor da pele; não se disfarça, apenas se dispersa na multidão de anjinhos brancos. Quanto ao

do cravo, como podia o artista impor um negrinho numa Ordem Terceira que sempre ostentou, na tradição paulista, a gente mais graduada e soberba da capitania? Não é apenas provável, é garantido que os Terceiros fariam o artista retirar o seu negrinho do céu lá deles. [...] entre a profusão das quatro dezenas de anjinhos, o artista mulato conquistou o direito de apenas um exemplar mulato. Este porém de franca mulataria.

"Por certo que um prior Lourenço de Almeida Prado nunca poderia imaginar que o artista de condição humilde tivesse a audácia de botar um pardo nos orgulhosos céus carmelitanos.

"-Que é aquilo, Jesuíno Francisco? Por que aquele anjo está me saindo tão escuro?

"-Faltou tinta, senhor Lourenço, faltou tinta.

"Só me sobra mais um possível caso de mulatismo a indicar. Nesse mesmo forro ituano, entre os seus beatos felizes, se cinco figuras são incontestavelmente brancas, talvez a mais simpática, talvez a mais cuidada e fixada em traços distintivos individualistas, e por certo a mais estranhável e diferente, é a do bispo velho, figura central do lado esquerdo do painel, cujo anjo dialogante lhe segura o chapéu. Então o cabelo, único entre as cinco figuras, é positivamente crespo demais, para não dizer pixaim. A indiscrição não é somente minha. As pessoas a quem participei a minha malícia, também aqui foram unânimes em concordar comigo. Esse santo é um mulato. E é um mulato muito nosso conhecido, muito da nossa prática, de quantos de nós conviveram ainda largamente na infância, com ex-escravos e negros velhos. Dir-se-ia mesmo que é um negro, apesar da cor disfarçada. É um hauçá de nariz aquilino, maçãs salientes, que os outros cinco santos não repetem, olhinhos sorridentes, e uma bondade

geral derivada de muita obediência, muita ignorância e muito sofrimento.

"Essa é a minha convicção. Jesuíno foi um indivíduo perseguido conscientemente pela sua condição de mulato e filho espúrio. Isso lhe determinou parte da vida e da obra. A consciência dessa verdade triste fez com que ele recusasse, enquanto na plena posse da sua força e seus direitos civis, o nome dos Gusmões. Só o aceitou quando as praxes da sociedade o abrigavam a se assinar por inteiro, e quando já perdidas as primeiras forças de homem. Ou quem sabe se numa reviravolta de intenções, aproveitando o Gusmão para se branquejar e subir numa genealogia.

"É possível ainda que a preferência por certos traços fisionômicos dos seus tipos ideais de santos, principalmente para o da mulher, lábios grossos, nariz grosso, lhe tenha sido ditada inconscientemente pelo seu mulatismo, porém isto não tem a menor importância, nem chegou a afetar a obra do artista. Mas este, consciente da sua mestiçagem, e revoltado contra o preconceito de cor, na sua primeira obra de pintor independente, em toda a consciência, se vinga das formas do mundo, e conquista para as pessoas de cor um lugar no céu católico, desrespeitando as leis congregacionais da Senhora do Carmo inculpável, pintando no templo dela um anjinho mulato, um santo mulato e talvez negro, mas disfarçado na cor. Esse marginalismo revoltado o levou a maior audácia ainda, na aspiração de se afirmar e adquirir pedigree. O processo genealógico da pintura é o retrato. Por certo sem consciência determinada desse lado genealógico do retrato, numa aparência apenas de carícia afetiva e paternal, o mulato cria para os seus a tradição familiar, retratando alguns dos filhos em anjinhos. Todos ou apenas alguns. E um deles repetiu, ou outro muito

parecido, no Menino Jesus de Praga. E quando está para o final da vida e despojado dos interesses terrenos, ele se vinga ainda. Faz-se padre, mas quer-se padre perfeitíssimo, mais perfeito que a maioria dos que observava, num orgulho a que não concede nenhuma consciência. E então se vinga da congregação carmelita de que não pudera participar, organiza tímido, sem a coragem dum Francisco de Assis ou Inácio de Loiola, não uma ordem, mas um arremedo de ordem, com os Padres do Patrocínio. Mas quer a sua congregação mais imponente que nenhuma da cidade. Imagina o seu maior templo, o seu edifício mais monumental, a maior coisa da capitania. O Patrocínio é uma espécie de vingança inconsciente. Mas a perseguição não o larga. O mulato renegado dos céus desta terra branca tem um medo horrível de que não o reneguem os céus celestiais. Se apavora com os pecadilhos da mocidade, tem pavor de falsear os ritos do sacerdócio, não se contenta com as absolvições do confessional. Mas ao mesmo tempo reafirma nos quadros do Patrocínio, a sua ambição de uma genealogia familiar. E retrata então os quatro filhos”.¹⁴⁹

Mais à frente, no ensaio, o historiador escreve:

“Mas por sua evolução, pelas suas constâncias e anedotas, é certo que o ideal perseguido pelo pintor era semiconsciente. Ninguém pinta um anjo mulatinho ou retrata o filho num santo, sem botar alguma consciência nisso. Ninguém persegue um rosto único de santa, ou compõe por esquadras de figuras um forro seccionado por arcos, e deixa de repetir essa que agora

¹⁴⁹ IDEM, *ibidem*, p. 209-212.

seria receita, na continuação desse forro num coro, sem por alguma consciência nisso.”¹⁵⁰

Utilizando-me do raciocínio do autor, acima exposto:

“Ninguém pinta um anjo mulatinho ou retrata o filho num santo, sem botar alguma consciência nisso. Ninguém persegue um rosto único de santa, ou compõe por esquadras de figuras um forro seccionado por arcos, e deixa de repetir essa que agora seria receita, na continuação desse forro num coro, sem por alguma consciência nisso”,

evidenciarei minha opinião de que a enorme preocupação demonstrada por ele, em carta de 10 de fevereiro de 1945, ao amigo Rodrigo, em dizer que faria uma revisão no texto antes da publicação, uma vez que desejava “modestizar o refrão da mão”, acaba sendo mais uma das evidências do envolvimento do escritor com o personagem Jesuíno:

“[...] Tive, com a fuga do livro pra aí, o quer dizer que embora ainda não publicada, a obra principiou vivendo por si, sem minha autorização nem condescendência, tive a noção exata de que, se o tom ficção está certo pro caso, me deixei levar às vezes pra uma, como dizer, pra uma liberdosidade, uma licenciosidade literária, uma imodéstia no tratamento do tom. Sobretudo naquele refrão de Jesuíno tomar consciência de seu mulatismo, olhando na frente a mão mulata dele, pintando, tocando nos órgãos. É ter feito disso um refrão que tornou licenciosa a análise psicológica. [...]

¹⁵⁰ IDEM, *ibidem*, p. 222.

então quero modestizar mais a parte da vida, um pouco só, quase que apenas tirando o refrão da mão.”¹⁵¹

“Jesuíno se recusava a pensar”, e

“[...] O que se deu é Jesuíno, pela sua própria psicologia sabida, pela sua condição de cultura, pelas condições do tempo e por sua posição social: o que se deu é que Jesuíno se recusava a pensar. Os arrebatos lhe vinham, as revoltas, os medos, assim como as iluminações estéticas, e o artista se entregava a eles, lhes obedecia aos convites. Não os desenvolvia porém numa ordem de pensamentos e numa definição clara e consciente. Jesuíno se recusava a pensar. Não convinha. Se de um lado o pensamento organizado lhe traria grande benefício para o desenvolvimento duma concepção plástica de beleza, por outro lado lhe cercearia totalmente a expressão psicológica da personalidade.

“Assim, se esse não-pensar lhe impediu a aquisição duma consciência estética, lhe permitiu a expressão duma personalidade psicológica do mais alto interesse na arte brasileira colonial. E penso que assim foi melhor. Arrabato, se deixando levar pelos instintos e formas da vida, o padre Jesuíno do Monte Carmelo deixou uma obra singularmente ‘romântica’, confessional. Porventura a obra mais típica do marginalismo mulato e de individualismo, da nossa arte colonial já estudada”.¹⁵²

E o historiador continua:

¹⁵¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade* (1936–1945). Ed. cit., p 187.

¹⁵² ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Ed. cit., p. 222-223.

"[...] Mas Jesuíno é um mestiço e se revolta contra as condições sociais que o abatem. Jesuíno se vinga e faz jurisprudência contra as leis da sociedade em que vive. Cria na sua pintura, para os mulatos e os negros, um lugar de igualdade–seria de igualdade?... –no reino dos céus. Essa a fase mais original da obra do artista".¹⁵³

Em carta de 25 de janeiro de 1942, a Paulo Duarte, o pesquisador escreve sobre Jesuíno: "É uma figura importantíssima como homem e como artista. Estou completamente apaixonado".¹⁵⁴

Como considerar uma correspondência, no que diz respeito à análise da produção literária de um escritor?

José-Luís Diaz, pesquisador ligado à Association Interdisciplinaire de Recherches sur l' Epistolaire (AIRE) [Associação Interdisciplinar de Pesquisas sobre a Epistolografia], na França, a respeito de correspondências dos escritores e processo de criação, escreve que através das cartas, textos frequentemente manuscritos e sem rascunho, brotados do ímpeto do desejo de comunicação, ao leitor é permitido participar dos estados de alma de quem as escreve. Continua Diaz, além de serem úteis para acompanhar o processo de criação de uma obra, mostram-se excepcionalmente importantes quando se deseja buscar o "homem" que está por trás delas. Arquivos da criação, preciosas como fontes informativas, permitem reconstituir, às vezes, o processo criativo em suas diferentes fases, podendo também se configurar em verdadeiros testemunhos de emoções e conflitos interiores do autor.

Depois de todo o já evidenciado, parece claro que os dados biográficos obtidos por Mário de Andrade serviram apenas como fontes informativas a respeito de datas importantes da vida do personagem Jesuíno; pouco a pouco esse artista mulato,

¹⁵³ IDEM, *ibidem*, p. 225.

¹⁵⁴ DUARTE, Paulo de. *Mário de Andrade por ele mesmo*. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1977, p. 217.

representante do barroco paulista, ganha vida no processo de criação. Transforma-se em um homem com características detalhadas de comportamento, cujos sentimentos e emoções passam a ser vivenciados pelo leitor. As informações apenas indicam os momentos da vida do padre; no entanto tudo o mais, os relatos que completam os espaços que vão de um momento a outro, acabam sendo resultado da imaginação do escritor/ficcionista, verdadeira criação subjetiva.

Mário de Andrade apaixona-se pelo biografado, como ele mesmo escreve e, a partir daí, o mergulho na ficção é inevitável. Cria um personagem projeção de si mesmo, fato irrefutável nos trechos em que aproxima a postura de Jesuíno, menino mulato, sem a “alvura impassível” dos “santos pintados”, à de Mário, também menino, ambos no Convento do Carmo, um em Santos e outro em São Paulo, ou substitui o verbo, da terceira pessoa do singular para a primeira, na fala do narrador/escritor repentinamente transformado em protagonista, ou ainda quando, embora historiador, se inclui na narrativa: “nos tornará todos iguais.”, “a gente”.

A verdade é que

“[...] Jesuíno só sabia, e sem querer, se biografar a si mesmo.

“[...] sem possibilidade de pensar com firmeza, ele não sabe, mas talvez vagamente pressinta que cada vez peca mais, e o seu pecado é o do orgulho. Padre Jesuíno se deseja mais perfeito que todos os outros padres, [...].”¹⁵⁵

¹⁵⁵ IDEM, *ibidem*, p. 227.

O barroco paulista tivera, no mulato Jesuíno do Monte Carmelo, um autêntico representante, um artista com obra de caráter psicológico, que conseguira retratar expressões reveladoras de paixões profundas e intensos sentimentos, revelando até a revolta interior contra os brancos que, apesar de lhe quererem bem, não lhe permitiram, por exemplo, ser integrante da Ordem Terceira do Carmo.

Entusiasticamente o pesquisador exaltou o artista, como ele, mulato, “[...] protótipo do grupo abatido que se revolta”.¹⁵⁶

Jesuíno refletira, através da visão do pesquisador, sentimentos, pessoais e sociais que o envolviam, enquanto que ele mesmo, Mário de Andrade, acaba por deixar transparecer, no estudo realizado, de maneira inconsciente ou não, os próprios conflitos.

Cria um personagem reflexo de algumas das suas próprias questões pessoais, sem dúvida importantes, como é o caso de estar trabalhando e vendo, constantemente, a mão mulata. O que o incomodava tanto na repetição do “refrão da mão”, no ensaio?

De quem seria essa mão mulata? De Jesuíno ou do próprio Mário de Andrade?

¹⁵⁶ IDEM, *ibidem*, p. 228.

ANEXO I

ÍNDICE DO DOSSIÊ DO MANUSCRITO PADRE JESUÍNO DO MONTE CARMELO, SÉRIE MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE

MA-MMA-83-1-2.347

ANDRADE, Mário de (1893-1945)
Padre Jesuíno do Monte Carmelo
São Paulo, [1937-1945]

SÉRIE: MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE
ARQUIVO MÁRIO DE ANDRADE - IEB-USP

O manuscrito compõe-se de registros de fontes, nota de trabalho e versões, documentos originais do arquivo e documentos complementares. 1-2.347.

Classificação: Maria Silvia Ianni Barsalini (doutoranda)
Leandro Raniero Fernandes (bolsista FAPESP,
Treinamento Técnico)
Restauro e reprodução fac-similar (via escâner e microfilme): IEB-
USP - Setor de
Conservação e Restauro e Setor de Reprografia e
Digitalização

Projeto temático FAPESP/IEB/FFLCH-USP: *Estudo do processo de
criação de Mário
de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência,
em sua
marginália e em suas leituras* (2007-2010)

Coordenação: Telê Ancona Lopez

Profs. colaboradores: Marcos Antonio de Moraes e Flávia Toni

Equipe Mário de Andrade: Aline Marques, Ângela Grillo, Flávio Rodrigo
Penteado, Leandro Raniero Fernandes, Lilian Escorel, Maria
Sílvia Ianni Barsalini, Mariana Evangelista, Marina Damasceno
de Sá, Paulo José Cunha, Tatiana Longo Figueiredo.

São Paulo, 2006-2010

1. *A Carta do padre Jesuíno e outros Documentos sobre ele inéditos.*
Pasta contendo:

1.1. *Carta de P. Jesuíno do Monte Carmelo ao P.M. Prior do convento do Carmo. Fr. Antonio Ignacio do Coraçaum de Jesus*; 1815/[1941-42]; transcrição diplomática; datiloscrito; cópia carbono; Notas MA; f. 1-6.

1.2. ANDRADE, Mário de. *Uma carta do Padre Jesuíno do Monte Carmelo*; [1941-42]; cópia do artigo; datiloscrito; Notas MA; f. 7-9.

2. FEIJÓ, Diogo Antônio. [Oração fúnebre]; 1821/[1941-42]; transcrição diplomática; datiloscrito; Notas MA; f. 10-16.

3. *Scritura de venda de huma xacara*; 1771/[1941-42]; transcrição diplomática; datiloscrito; Notas MA; f. 17-21.

4. *Doc. nº 2/ Lançamento de compra de terreno nos fundos da Igreja da Senhora do Patrocínio de Itu*; 1833/[1941-42]; transcrição diplomática; datiloscrito, notas do copista; Notas MA; f. 22-24.

5. *Doc. nº 3/ Registo do Officio do Desembargador Ouvidor da Comarca [de Itu] ordenando a Solemnização do Anniversario de Sua Magestade eoutras Festividades abaixo mencionadas*; 1730-1829/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 25-57.

6. *Doc. nº 4/ Registo da ordem de Sua Mag.de Sobre crear Iuizes ordinarios*; 1749/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 58-64.

7. *Doc. nº 5/ SPHAN Documentos copiados em Itu Nº 6-7 e 8 Nº 12-13 e 14 Nº 15. Autos de Prestação de Contas das Irmandades e Ordens Terceiras*; 1867-1872/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 65-123.

8. *Doc. nº 6/ Scritura de liberdade: [do escravo Cristovam e da escrava Thereza do Hospício de Nossa Senhora do Monte do Carmo]*; 1771-1772/ [1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 124-127.

9. *Doc. nº 7*

..9.1. *Escritura de doação que fas Antonio Pires Campos, a Antonio de Carvalho. Escritura de arrendamento*; 1795-1816/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 128-129

..9.2. *Escritura de Venda e Compra de humas terras no bairro da pirahyba por Frei Gabriel do Monte Carmello, reverendo padre prior do Convento do Carmo de Itu, e Frei Francisco do Monte Carmelo, procurador domesmo convento, ao Alferes Vicente Francisco da Costa*; 1814-1816/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 130-134.

10. Doc. nº 8

..10.1. Inventário da Thereza de Jezus do Amaral; 1780/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 135.

..10.2. *Procuração bastante que faz Jezuino Francisco de Paula de Gusmão aos Procuradores nella nomeados*; 1793-1795/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 136-138.

11. Doc. nº 9/ Inventário do Padre Simão Stock do Monte Carmello; 1855/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 139-168.

12. Doc. nº 10/ Inventário do Padre Elias do Monte Carmelo; 1810-1843/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 169-191.

13. Doc. nº 11/ Inventário de Elizêo do Monte Carmelo e sua mulher Theodora Maria Justina; 1828-1845/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 192-235.

14. Doc. nº 12/ *Gastos que Se fes na festa de N.S. da asençam*; 1774-1853/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 236-250.

15. Anexo Doc. 12. ANDRADE, Mário de. *Jesuino Música*. Nota de trabalho sobre Registro do pagamento de composições musicais a Jesuíno do Monte Carmelo em 1794; [1941-1942]; f. 251.

16. Doc. nº 13/ Provisão para a produção de memórias históricas anuais dos novos estabelecimentos; 1785-1857/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 252-263.

17. Doc. nº 14/ *Informações colhidas à Irmã Maria Inês da Silva, religiosa de S. José*; [1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; Notas MA; f. 264-266.

18. Doc. nº 15/ *Compromisso da Irmandade da Boa Morte da Cidade de Itú*; 1764-1770/ [1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 267-281.

19. Doc. nº 16/ *Rezisto de huma Carta da Real Iunta desta Capitania respectiva ao Edital da mesma para se rematarem a fazenda do Collegio do theor Seguintes*; 1805-1837/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 282-291.

20. *Doc. nº 17/ Registo da provizão de Juiz do Officio de Ferreiro; 1811-1822/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; papel timbrado "Ministério da Educação e Saúde. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional"; notas do copista; Notas MA; f. 292-296.*

21. Anexo: *Doc. 18-20/ ANDRADE, Mário de. Minhas fichas não indicando a minha numeração de documentos, se referem à numeração nº 18, 19 e 20 que foi feita posteriormente; [1941-1944]; autógrafo; f. 297.*

22. *Doc. nº 18/ Abertura do Livro de Registo na Camara da villa de Itu; 1718-1794/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 298-313.*

23. *Doc. nº 19/ Registo Geral da Camara da Vila de Itú nos annos de 1822 a 18...; 1822-1831/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 314-349.*

24. *Doc. nº 20/ Receita e Despeza da Capella de Nossa Senhora da Conceição do Citio de-Itu-Pucú, Destricto da Villa de Ytú; 1805-1821/[1941-1942]; transcrição diplomática; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 350-355.*

25. *V.O.T.C. São Paulo. I. Livro de Receita e Despesa. Nº 16; 1785-1841/ 3 out. 1943; transcrição diplomática assinada José Bento Faria Ferraz; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 356-380.*

26. *Venerável Ordem Terceira do Carmo de São Paulo. II. Livro de Receita e Despesa. nº 15; 1759-1772/29 dez. 1943; transcrição diplomática assinada José Bento Faria Ferraz; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 381-391.*

27. *Venerável Ordem Terceira do Carmo de São Paulo. III. Livro de termos Nº 4; 1772-1819/27 abr. 1944; transcrição diplomática assinada José Bento Faria Ferraz; datiloscrito; notas do copista; Notas MA; f. 392-402.*

28. *Informações sobre a vida e propriedades das Ordens Primeira e Terceira dos Carmelitas; 1597-1827/ [1941-1945]; transcrição diplomática assinada J.B.F.F. [José Bento Faria Ferraz]; datiloscrito; notas do copista; papel timbrado "M.E.S. – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional"; Notas MA; f. 403-407.*

29. *Mestiçagem em Itu. In: Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1899. Vol. 24, p. 61: Correspondência do Capitão-General Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça. Parte*

1; 1797-1800/[1941-1945]; transcrição diplomática assinada J.B.F.F. [José Bento Faria Ferraz]; datiloscrito; papel timbrado "Ministério da Educação e Saúde. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional"; notas do copista; Notas MA; f. 408.

30. Mapa (planta) da cidade de Itu; [1941-1945]; autógrafo; f. 409.

31. [...]a ordem de cada huma de Sinco athe[...] Trechos selecionados de ofícios da Câmara de Itu; 1837-1844/[1941-1945]; transcrição diplomática; datiloscrito; papel timbrado "Ministério da Educação e Saúde. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional"; notas do copista; Notas MA; f. 410-417.

32. Fls. 94-V do L^o nº 16 "Fr. Gabriel do Monte Carmello, Vigario Prior do Convento de Itu [...]"; 27 fev. 1814/[1941-1945]; transcrição diplomática; autógrafo; papel timbrado "Companhia Americana de Seguros"; Notas MA: cruz anulando e indicação "usado"; f. 418.

33. Termo, fls. 208, livro 16. "Fr. Luiz de Sta Bárbara Vigario Prior do Hospicio de N. Sr. do Carmo da Fidelissima Villa de Itu [...]"; 27 abr. 1841/[1941-1945]; transcrição diplomática; autógrafo; papel timbrado "Companhia Americana de Seguros"; Notas MA: cruz anulando e indicação "usado"; f. 419.

34. Hospício do Carmo. Presidentes; 1718-1872/[1941-1945]; nota de pesquisa; datiloscrito; notas do copista, Notas MA; f. 420.

35. Prioros do Convento do Carmo, em Itu; 1872-1938/[1941-1945]; nota de pesquisa; datiloscrito; notas do copista, Notas MA; f. 421.

36. Convento do Carmo, Itu. Carta do capitão-general Antonio Manoel de Melo Castro e Mendonça, governador da cap. De S. Paulo. In: Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo. São Paulo: Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, 1899. Vol. 29, p. 202; 1800/[1941-1945]; nota de pesquisa; datiloscrito; papel timbrado "Ministério da Educação e Saúde. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional"; Notas MA; f. 422.

37. Documento & Archivo do Convento do Carmo fontes. Padre Jesuíno do Monte Carmelo em Goiás; 16 out. 1806/[1941-1945]; transcrição diplomática; autógrafo; Notas MA: cruz anulando; f. 423.

38. 1^o Trattado de Escriptura de compra e venda de huma morada/ de casas terreas cobertas de telha sitas no Campo. Jesuíno do Monte Carmelo – Procuração para venda de casas em Santos; 1795-1796/[1941-1945]; transcrição diplomática; manuscrito; Notas MA; f. 424-428.

39. FREITAS, Afonso A. de. *Ser "Thebas"*. In: *Tradições e reminiscências paulistanas*. Edição da Revista do Brasil. Monteiro Lobato e Cia. – Editores, São Paulo, 1921, p. 79-81; [1941-1945]; transcrição diplomática; datiloscrito; papel timbrado "M.E.S. – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional"; f. 429-430.

40. *Thebas – arquiteto*; nota de pesquisa; datiloscrito; f. 431.

41. *Theotônio da Silva Gusmão* [do Arquivo do Estado de São Paulo e Juiz de Fora de Itu]; 19 nov. 1945; Nota de pesquisa/referências colhidas por J.B.F.F. [José Bento Faria Ferraz]; datiloscrito; f. 432-433.

42. Monopólio de Músicas em Itu. "*Carta Régia sobre monopólio de músicas na Villa de Ytú*"; 10 fev. 1751/[1941-1945]; transcrição diplomática; datiloscrito; papel timbrado "Ministério da Educação e Saúde. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional"; Notas MA: cruz anulando; f. 434.

43. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Obras. Matriz de Itú*; [1941-1945]; transcrição diplomática; datiloscrito; f. 435.

44. *D. Mateus de Abreu Pereira, 4º bispo de S. Paulo* [Casa de bispos]; [1941-1945]; nota de pesquisa; datiloscrito; papel timbrado "Ministério da Educação e Saúde. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional"; Notas MA: cruz anulando e indicação "usado"; f. 436.

45. ANDRADE, Mário de. *Doc. Interessantes referentes às igrejas do Carmo de Itu e de Santos; 1895-1929/* [1941-1945]; nota de trabalho; autógrafo à tinta preta; papel timbrado "Ministério da Educação e Saúde. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional"; f. 437.

46. ANDRADE, Mário de. *Regulamento dos Padres do Patrocínio*. In: ELLIS JUNIOR, Alfredo. *Feijó e a primeira metade do século XIX*. São Paulo: C. Ed. Nacional, 1940, p. 583. Apêndice; [1941-1945]; nota de trabalho; datiloscrito; f. 438.

47. *Pro Mário de Andrade. Patrocínio de Itu. Informações prestadas pelo prof. Felisberto Ranzini*; 17 maio 1944; nota de pesquisa; datiloscrito; f. 439.

48. *Informações colhidas de José Vitório de Quadros* [sobre Tristão Mariano da Costa, José Maricino da Costa Lobo, Ana Maria da Costa, Ana da Costa, Jesuino e o folclore, Nicolau Duarte da Silva e Joaquim

Leme de Oliveira César]; [1941-1945]; transcrição diplomática; datiloscrito; nota do copista; f. 440.

49. *Tintas usadas na restauração do teto da capéla mor do Carmo (O^{dem} 1ª) de Itu*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; f. 441.

50. *Traços biográficos do Prof. Demetrio Blackman*; 1857-1926/[1941-1945]; nota de pesquisa; datiloscrito; Notas MA; f. 442.

51. *Pery Guarany Blackman. Apreciação do trabalho da restauração da pintura do forro da capella-mor da Igreja do Carmo, publicada no jornal A cidade de S. Paulo, de 26 de fevereiro de 1920*; [1941-1945]; nota de pesquisa/ transcrição diplomática; datiloscrito; f. 443.

52. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* [por Miguel Archanjo Benício da Assumpção Dutra em 1847]; 20 set. 1943; transcrição diplomática por Acácio Moreira; autógrafo; Notas MA e bilhete ao copista: "Faltou copiar as referências à Patrocínio, ah, seu Acácio"; f. 444.

53. *População de Itu – (março). Dados do Catálogo da Seção Histórica do Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo*, p. 2-9; 1765-1858; nota de pesquisa; autógrafo; f. 445.

54. *Caminho entre Itú e S. Paulo em 1770*; [1941-1945]; nota de pesquisa; datiloscrito; Notas MA: cruz a lápis vermelho anulando; f. 446.

55. ALMEIDA, Aluisio de. *Tropeiros políticos. O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 set. 1944; f. 447.

56. BERNI, Antonio. *A escultura colonial em Quito*. A Manhã. Rio de Janeiro, 29 out. 1944, Notas MA; f. 448.

57. JORGE, J. Davi. *Itú*. A Tribuna, Santos/São Paulo, 14 nov. 1943; [REX – Jornal]; Notas MA; f. 449.

58. NARDY FILHO, Francisco. *A Congregação dos Padres do Patrocínio*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 14 fev. 1943; f. 450.

59. NARDY FILHO, Francisco. *Eliseu do Monte Carmelo*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 2 set. 1943; [REX – Jornal]; f. 451.

60. NARDY FILHO, Francisco. *Feijó e o Padre Jesuíno*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 8 dez. 1943; [REX – Jornal]; Notas MA; f. 452.

61. NARDY FILHO, Francisco. *A Matriz de Itu*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 19 jul. 1944; f. 453.

62. NARDY FILHO, Francisco. *Os Painéis da Matriz de Itu. O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 set. 1944; nota de terceiro; Notas MA; f. 454.
63. NARDY FILHO, Francisco. *Itu e a Constituição de 1824. O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 out. 1944; f. 455.
64. NARDY FILHO, Francisco. *O Primeiro Dia de Moagem. O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 dez. 1944; Notas MA; f. 456.
65. NARDY FILHO, Francisco. *Itu em 1842. O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 dez. 1944; [Recortes LUX]; Notas MA; f. 457.
66. VIEIRA, Lelis. *A instituição do "déficit"... Correio Paulistano*, São Paulo, 11 fev. 1942; [UPI – Jornal]; Notas MA; f. 458.
67. VIEIRA, Lelis. *Doentes e papudos... Correio Paulistano*. São Paulo, 11 mar. 1942; [UPI – Jornal]; Notas MA; f. 459.
68. VIEIRA, Lelis. *Terra de Ninguém... Correio Paulistano*, São Paulo, 21 abr. 1942; [UPI – Jornal]; Notas MA; f. 460.
69. C.R. Feijó. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 24 jan. 1943; f. 461.
70. S.a. Tebas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 mar. 1942. [UPI – Jornal]; f. 462.
71. S.a. *O grande Feijó. Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 5 dez 1943; Notas MA; f. 463.
72. S.a. *Santos em 1903. A Tribuna*, Santos, 15 set. 1944; f. 464.
73. ALMEIDA, Mauro/ ANDRADE, Mário de. Carta; Itu, 26 out. 1941; f. 465-471.
74. ALMEIDA, Mauro/ ANDRADE, Mário de. Carta; Itu, 30 jan. 1942; f. 472.
75. ANDRADE, Rodrigo Mello Franco/ ANDRADE, Mário de. Carta; Rio de Janeiro, 11 jun. 1941; f. 473-475.
76. ANDRADE, Rodrigo Mello Franco/ ANDRADE, Mário de. Carta; Rio de Janeiro, 22 set. 1942; f. 476.
77. BLACKMAN, Pery G./ ANDRADE, Mário de. Carta; Itu, s.d.; f. 477.
78. COSTA JUNIOR, Luiz G./ ANDRADE, Mário de. Carta; Campinas, s.d.; f. 478.

79. ERBERT, Aidano (O.C.)/ ANDRADE, Mário de. Carta; Santos, jan.1942; f. 479.
80. FERRAZ, José Bento Faria/ ANDRADE, Mário de. Carta; São Paulo, 11 dez. 1941; f. 480.
81. HOLANDA, Sérgio Buarque de/ ANDRADE, Mário de. Carta; s.l., s.d; f. 481.
82. ALMEIDA, Mauro/ ANDRADE, Mário de. Carta; São Paulo, 29 out. 1941; f. 482-483.
83. ALMEIDA, Mauro/ ANDRADE, Mário de. Carta; S.l., s.d.; f. 484.
84. ANDRADE, Rodrigo de Mello Franco/ ANDRADE, Mário de. Carta; São Paulo, 14 set. 1942; f. 485-486.
85. FERRAZ, José Bento Faria/ ANDRADE, Mário de. Carta; s.l., s.d; f. 487.
86. PRADO, Yan de Almeida/ ANDRADE, Mário de. Carta; s.l., s.d.; f. 488.
87. ALMEIDA, Mauro/ ANDRADE, Mário de. Carta; Itu, 9 nov. 1941; f. 489-492.
88. ANDRADE, Rodrigo de Mello Franco de/ MULDERMAN, Canisio (O.C). Carta; Rio de Janeiro, 11 jun. 1941; f. 493-494.
89. FERRAZ, José Bento Faria/ ALMEIDA, Mauro. Carta; São Paulo, 8 jan. 1942; f. 495.
90. FERRAZ, José Bento Faria/ ALMEIDA, Mauro. Carta; São Paulo, 14 jan. 1942; f. 496.
91. FERRAZ, José Bento Faria/ ALMEIDA, Mauro. Carta; s.l., s.d; f. 497.
92. GRAESER, Germano/ FERRAZ, José Bento Faria. Carta; Marília, 16 jun. 1942; f. 498.
93. IANNI, Antonio/ SAIA, Luiz. Carta; Itu, 26 jan. 1945. Carta registrada, carimbada, sem selo; f. 499-500.
94. MOURA, [?]/ [?], Cassiano. Carta; Santos, 30 ago. 1944; f. 501.
95. Frei Timotheo/ SAIA, Luiz. Carta; Santos, 1º dez. 1944; f. 502.

96. *Segundo Relatório enviado pelo Assistente Técnico á Diretoria do S.P.H.A.N. "A Pintura Religiosa em Itú"*; 28 nov. 1937; relatório; datiloscrito; cópia carbono; rasuras; Notas MA; f. 503-518.
97. ANDRADE, Mário de. *Pintura religiosa paulista. O Estado de São Paulo*, São Paulo, 4 dez. 1938; f. 519.
98. ANDRADE, Mário de. *Tectos e pintores de Itú. O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1938. Notas MA; f. 520.
99. ANDRADE, Mário de. *A pintura religiosa em Itú. O Estado de São Paulo*, Rio de Janeiro, 1 fev. 1942; f. 521.
100. Capa: *Notas pra aproveitar já Novembro 1944*; nov. 1944; capa; autógrafo; guarda os documentos nos fólhos 523-524; f. 522, 525.
101. *Douramento. Processo de douramento de talha*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; f. 523.
102. *Descrição de como se encarna uma imagem*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; f. 524.
103. *Frei Jesuíno do Monte Carmello. Cronologia*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo e datiloscrito; Notas MA: cruz anulando; f. 526-529.
104. *Crítica a Oliveira César*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; Notas MA em cruz anulando e indicação "usado"; f. 530-535.
105. *Pesquisas a fazer* [em Itu, Santos e São Paulo]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; Notas MA: cruz anulando; f. 536-538.
106. *Livros a Consultar*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo e datiloscrito; Notas MA; f. 539-573.
107. *Lembretes*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; Notas MA: cruz anulando; f. 574-589.
108. *Padre Jesuíno, em Alberto Sousa*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; rasuras; f. 590.
109. *Itú*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; Notas MA: cruz anulando; f. 591-595.
110. *Dr. Theotônio*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; Notas MA: cruz anulando; f. 596.

111. *Personagens de Itu*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; rasuras; Notas MA; f. 597-707.
112. *Fichário analítico do meu escrito*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; f. 708-845.
113. *Feijó* [Personagens de Itu]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; rasuras; Notas MA; f. 846-871.
114. *Cronometria de Jesuíno*; [1941-1945]; nota de pesquisa; datiloscrito; f. 872-905.
115. *Jesuíno data da ida a Itú*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; Notas MA: cruz anulando; f. 906-907.
116. *Jesuíno Família*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; Notas MA; f. 908-945.
117. *Eliseu*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; rasuras; Notas MA; f. 946-980.
118. *Garda-mor Pedro Ortiz* [Dados sobre a vida de Jesuíno do Monte Carmelo – música, viagem ao Rio]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; Notas MA: cruz anulando; f. 981-982.
119. *Hospício do Carmo* [Solicitação do filho de Jesuíno do Monte Carmelo – Escola de primeiras letras]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; f. 983-984.
120. *Jesuíno – São Paulo*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; Notas MA e indicação “usado”; f. 985.
121. *1787-1798* [Jesuíno do Monte Carmelo – Primeira Missa]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; Notas MA e indicação “usado”; f. 986.
122. *Jesuino – Morte*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; rasuras; f. 987.
123. *Carmo Fachadas germinadas*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; rasuras; Notas MA; f. 988-993.
124. *Padre Jesuíno Porto Feliz*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; rasuras; Notas MA e indicação “usado”; f. 994-995.
125. *Convento e N.S. do Carmo de Santos/* ; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; rasuras; Notas MA: cruz anulando e inscrição

"Encontrei esta nota, junto às 6 fotos dos quadros dos altares laterais da Igreja da Ord. 3ª do Carmo dos Santos [Assinatura não decifrada] S. Paulo, 23/11/945"; f. 996-1001.

126. *Jesuino* [Relação de fotos a serem feitas em São Paulo, Santos e Itu]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; rasuras; Notas MA; f. 1002-1004.

127. *Fotografar Itu*; [1941-1945]; capa de nota de pesquisa; autógrafo; f. 1005; 1007.

128. *Fotos a fazer em Itú. Museu de Itu*; [1941-1945]; nota de pesquisa; datiloscrito; rasuras; Notas MA; f. 1006.

129. *Jesuino* [Aspectos da obra]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; papel timbrado "Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro"; Notas MA: cruz anulando e indicação "usado"; f. 1008-1011.

130. *Matriz Itu*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo e datiloscrito; rasuras; Notas MA: cruz anulando e indicação "usado"; f. 1012-1063.

131. *Frei João Barb[o]sa de Araújo Braga* [Carmo de Itu]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo e datiloscrito; rasuras; Notas MA: cruz anulando e indicação "usado"; f. 1064-1133.

132. *Jesuino. Obra paulistana*. [Santa Teresa e Cúria]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; rasuras; Notas MA em cruz anulando e indicação "usado"; f. 1134-1144.

133. *Carapeiros (0) na 3ª Carmo de S. Paulo* [Carmo de São Paulo]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo e datiloscrito; rasuras; Notas MA e indicação "usado"; f. 1145-1171.

134. *Documentação avulsa. Carmo de São Paulo*. [Pintores contemporâneos do Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Livro I do Zé Bento]; [1941-1945]; nota de pesquisa; datiloscrito; Notas MA; f. 1172.

135. *Sítio do Tanque* [Patrocínio]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo e datiloscrito; rasuras; Notas MA; f. 1173-1189.

136. *Relatório pra fins de novembro. SPHAN*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo; rasuras; Notas MA: cruz anulando; f. 1190.

137. *Jesuino. Tirar a limpo*. [Santos – Matriz de Itu – Carmo de Itu – Carmo de São Paulo]; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo e

datiloscrito; rasuras; Notas MA: cruz anulando e indicação "usado"; f. 1191-1214.

138. *Jesuíno. Bibliografia*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo e datiloscrito; rasuras; Notas MA; f. 1215-1221.

139. *Padre Jesuíno. Músicas*; [1941-1945]; nota de pesquisa; autógrafo/impresso; f. 1222-1224.

140. *Padre Jesuíno (papéis usados) Patrimônio Histórico e Artístico*; [1941-1945]; capa de nota de pesquisa; autógrafo; f. 1225, 1232.

141. *A Vida. Notas manuscritas. Pasta 17*; [1941-1945]; capa de nota de pesquisa; autógrafo; envelope timbrado "Ministério da Educação e Saúde. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional"; f. 1226.

142. *Padre Jesuíno. Notas avulsas. Visto nov. 1944. Deixado pra futuro enriquecimento*; [1941-1945]; capa de nota de pesquisa; autógrafo; f. 1227.

143. *Jesuíno. Documentação e notas ainda não lidas. Lidas 28-XI-1944. Deixadas pra [palavra não decifrada] futura da monografia*; [1941-1945]; capa de nota de pesquisa; autógrafo; f. 1228.

144. *Jesuíno. Problemas e Pesquisas a fazer futuramente depois [de] publicada monografia. M. 28-XI-1944*; [1941-1945]; capa de nota de pesquisa; autógrafo; f. 1229.

145. *Jesuíno pra aproveitar futuramente. 2-XII-1944*; [1941-1945]; capa de nota de pesquisa; autógrafo; f. 1230.

146. *Notas geneológicas da família Paula Leite, por Dr. José de Paula Leite de Barros*; [1941-1945]; capa de nota de pesquisa; autógrafo; Notas MA; f. 1231.

147. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo. A Vida. [1ª versão]*; [1941-1945]; texto e notas de trabalho; autógrafo; rasuras; Notas MA; f. 1233-1313.

148. *Mário de Andrade. Padre Jesuíno (Versão primeira, ainda com interrogações e sugestões por acrescentar). [2ª versão]*; [1941-1945]; datiloscrito; rasuras; Notas MA; f. 1314-1396.

149. *Padre Jesuíno. A Vida. Cópia não corrigida. [3ª versão]*; [1941-1945]; datiloscrito; rasuras; Notas MA; f. 1397-1479.

150. *14, A. Nota (...) Certidão de Casamento*. [4ª versão – “Notas [4ª versão] inexistente”]; [1941-1945]; autógrafo; rasuras; Notas MA; f. 1480-1542.
151. *1ª Versão. versão de trabalho* [5ª versão]; [1941-1945]; datiloscrito; rasuras; Notas MA; f. 1543-1575.
152. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Primeira Parte. A Vida. (Versão definitiva. cópia minha)* [6 versão e notas]; [1941-1945]; datiloscrito; rasuras; Notas MA; f. 1576-1680.
153. *Introdução Explicação*; [1941-1945]; autógrafo; rasuras; f. 1681.
154. *Introdução* [7ª versão]; [1941-1945]; datiloscrito; rasuras; f. 1682-1717.
155. *A Obra*; [1941-1945]; esboço; autógrafo; rasuras; Notas MA: cruz anulando; f. 1718-1726.
156. *A Obra*; [1941-1945]; esboço; datiloscrito; rasuras; Notas MA; f. 1727-1731.
157. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Obras. Carmo-Itú*; [1941-1945]; nota de pesquisa; datiloscrito; Notas MA: cruz anulando; f. 1732-1735.
158. *Matriz de Itu. Sumário*; [1941-1945]; autógrafo; rasuras; Notas MA; f. 1736.
159. *Matriz de Itu. Comparação*; [1941-1945]; autógrafo; rasuras; Notas MA; f. 1737-1765.
160. *Conclusões. Matriz de Itú*; [1941-1945]; autógrafo; rasuras; Notas MA e indicação “Texto já usado”; f. 1766-1775.
161. *II. Matriz de Itu*; [1941-1945]; autógrafo e datiloscrito; rasuras; Notas MA; f. 1776-1779.
162. *O problema representação do assunto em Jesuíno* [Matriz de Itu]; [1941-1945]; autógrafo; rasuras; Notas MA: cruz anulando e indicação “usado”; f. 1780-1787.
163. *Agora numa observação mais detalhada dos processos desenhísticos desses quadros* [Matriz de Itu – autógrafo e datiloscrito]; [1941-1945]; autógrafo e datiloscrito; rasuras; Notas MA: cruz anulando e indicação “não”; f. 1788-1810.

164. (...) *a observação dêsses quadros da capela-mór* (...) [Matriz de Itu – datiloscritos]; [1941-1945]; datiloscrito; rasuras; Notas MA: cruz a lápis azul anulando; f. 1811-1822.

165. *IIª Versão. II. A Matriz de Itú* [Matriz de Itu – 2ª versão]; [1941-1945]; nota de trabalho, datiloscrito; rasuras; Notas MA: cruz anulando e indicação “Transcrito versão nova”; f. 1823-1837.

166. *IIIª Versão. II. A Matriz de Itú* [Matriz de Itu – 3ª versão]; [1941-1945]; autógrafo; rasuras; Notas MA: cruz anulando e indicação “Já passado 4ª versão” e “4ª versão”; f. 1838-1848.

167. *Só o Batismo-cópia contraria a divisão* (...) [Matriz de Itu – Aspectos das obras a serem considerados]; [1941-1945]; nota de trabalho; autógrafo; rasuras; Notas MA: cruz anulando; f. 1849-1850.

168. *Conclusão*. [Matriz de Itu]; [1941-1945]; datiloscrito; rasuras; Notas MA; f. 1851-1854.

169. *II. A Matriz de Itu*; [1941-1945]; datiloscrito; rasuras; Notas MA: cruz anulando; f. 1855-1879.

170. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo. II. A Obra. Matriz de Itu. Lido em novembro de 1944. últimas correções*; 18 fev. 1944; datiloscrito; rasuras; papel timbrado “Ministério da Educação e Saúde. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”; Notas MA: cruz anulando e inscrição “tirar daqui” e “Conservar aqui esta passagem cortada”; f. 1880-1951.

171. *Patrocínio* [Itu]. (...) *mais provável é pois que o São Simão Stock*(...); [1941-1945]; fragmento; datiloscrito; rasuras; f. 1952.

172. *Patrocínio* [Itu]. (...) *dre perfeitíssimo, mais perfeito que a maioria*(...); [1941-1945]; fragmento; datiloscrito; rasuras; f. 1953.

173. *Patrocínio* [Itu]. *Da obra de pintura que o padre Jesuíno do Monte Carmelo*(...); 8 jan. 1943; datiloscrito; rasuras; Notas MA: cruz anulando; f. 1954-1958.

174. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo. A Obra. Versão com indicações por (Verificar)*; [1941-1945]; datiloscrito; Notas MA em cruz anulando e inscrição “Nota 45”; rasuras; papel timbrado “M.E.S. – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”; f. 1959-2048.

175. *Conclusão. Duas tendências tradicional e nativa na pintura colonial. Partes I, II e III*; [1941-1945]; nota de trabalho; autógrafo e datiloscrito; rasuras; papel timbrado “Ministério da Educação e

Saúde – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”; Notas MA: cruz anulando; f. 2049-2124.

176. *Conclusão*; 15 dez. 1944; autógrafo; rasuras; Notas MA; f. 2125-2139.

177. *Tip. e Papelaria Hennies & Cia. Rua Riachuelo, 86 e 90*; Identificação de invólucro de 100 fichas; [1941-1945]; impresso; f. 2140.

178. *Frei Jesuíno do Monte Carmelo. Conclusão. Obras. S. Paulo*; 15 jun. 1941; capa; autógrafo; f. 2141, 2143.

179. *Jesuíno. Papéis inuteis (Notas, folhas avulsas substituídas)*; [1941-1945]; capa; autógrafo; f. 2142.

180. *Padre Jesuíno. A Obra. I. Matriz de Itu. No verso: “I. A Obra. Primeiras versões. Documentos e papéis usados”*; [1941-1945]; capa; autógrafo; f. 2144.

181. *II. Matriz de Itú. Primeiras versões. Documentos, papéis usados*; [1941-1945]; capa; autógrafo; f. 2145.

182. *IVª versão*; [1941-1945]; capa; autógrafo; f. 2146-2147.

183. *Matriz de Itu. A Obra. Meu escrito definitivo*; [1941-1945]; capa; autógrafo; f. 2148.

184. *Carmo Itu. Padre Jesuíno. III*; [1941-1945]; capa; autógrafo; f. 2149.

185. *Jesuíno do Monte Carmelo. Carmo de Itú*; [1941-1945]; capa; datiloscrito; f. 2150.

186. *Jesuíno. São Paulo. IV. Documentos Versões*; nov. 1944; capa; autógrafo; f. 2151.

187. *V. Patrocínio. Documentos versões*; nov. 1944; capa; autógrafo; f. 2152.

188. *Jesuíno. Patrocínio. V. A Obra. Conclusões VI*; [1941-1945]; capa; autógrafo; f. 2153.

189. *Iª versão*; [1941-1945]; capa; autógrafo; f. 2154.

190. *Mário de Andrade. Padre Jesuíno do Monte Carmelo. (Notas). Várias versões*; [1941-1945]; capa; autógrafo e datiloscrito; f. 2155-2156.

191. *Padre Jesuíno. Vida e notas. Minha versão com correções. Versão de Trabalho*; [1941-1945]; capa; autógrafo; f. 2157-2158.
192. *Conselho de Orientação Artística*; [1941-1945]; capa; autógrafo; f. 2159.
193. *Dansa*; [1941-1945]; capa; autógrafo; f. 2160.
194. *Bloco Datilógrafa 18*; [1941-1945]; capa; impresso; f. 2161.
195. Material para a publicação do livro. Anotações de José Bento Faria Ferraz; [1941-1945]; autógrafo e datiloscrito; rasuras; f. 2162-2205.
196. ANDRADE, Rodrigo de Mello Franco de/ SAIA, Luís. Carta; Rio de Janeiro, 16 nov. 1945; papel timbrado "Ministério da Educação e Saúde"; f. 2206.
197. FERRAZ, José Bento Faria/ ANDRADE, Rodrigo Mello Franco de. Carta; São Paulo, 11 fev. 1946; papel timbrado "Ministério da Educação e Saúde"; f. 2207.
198. [Tema em S. Paulo]. *Linguagem médica popular no Brasil. 1º Volume*; [1941-1945]; folha indicativa de bibliografia; autógrafo; f. 2208.
199. *Bibliografia Consultada*; [1941-1945]; relação organizada de jornais, livros, manuscritos, revistas para a publicação; datiloscrito; f. 2209-2212.
200. *Índice de nomes*; [1941-1945]; datiloscrito; f. 2213-2219.
201. *Índice* [da obra *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*]; [1941-1945]; datiloscrito; f. 2220.
202. *Mário de Andrade. Biobibliografia*; [1941-1945]; datiloscrito; rasuras; f. 2221-2224.
203. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Olho. V. modelo*; [1941-1945]; notas da edição; autógrafo; f. 2225-2242.
204. *Legenda do Gráfico Planisférico Etnológico da Origem da Música no Brasil* [1941-1945]; impresso; f. 2243.
205. *Legenda do Gráfico Etnológico da Origem da Música no Brasil* [1941-1945]; impresso; f. 2244.

206. Documentação complementar. ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945, Publicação Nº 14 do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; f. 2245-2347.

ANEXO II

PADRE JESUÍNO DO MONTE CARMELO NAS CARTAS E RELATÓRIOS DE MÁRIO DE ANDRADE

Este anexo aborda o recolhimento de citações pertinentes ao estudo em questão, feitas pelo autor em grande parte de sua correspondência ativa.

As referências serão feitas em ordem cronológica e as observações da pesquisadora ficarão em itálico, como no capítulo III, em "As matrizes sem anotações marginais".

28 de novembro de 1937–Relatório ao SPHAN

Este texto, com detalhadas informações sobre A Pintura Religiosa na Região de Itu, demonstra o entusiasmo do pesquisador. Encontra-se no dossiê dos manuscritos Padre Jesuíno do Monte Carmelo (doc.96, f.503-518), ao qual já se referiu no capítulo I, e nas Cartas de trabalho(p. 116-126).

"[...] versando a pintura eclesiástica em Itu. Algumas coisas curiosas, como os painéis da Capela Velha da igreja do Carmo, já muitíssimo estragados, uma coleção de quadros, também bastante danificada, e que não deixa de ter sua curiosidade. E vão duas obras magistrais, o teto da matriz e o teto da Carmo, esplêndidos, o primeiro como fatura e o segundo como estilo, dum barroquismo cheio de anjinhos, delicioso, apesar de."¹⁵⁷

¹⁵⁷ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit. p. 111.

21 de junho de 1941–carta endereçada a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Agora vou me atirar ao frei Jesuíno. Não poderei, porém, fazer imediatamente pesquisas fora de São Paulo.” ¹⁵⁸

As pesquisas se iniciaram em São Paulo. No dossiê dos manuscritos encontra-se um papel timbrado do Instituto Nacional do Livro: “Pesquisas a fazer” – São Paulo, Santos, Itu (doc.105, f.536-538)

26 de junho de 1941–carta a Paulo Duarte

“Lhe escrevo hoje num dia bonito pra nós dois. É que vou principiar hoje uns estudos e pesquisas sobre o nosso bom pintor colonial, frei Jesuíno do Monte Carmelo. Pretendo escrever sobre ele uma monografia – se o assunto der pra tanto – ou pelo menos um artigo sobre tudo quanto se sabe a respeito dele.” ¹⁵⁹

12 de julho de 1941–carta a Murilo Miranda

“[...] Estou assoberbado de trabalhos urgentes do Serviço do Patrimônio, e só a monografia sobre padre Jesuíno do Monte Carmelo está me consumindo. E me obrigará a permanecer em Itu, Santos e outros lugares em que ele pintou igrejas, talvez uns dois meses fora de São Paulo.”¹⁶⁰

¹⁵⁸ IDEM, ibidem, p. 137.

¹⁵⁹ DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1977. p. 199.

¹⁶⁰ ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. 1934-1935. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981. p. 85.

“Trouxe do Rio duas incumbências suas: destrinçar em fichas os “Inventários e Testamentos” e fazer uma monografia sobre o padre Jesuíno do Monte Carmelo. [...].

“Quanto ao padre Jesuíno do Monte Carmelo, em princípios deste mês dei por terminada a pesquisa bibliográfica, toda lida, relida e fichada para o meu futuro trabalho. A releitura foi necessária, devido ao desconhecimento inicial do assunto, pois muitas vezes lendo um autor, este me sugeria novas idéias e novas pesquisas, não só sobre o padre-pintor, como sobre os artistas que trabalharam em Itu. E isto me obrigava a reler autores já lidos. Tudo agora já está feito e organizado. O que não é muito... É incrível como os autores montam uns nos outros, ou mesmo se plagiam descaradamente. E o que é pior, se corrigem com a maior desfaçatez, quando percebem incongruências uns nos outros, mas sem a menor documentação nem honestidade. Com isso resultaram três ou quatro problemas intrincados que deverei resolver.

“Este mês iniciamos as pesquisas em arquivos. Como não posso fazer tudo por mim, instruí um funcionário, Mauro de Almeida, nas pesquisas a fazer e nos processos de leitura e fichagem de documentos manuscritos. Esse trabalho foi feito primeiramente aqui em São Paulo, sob minhas vistas e crítica, num pacote de documentos inéditos, relativos à irmandade de São Paulo. Há vinte desses pacotes alentados, no Instituto Histórico e Geográfico daqui. Lido o primeiro por Mauro de Almeida, e fichado (tendo aliás rendido pouco, como importância documental), foi esse pesquisador enviado a Itu, no início desta semana. Quanto aos pacotes de irmandades acima referidos, continuarei eu as

pesquisas nesse documentário. Conforme forem indo as pesquisas em Itu, para lá partirei, ou breve ou pelos meados do mês próximo, ajuizar dos trabalhos já feitos.

"Quanto a documentos inéditos sobre o Padre Jesuíno, só conseguimos um até agora, aliás muito interessante. É uma carta de 1815, cinco anos anterior à morte, dirigida ao prior do Carmo, em Santos. É um documento interessantíssimo, que mostra Jesuíno ainda rapaz, estudando música e órgão na Ordem Primeira do Carmo em Santos, aceitando encarnar imagens sem o saber fazer, e audaciosissimamente aceitando mais fazer um órgão, pelo qual recebeu 54\$200! Embora fosse no tempo de sua "rapaziada", como ele diz, Jesuíno bem se apercebia dos defeitos de douração nas imagens e de fatura no órgão, mas ficou quietinho, recebendo o dinheiro. No fim da vida, e já padre, ele escreve essa carta pedindo perdão dos males que fez. Aliás a carta ainda prova que o padre Jesuíno pelo menos por duas vezes se ausentou de Itu, depois de padre, chegando as duas vezes até Santos, coisa que nenhum historiador registra. E com isso surge um problema novo e interessantíssimo: acabamos de descobrir em Mogi das Cruzes, na Carmo justamente, um teto pintado que dizem ótimo e no mesmo estilo do da Carmo daqui. Será do padre Jesuíno? Ainda não fui até Mogi, esperando uma liberdade do Saia, para irmos juntos. Mas como você está vendo, o problema está cada vez mais apaixonante, e só expô-lo tal como está já seria de grande interesse.

"Às vezes me dá uma angústia, pois temo que o que vamos descobrindo seja por outrem descoberto e tomem a primazia sobre nós. Aqui peço a sua decisão. Talvez fosse conveniente publicarmos o documento inédito conseguido, apenas com um pequeno

comentário meu, na revista do Serviço; e ir fazendo assim a cada documento inédito descoberto.

"Tenho também vontade de expor em artigos de jornal aqui, as incongruências dos historiadores do padre-pintor. Creio mais útil fazer isso nos jornais daqui do que nas Revistas do Serviço, pois incitaria os historiadores e pesquisadores que estão lidando com documentos paulistas. Lhe peço uma noticiazinha sobre estes dois casos. O documento inédito já foi fotografado, estando a cópia em minhas mãos. E é só."¹⁶¹

Conforme já anunciado no capítulo III, o escritor/pesquisador Mário de Andrade expôs as "incongruências dos autores" no artigo "Uma carta do Padre Jesuíno do Monte Carmelo", publicado na Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v.5, nesse mesmo 1941.

27 de outubro de 1941–carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"Venho lhe pedir um favor. Será possível você mandar uma das suas preciosas funcionárias percorrer a obra inédita do fr. Pratt que está nas suas mãos pra ver se estão registrados nela os nomes dos priores da Ordem *Primeira* do Carmo, para Itu, S. Paulo e Santos, pelo menos no séc. XVIII, desde 1760 até 1800? Preciso enormemente disso e, aqui, frei Canísio diz que não existe indicação nenhuma."¹⁶²

"Descobri que a obra do "meu" padre Jesuíno para a Carmo, de Itu, (talvez sua melhor obra) que segundo os autores estava quase toda perdida, só restando o teto

¹⁶¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit. p. 137-139.

¹⁶² ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit. p. 140.

da capela-mor e mais o teto da matriz (capela-mor) de Porto Feliz, que não se sabia ser dele!

"[...] Foi o que sucedeu com a Carmo, de Itu. Desconfiei das milhóres fontes. Afirmei que também podiam mentir sem saber. E ontem fui confrontar palavra por palavra as duas descrições do caso da Carmo, feitas por Oliveira César ambas, uma no seu opúsculo de 1869 (ou 71 dizem outros) e a outra, anterior a 76 e cedida a Azevedo Marques que a transcreveu nos seus 'Apontamentos'. Ora não só essas descrições são confusas, como percebi, com assombro, que se contradiziam formalmente. Então resolvi confrontá-las com as minhas fotos do teto da capela-mor da Carmo e que vedo! [*sic*] Tudo o que Oliveira César enumera como pintado por Jesuíno na igreja inteira, muros, tetos da nave e da capela-mor, tudo está incluído neste único e último teto. Menos apenas os "evangelistas" de que ele fala e uns "medalhões com os emblemas da Paixão". Ora os 4 evangelistas estão pintados no teto da cap.-mor da matriz de Porto Feliz, a meia hora de Itu e ninguém sabia de quem eram. Resta achar os medalhões. Quando expus toda a argumentação, o Saia também se convenceu imediato, tão clara é a coisa.

"Vou a Itu e Porto Feliz, semana próxima, observar decisoramente os evangelistas e procurar os medalhões. Quanto ao Oliveira César, também mentiu como eu, certo de dizer a verdade. Vou ver se consigo saber em que condições ele escreveu suas descrições, se de cor, não morando mais em Itu, ou coisa parecida. Mas o já garantido insofismavelmente é que ele fez duas descrições contraditórias, e quase tudo de ambas está reunido num só teto".¹⁶³

¹⁶³ Idem, ibidem. p. 140.

Em 6 de maio de 1942, Mário de Andrade foi ao Rio consultar a obra do frei Pratt (relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade).

Conclui-se, também que, além de ter havido novas leituras após o dia 22 de outubro, até esse dia Mário de Andrade ainda não havia ido para Itu.

4 de novembro de 1941-carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"Aqui vai o documento do p. Jesuíno, mais a tradução que tive de refazer porque a enviada estava toda errada, e mais o nariz de cera. Achei besta assinar este nariz de cera, tão sem importância ele é. Em todo caso faça como bem entender: ou meu nome por extenso ou apenas as iniciais M. de A. ou nada, como nota da redação, o que acho mais razoável. O que posso garantir (e assumir a responsabilidade) é que não tem erro. Aliás, pra não haver erro, vai uma pequena deficiência no fim. É quando, retificando a data da morte de Jesuíno pra 1º de julho, falo que a data 2 de junho de vários biógrafos é confusão com a data de transladação dos ossos do padre. E termino: "que esta, sim, foi a dois de junho". E mais não digo, quando devia dizer o ano. Este parece ser 1821, mas de repente vi que a bibliografia dá pelo menos três datas, 1820, 1821 (a mais repetida) e 1828. Já tenho feito pesquisas mas ainda não encontrei nada que me garantisse uma data indiscutível. Se ele morre em 1819 (coisa garantida), era permitida uma transladação de ossos, um ou dois anos apenas depois? Ainda não consegui saber ao certo, e daí vem a inovação que fiz no nariz de cera: dar comercialmente por extenso e entre parênteses as datas, depois de dá-las por

algarismos. Agora que estou mais metido com história, fico absurdizado com as contradições de datas, por engano de impressão. Pensei em não dar mais datas em algarismos, porém mnemonicamente isso pode ter inconvenientes e é tipograficamente mais bonito a data em algarismos. Pretendo fazer assim nos meus estudos futuros, pra evitar qualquer engano. [...].”¹⁶⁴

Realmente, todas as datas foram colocadas por extenso na monografia do padre Jesuíno, e o assunto em questão, aqui, é a carta do padre, a ser tratado ainda no texto seguinte.

11 de novembro de 1941–carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“[...] Só hoje o meu ilustre secretário Zé Bento me entregou a cópia da tradução da carta do padre Jesuíno que lhe mandei. Ora fiz minha tradução sobre a tradução mandada pelos Carmelitas de Santos, que estava toda errada. E pedi ao Zé Bento que passasse a máquina e controlasse o que eu fizera, pra não escapar nenhuma desatenção. Vai ele me aparece hoje com a cópia e diz que na assinatura do homem, a inicial que a antecede e que eu pusera P. (padre), ele examinando o manuscrito inteiro achara que era um S. (?) e pusera S. Peço a você examinar isso na fotografia do autógrafo. “S” creio que não faz sentido algum e deve ser um dos delírios de dedicação do nosso queridíssimo Zé Bento. Acho impossível que não seja P.

“Embora não muito ricas as coisas se acumulam sobre o nosso prezado Jesuíno. Depois-damanhã, (sic) quinta, o Saia e eu iremos a Mogi das Cruzes ver os ótimos

¹⁶⁴ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade* (1936–1945). Ed. cit. p. 140-141.

tetos pintados que ninguém sabia e creio foi o Saia que inventou. Não parecem do Jesuíno apesar de um deles ser numa igreja carmelita. Do padre, nenhuma novidade a não ser do lado da música. Até o Otávio Tarquínio na última Rev. do *Brasil* afirma que tudo se perdeu. Non è vero. Já o nosso pesquisador achou um canto de Verônica (já em minhas mãos) e hoje um velho aqui me garantiu que as famosas jaculatórias da novena da 3ª do Carmo, aqui de S. Paulo, são do Jesuíno. É um verdadeiro achado que falta apenas autenticar mais.

"No domingo parto pra Itu e imagino ficar lá uns 3 ou 4 dias, fazendo pesquisas e vendo se decido várias dúvidas. Depois creio que irei numa fazenda amiga descansar uma semana que já não posso mais. (...) Vou lá escrever tudo quanto sei já sobre o Jesuíno, porque já não me encontro mais neste aluvião de fichas, notas, notinhas e papeletas soltas, que está me dificultando muito estudar. Vou fazer já a biografia do homem, relação de obras etc. Só não fazendo a parte crítica final. Assim terei uma visão mais de conjunto do que se sabe e sei sobre o homem, pra orientar mais ordenadamente as pesquisas." ¹⁶⁵

No dossiê dos manuscritos, "Padre Jesuíno Músicas" (doc.139). É o próprio autor quem fala sobre as fichas, notas, notinhas e papeletas soltas, em "aluvião", conservadas nos manuscritos.

3 de dezembro de 1941-relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"[...] Continuo, como sempre, comparecendo diariamente, numa das primeiras horas da manhã, à

¹⁶⁵ IDEM, ibidem, p. 141-142.

sede desta Sexta Região, pondo-me assim em contato com o Assistente Técnico, e tomando ciência do que interesse às pesquisas que estou fazendo sobre vida e obras do Padre Jesuíno do Monte Carmelo.

"Um dos nossos auxiliares, o sr. Mauro de Almeida, continua em Itu, percorrendo arquivos, copiando documentos e realizando outras pesquisas julgadas necessárias, e que a Região lhe pede por correspondência.

"No intuito de verificar a boa orientação dos seus trabalhos e estudar problemas que a mim cabiam especialmente, aproveitando uma viagem do Assistente Técnico, acompanhei-o a Itu e Porto Feliz. Essa viagem foi bastante útil para mim, principalmente por me ter posto em contato com o pintor Blackmann, que realizou a última restauração "sofrida" pelo teto da capela-mor da igreja do Carmo, uma das obras principais do P. Jesuíno. Pude assim, e espero prová-lo em minha futura monografia sobre este pintor, verificar as principais deformações de traço e colorido com que o infeliz restaurador enfeitou a obra original.

"Mas não nos será aqui possível opinião mais segura e objetiva, sem um estudo e documentação fotográfica mais decisórios. Cuidando conseguir isso, de acordo com o Assistente Técnico que sugeriu a solução, pretendemos fazer um pequeno andaime portátil, próprio não só para a observação de perto, como para a colheita de detalhes fotográficos. Quando se puder fazer isso, no ano próximo, irei de novo a essas cidades e nelas ficarei mais prolongadamente, até resolver os múltiplos problemas sobre a verdadeira autoria de certas obras e o seu grau de deformação atual.

"Em Porto Feliz, embora minha convicção não seja irremovível, voltei de lá muito impressionado com a bonita Senhora da Assunção do teto da matriz. Embora

o Assistente Técnico se mostre mais reservado em sua opinião, essa obra me parece do P. Jesuíno, principalmente pela extrema semelhança dos rostos dos anjos, com os do teto da Carmo ituana. Tudo depende porém de futuros estudos mais organizados e documentação fotográfica em detalhe. [...]”¹⁶⁶

Mais tarde, após conversa com o Prof. Blackmann, Mário de Andrade chegou à conclusão de que este pintor, restaurador, havia respeitado a obra e as cores utilizadas pelo padre Jesuíno. É o que está no texto do ensaio, com referências também nos manuscritos (doc.49-51, f.441-443).

3 de dezembro de 1941–carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“[...] aqui estou em Araraquara desde quinta-feira passada, onde vim, sob pretexto de pôr em ponto utilizável o que já sei sobre o “meu” padre Jesuíno. [...] Principiei já escrevendo tudo quanto sei sobre o padre, sob este plano. O meu estudo se dividirá necessariamente em duas partes, biografia e a obra do padre. Tudo acompanhado de Notas e Apêndice (como publicação de documentos) e Bibliografia.

“O trabalho propriamente, biografia e obra, será o mais correntio e desimpedido possível, com os números correspondentes às notas e aos documentos do Apêndice na margem do escrito, pra não tornarem pesada a leitura. As notas virão no fim, e não no baixo das páginas e conterão indicação de autores, comentários, críticas a eles e correções. Acho assim mais razoável não só pra tornar mais correntia a leitura como porque as notas são em número avultado.

¹⁶⁶ IDEM, ibidem, p. 143.

"A parte sobre a obra tratará primeiro do problema cronológico das pinturas, em seguida do arrolamento das conhecidas e discussão das que imagino serem do padre e enfim de uma crítica meramente expositiva dos caracteres da obra, sem emitir julgamento de valor, que não me parece próprio de funcionário do SPHAN, em função.

"Por mim, lhe confesso que ando bastante intoxicado pelo padre, que acho extraordinário como homem e pintor. Conto me dedicar por inteiro este mês à escritura e terminá-la. Espero em princípio de janeiro lhe enviar cópia da primeira redação terminada. Só da primeira redação porque cada dia surgem problemas novos e pesquisas novas a fazer.

"Me conto realizar e resolver mais sossegadamente no entremeio da feitura dos fichários.

"Sinto que estava com a razão quando resolvi escrever, já em ordem de monografia, tudo quanto sabia e pensava sobre o padre. A exposição assim graduada de tudo mostra as falhas a encher, levanta problemas impensados e já são numerosas as coisas que descobri necessário pesquisar, embora tenha apenas escrito até agora seis páginas manuscritas de texto e outras tantas de notas.

"Mas quero lhe pedir um favor. Desejava mostrar objetivamente com nomes, dados e datas, que era costume também no Brasil inaugurar as igrejas antes destas estarem acabadas na sua decoração interna. Principalmente o que eu quero é isto: documentação dizendo: A igreja tal de São João del-Rei foi inaugurada em 1764, o seu teto foi pintado em 1766. isto é que me interessa provar enormemente: provar que umas oito ou dez igrejas foram inauguradas e só depois da inauguração os seus tetos foram pintados. Se não for

muito difícil você me fornecer isso seria admirável.
 [...]”¹⁶⁷

Os números correspondentes às notas aparecem mesmo às margens das versões iniciais (doc.147-149, f.1233-1479), embora seja verdade que depois, na elaboração final das notas, essa numeração sofreu alterações, até mesmo realizadas por quem cuidou da publicação do trabalho, assunto abordado por esta pesquisadora em “Mário e Jesuíno nos caminhos de um texto”, na introdução da edição de Padre Jesuíno do Monte Carmelo, pela Nova Fronteira. E de fato, as notas contêm “indicação de autores, comentários, críticas a eles e correções”, como o escritor anuncia que faria, iniciando-se, sempre, com pequeno trecho de citação do texto (doc.152, f.1576-1680).

Quanto à intenção de não emitir julgamento de valor, Mário de Andrade não conseguiu realizá-la pois, no decorrer de quase todo o ensaio, desde as primeiras versões, nota-se o envolvimento dele com o personagem, como se demonstrou no capítulo IV desta tese.

No que diz respeito à redação do texto, só a iniciou nesse mês de dezembro, finalizando-a, presumivelmente, no início de fevereiro, fato que se pode deduzir através de carta de 6 desse mês de fevereiro.

A elaboração dos fichários era importante para o historiador (doc.112, f.708-845), e esta carta comprova também que ele escrevia texto e notas, concomitantemente.

De acordo com o anunciado, o ensaio foi realmente dividido em duas partes, sendo que a segunda se encerra com uma conclusão, análise sobre a obra, intimamente ligada às características psicológicas que Mário de Andrade atribui ao padre pintor (doc.147-152, f.1233-1680) e (doc.155-167, f.1718-1850). O texto de Luiz Jardim, “A pintura decorativa em algumas igrejas antigas de Minas”

¹⁶⁷ IDEM, ibidem, p. 145.

(1939), foi bastante utilizado pelo pesquisador, conforme já demonstrado nesta tese.

Janeiro de 1942 (sem referência ao dia)–carta a Murilo Miranda

[...] Principiei o ano tomado de uma verdadeira fúria de boa utilização de mim. Trabalhar mais honestamente pro SPHAN e trabalhar muito gozadamente pra mim.”¹⁶⁸

2 de janeiro de 1942–relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“[...] me dediquei exclusivamente a dar uma redação inicial ao meu trabalho sobre o Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Ainda não terminei esse escrito, o que espero fazer por todo o mês corrente.

“A não terminação da monografia em dezembro mesmo, se deve especialmente ao fato de, no correr da redação, surgirem a cada passo dúvidas e questiúnculas a resolver e a lembrança de pesquisas novas para completar lacunas. Como, por exemplo, a respeito da árvore genealógica dos Gusmões santistas, Bartolomeu e Alexandre, dos quais, a se acreditar nas informações bibliográficas, o padre Jesuíno viria a ser sobrinho-bisneto. Infelizmente as pesquisas já feitas foram infrutíferas e não me parece que se venha a descobrir algum filão solucionador. Porque o Padre Jesuíno parece derivar de algum erro excelente de um dos numerosos Gusmões, de que descenderia pela parte da mãe, a parda Domingas Inácia.

¹⁶⁸ ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. Ed. cit. p. 101.

"Estou convencido agora de ter agido com acerto pondo em redação o quanto já preparara sobre o meu biografado. Tudo se esclareceu e sistematizou muito melhor. Surgiram lacunas a que ainda não dera atenção e principalmente numerosas sugestões sobre pesquisas novas a fazer. Principalmente isso me obrigou a um penoso e lento trabalho comparativo, ponto por ponto, dos escritores que têm estudado o notável santista. Infelizmente este trabalho muito frutífero só tem servido para invalidar informações numerosas e salientar a leviandade às vezes inconcebível dos historiadores.

"O meu trabalho está arquitetado da seguinte forma: redação corredia em forma literária da vida do artista (baseada nos documentos garantidos e na bibliografia existente), continuada com um estudo técnico da sua obra de artista plástico. Esse trabalho se completa por notas em que se discute (sic) os numerosos problemas propostos pela bibliografia e pelas circunstâncias sabidas da biografia do artista. A monografia será completada por um Apêndice, em que virão reproduzidos na íntegra os documentos conhecidos sobre ele.

"Por certo até o fim do mês terei terminado a primeira redação da minha monografia, de que mandarei cópia para vosso conhecimento e uso particular. Tomei agora o alvitre de não mais me dividir em pesquisas, por enquanto. Só redigida a monografia, me dedicarei resolutamente ao trabalho de buscar filões novos." ¹⁶⁹

Neste relatório torna-se evidente que as dúvidas surgem à proporção em que o texto é escrito, o que demandará novas pesquisas.

¹⁶⁹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit. p. 146.

No que diz respeito ao trabalho comparativo entre os autores freqüentados, foi feito pelo historiador, conforme se detalhou nos capítulos II e III desta tese. E a intenção aqui expressa pelo escritor, de terminar a primeira redação até o mês seguinte, fevereiro, concretizou-se, fato comprovado pela carta de 4 desse mês.

6 de janeiro de 1942–carta a Moacir Werneck de Castro

“[...] a monografia sobre o Padre Jesuíno, pintor, vai ficar bem-feita.”¹⁷⁰

7 de janeiro de 1942–Carta que acompanha relatório, a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Uf! Que trabalhadeira penosa me está dando esse peralta do padre Jesuíno! Penosa principalmente por chocha, infrutífera, exigindo um trabalho comparativo dos autores, que é a coisa mais lenta, lerda e miúda que já fiz. Ainda anteontem, segunda, tomei com um acesso de desespero, que você não imagina, pois verifiquei às dezesseis horas, quando larguei do trabalho porque não podia mais, que tinha escrito três tiras manuscritas de texto e outras tantas de notas. E principiara na coisa às nove da manhã. Mas enfim tenho esperança de fazer alguma coisa limpa, principalmente destrinchando a bagunça dos biógrafos.[...].”¹⁷¹

¹⁷⁰ CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade–exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989, p. 187.

¹⁷¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945)*. Ed. cit. p. 147.

25 de janeiro de 1942–a Paulo Duarte

“Não sei o que faço mais com o SPHAN e o envio de coisas pra você. Aliás, a revista do SPHAN só publicou três números até agora, não se esqueça o quarto número eu mesmo enviarei registrado até você. Sai nele um documento importantíssimo que descobrimos aqui na Carmo de Santos, uma carta do padre Jesuíno do Monte Carmelo, o pintor do teto dos Carmos paulistano e ituano.

“No momento estou escrevendo uma monografia sobre o padre Jesuíno. É uma figura importantíssima como homem e como artista. Estou completamente apaixonado. Mas o trabalho que já foi enorme ainda vai ser imenso, tantas pesquisas ainda tenho a fazer. Mas me sinto com coragem pra.”¹⁷²

A preocupação com “tantas pesquisas ainda tenho a fazer” demonstrou-se uma constante para Mário de Andrade, em todos os anos de trabalho.

4 de fevereiro de 1942–Carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Estou desolado e mesmo bastante machucado. O caso é o seguinte. O Saia, um pouco enxeridamente, sem ter as “Notas” junto, leu a redação deste meu trabalho e fez uma crítica arrasante. Acha que está anticientífico (sic), muito literário, a se não pronunciou a palavra “literatice”, tenho a certeza que pensou nela. Não pronunciou por delicadeza. Em compensação acha que é trabalho de católico e (...).

“Acabo de corrigir a datilografia do que escrevi. Estava disposto a escrever *mais uma* biografia do padre

¹⁷² DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. Ed. cit. p. 217.

Jesuíno, estritamente científica, *o que não me custa nada*. Serão apenas uns dois dias de trabalho, pegando no já escrito e reduzindo a equação. E mandaria as duas versões pra você escolher. Nem perderei meu trabalho literário com isso, pois o desenvolvia numa novela romanesca bastante desenfreada, que a vida do padre dá bem pra isso.

“Mas relendo, pra corrigir, o escrito, desisti, *por agora*. Francamente acho que o Saia não tem razão. Parte das observações que ele faz, a parte mais justa, já eu mesmo faço nas Observações preliminares a esta *primeira* versão, e que o Saia leu. Acho também que é preciso estudar um bocado mais, à luz da sociologia contemporânea, as condições históricas que produziram o P. Jesuíno: Santos, Itu, a Capitania. Mas ainda não tinha dados suficientes pra isso e não o fiz *por enquanto* por isso. – mais tarde fará esse estudo, como o comprova a carta resposta de Sérgio Buarque de Holanda encontrada nos manuscritos.

“Quanto a fazer a psicanálise de Jesuíno, francamente! Fiz a psicologia dele, que me parece um bocado mais vasta que a psicanálise, e a levianice dele, suas falcatruas, a consciência penitencial, o messianismo autopunitivo, tudo isso sustento de faca desembainhada. O “complexo” de inferioridade já vem no padre Feijó. E é o principal, o que deu a criação dos Padres do Patrocínio e do templo. Quanto à literatura excessiva, meu Deus! Palavra de honra que reconheço a literatura, porém não o excesso de. Por mim, confirmaria o meu trabalho. O pau é que você é tão delicado e vou botar você na contingência sempre desagradável de dizer: Já que é fácil, experimente outra versão. Lhe garanto que é fácilimo. Suguei o que tinha nos meus livros, não tenho que pegar neles mais.

"É só por a minha versão ao lado da máquina de escrever, as Notas do outro lado, e ir batucando nas teclas o cozido sério e exato.

"Lhe mando o trabalho como está, lhe pedindo por favor não mostrar a ninguém por enquanto. Já me chegaram novos documentos de Itu que, se não descobrem a América, confirmam coisas, melhoram coisas e têm grande interesse. Aos 16 anos Jesuíno estava garantido em Itu (...).

"Frei José Rodrigues do Rosário França em 72 era presidente do Hospício do Carmo em Itu. Tenho mais uma procuração de Jesuíno depois de viúvo, passada a pessoas de Santos, pra cuidarem de casas que ele possui lá !!!

"A coisa está se esclarecendo... escuramente, como você vê. E parece que há um engano meu nas idas e vindas de Feijó. Engano meu, não! Dos Autores. De Mons. Ezequias. Tenho que tirar isso a limpo. "Já principiei a escrever a parte "A Obra", mas tive que parar depois de umas dez páginas de escrita. É vaidade minha e nossa daqui, pretender uma crítica "científica" sobre a obra do padre. Pelo menos com os elementos que temos à mão. Sem certa documentação minuciosa não é possível continuar. Pretendo estes dias especificar bem *toda* a documentação necessária, que faremos fotografar. Só com as fotografias à mão poderei continuar o trabalho. Enquanto as não tiver, farei Pesquisas no Arquivo Público do Estado."¹⁷³

A ideia "Tenho que tirar isso a limpo", está comprovada no dossiê dos manuscritos, onde se encontram várias fichas assim nominadas (doc. 137, f.1191-1214).

¹⁷³ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade* (1936-1945). Ed. cit. p. 147-148.

No final desta carta segue-se bilhete de Saia a Rodrigo, justificando as críticas feitas à análise do pesquisador, acompanhado de outro, do próprio Mário de Andrade: "Rodrigo, é mentira do Saia, não usei no texto nem sequer a terminologia psicanalítica."

6 de fevereiro de 1942–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"[...] dediquei todo este mês à redação da monografia que me foi encomendada sobre a vida e obra do pintor Padre Jesuíno do Monte Carmelo. [...] e tenho o prazer de vos enviar junto a primeira parte do meu trabalho. Essa primeira parte se refere exclusivamente à "Vida" do artista.

"Já iniciei também a redação da segunda e última parte; o estudo crítico da "Obra" de Jesuíno do Monte Carmelo, mas me vi obrigado a suspendê-la por algum tempo. Esta suspensão é devida à falta que me fazem numerosos documentos fotográficos dos trabalhos do artista. Sem eles me vejo absolutamente impossibilitado de estudar certos elementos técnicos que me permitirão, conforme as condições em que ainda estamos no Brasil, justificar ou negar a autoria de certas obras ao padre.

"É meu pensamento tornar essa parte do meu trabalho a mais técnica possível, e por isso mesmo nada posso continuar, enquanto não possua os documentos necessários e suficientes para um estudo abalizado. Assim, o trabalho que farei agora será, antes de mais nada, com a documentação fotográfica já existente, delinear um mapa de elementos que, em seguida, o fotógrafo do Serviço obterá para continuação dos meus estudos.

"Enquanto ele estiver nesse trabalho, continuarei minhas pesquisas nos arquivos, para completamento da minha monografia. Com a redação dela me surgiram numerosos problemas outros, que me obrigam a pesquisas novas. Destas irei dando aviso a V.S.^a que após a redação da parte do meu trabalho que aqui vai, já foram descobertas (sic) por meu colaborador, sr. Mauro de Almeida, enviado por esta Região a Itu, alguns documentos novos que esclarecem, corrigem ou trazem luzes novas sobre a vida do padre Jesuíno."¹⁷⁴

A redação a que se refere o escritor, deve ser a primeira cópia datiloscrita (doc.148, f.1314-1396), nos manuscritos, cópia da versão autógrafa, esta em caderno de folhas quadriculadas (doc. 147, f.1233-1313).

27 de fevereiro de 1942–Carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"Rodrigo, meu velho.

"Recebi sua carta e sugestões. Muito obrigado. Porei as notas novas que você lembrou. Aliás a enumeração dos artistas que trabalharam em Itu pelo tempo de Jesuíno era mesmo intenção minha fazer. Só hesitava no lugar em que colocaria isso. – isso foi, de fato, feito, no texto; há também referências nos manuscritos.

"E vejo que também a você o problema tipográfico da disposição das notas preocupou. Foi fácil resolver o caso *a priori*. Faria o trabalho escorrido, com as notas depois delas. Mas o caso do Saia ter lido o trabalho sem as notas e ficar positivamente muito impressionado com a " literatura", a mim ainda preocupou mais. Francamente não sei como fazer. O

¹⁷⁴ IDEM, ibidem, p. 149.

melhor era seguir a tradição, pôr a nota no baixo da página, em que vem a frase a que ela se refere. Mas a verdade é que, às vezes, em duas frases do texto vêm três notas longas de duas ou três páginas de datilografia, o que torna impossível uma ordenação tipográfica aceitável, mesmo imprimindo as notas em tipo menor. Francamente ainda não sei como resolva este problema que é, psicologicamente, grave, pra evitar má impressão em muitos leitores que não irão procurar as notas imediatamente no correr da leitura e ficarão tomados do sentimento de literatice. Pois se até o Saia, que não é qualquer um e sabia o que eu estava fazendo! Por mais que você, comigo, não tenha tido essa impressão e por mais que me lembre que o trabalho vai assinado e sob minha responsabilidade pessoal, eu não posso esquecer nem devo que se trata de um trabalho feito para e num Serviço público. Não devo "perder a linha".

"É uma trapalhada. E carece não esquecer que além das notas, virão os apêndices (documentação do tempo). É uma trapalhada!

"Quanto a estarem na datilografia cada numa folha, não se inquiete, é facilidade puramente datilográfica, que me permite acrescentar notas novas ou tirar outras, enquanto a coisa não está definitiva.

"Não poderei nunca prescindir da opinião do Lúcio. Mas, por vaidade irresistível, fiquei contente de você não mostrar a ele a coisa tal como ainda está. Preciso estudar melhor certa terminologia técnica de artes, principalmente de arquitetura, que só sei em francês ou não sei em língua nenhuma. E quando não me ocorria ou não sabia o termo preciso, o substituí por um meu *ad hoc*, deixando o aperfeiçoamento pra depois, pra não ... esfriar.

"Me meti sério no estudo da obra do Jesuíno este mês, mas o mês acabou e praticamente não fiz nada! Aqui minha consciência me inquieta, embora saiba que você me conhece. Sempre trabalhei com muita lentidão e ainda agora, convidado pra fazer um curso sobre poesia popular na Faculdade de Sociologia, embora o assunto seja mais ou menos meu, pedi um ano pra me preparar. Mas fico aborrecido com a lerdeza do "meu" Jesuíno, por ser serviço público, por não ser uma revelação fundamental pro país.

"Ainda outro dia me levantei, peguei nas apenas 14 fotos das pinturas da matriz de Itu. Bem, o estudo me apaixonou porque tenho mesmo inteligência de rendeira, mas quando parei o exame porque positivamente meus olhos não davam mais nada, eram 21 horas!

"Garantidamente estudara umas dez horas no mínimo nesse dia, tomara sim várias notinhas, mas o que mais me desesperava é que sabia menos que de manhã! Preciso mesmo ir aí pra lhe explicar melhor estas inquietações morais. Fico abatido, não sei o que fazer. De qualquer forma irei ao Rio em março.

"É provável que na 2ª quinzena, pois me surgiu desde ontem a possibilidade de uma conferência na Casa do Estudante, o que me fornece passagem e estadia aí. Se gorar, irei assim mesmo. E não se amole de não poder me escrever, lhe repito. Sei bem o que é sua vida e embora necessite dos seus alvitres nesta minha encrenca com o peralta do Jesuíno, tudo tem tempo pra quando eu chegar aí."¹⁷⁵

A ordenação das Notas e dos Apêndices foi elaborada pela equipe que, depois, cuidou da publicação do livro: em São Paulo, José Bento

¹⁷⁵ IDEM, ibidem, p. 150-151.

Faria Ferraz, Luís Saia e Eduardo Ribeiro dos Santos Camargo, cunhado de Mário de Andrade e, no Rio de Janeiro, por Rodrigo Mello Franco de Andrade e por Lúcio Costa, conforme já se enunciou nesta tese.

No que diz respeito à afirmação do escritor “Quanto a estarem na datilografia cada numa folha, não se inquiete, é facilidade puramente datilográfica, que me permite acrescentar notas novas ou tirar outras, enquanto a coisa não está definitiva”: dessa forma trabalhou ele, uma vez que nos manuscritos assim é que elas se apresentam: cada nota em uma folha diferente, todas se iniciando com um trecho de frase à qual elas se referem, como também se disse anteriormente.

6 de março de 1942–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade, referente ao mês de fevereiro

“Durante o mês tive como principal tarefa preparar a obtenção de documentos fotográficos, principalmente de detalhes de obras, que me permitam estudo mais técnico da obra pictórica do padre Jesuíno do Monte Carmelo. Estabeleci, pelo estudo comparativo das fotografias que tenho em mãos, todo um mapa de documentos novos por obter. Esta documentação já está sendo colhida pelo fotógrafo do Serviço, desde o início do mês corrente.

“Além desse trabalho básico do mês, dos comparecimentos regulares à Sede regional do Serviço e duma pequena viagem a Carapicuíba na companhia do Assistente-Técnico, e a seu convite, apenas cuidei de pesquisar em livros e revistas alguns dados que me permitam dar maior clareza e firmeza à monografia que preparo.

“Em nova visita de estudos à Ordem Terceira do Carmo, desta Capital, mais uma vez me convenci da

importância das suas pinturas, principalmente dos seus tetos, sejam estas pinturas da autoria do padre Jesuíno ou não. Ora, com a remodelação urbanística fulminante que ... assola atualmente S. Paulo, a Ordem Terceira do Carmo parece destinada a desaparecer. Talvez sob o ponto de vista arquitetônico isto não seja um mal enorme. Mas encareço a V. S^a a urgência de tombamento de todas essas pinturas, para que não se dê com elas o que aconteceu com os tetos da Ordem Primeira, destruídos com a destruição do convento.”¹⁷⁶

17 de março de 1942–carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“[...] De fato estou muito precisando passar alguns dias no Rio. Além de não poder mais de saudades, não posso continuar mais meu terrível padre Jesuíno sem estudar certas coisas aí no Serviço. Principalmente preciso positivamente ler a obra inteira do Pratt. Às vezes de um esclarecimento lateral, surge pro meu assunto uma verdade decisória. Ainda agora, por puro acaso, num documento de arrolamento de bens carmelitas, posterior à morte do Jesuíno, pude identificar definitivamente quem era (e onde morava) o tal frei Tomé que ensinara latim ao meu pintor. Minha suposição estava certa mas era sempre suposição: agora é verdade documental. Mas me perdi. O fato é que aceitei fazer uma conferência sobre o Movimento Modernista, na Casa do Estudante do Brasil, só mesmo porque isso me obrigava a ir no Rio. Vou no dia 9 de abril pela Vasp, faço a conferência dia 10, sexta-feira, farreio o restico da sexta, mais o sábado e o domingo, e na segunda-feira seguinte apareço no SPHAN com a cara bem fatigada e passarei a semana aí lendo e

¹⁷⁶ IDEM, ibidem, p. 152.

consultando. O que desejo especialmente consultar é toda a documentação do SPHAN a respeito de pintura religiosa, sobretudo tetos de igrejas. Você compreenda: de tanto estudar e ver Jesuíno, acabei amando Jesuíno e desconfio que estou treslendo um bocado. As coisas dele me arrebatam e preciso adquirir mais equilíbrio. Além do valor crítico comparativo que poderei tirar desses estudos. [...]”¹⁷⁷

Mário de Andrade leu a obra do Frei Pratt, sem muitos acréscimos ao ensaio, conforme o que o próprio escritor afirma na carta de 6 de maio desse mesmo 1942.

22 de abril de 1942–Relatório A Rodrigo Mello Franco de Andrade

“[...] De acordo com o que lhe comuniquei no relatório do mês passado, o fotógrafo da 6ª Região está se dedicando a obter documentos fotográficos que permitam um estudo mais minucioso da obra pictórica do padre Jesuíno do Monte Carmelo, conforme o que lhe pedi.

“Enquanto se acham interrompidos os meus estudos pela espera dessa documentação fotográfica, dediquei-me este mês a fazer pesquisas que por acaso venham a me permitir preencher as falhas numerosas de dados e datas da vida do meu biografado.

“Além de algumas indicações de menor importância obtidas nos arquivos de Itu, pude afinal resolver decisoramente quem foi frei Tomé que iniciou Jesuíno nos estudos eclesiásticos e porventura os induziu a eles. Isso graças a um documento de bastante importância, existente no Arquivo Público do Estado e que trata de um arrolamento dos bens carmelitanos.

¹⁷⁷ IDEM, ibidem, p. 153.

Creio que esse documento, que talvez faça reproduzir na íntegra na minha monografia, é desconhecido do P. Pratt e talvez lhe venha a ser útil. Farei tirar dele duas cópias, enviando uma delas a V. S^a para, por seu juízo, ser enviada ao historiador carmelitano.

“Com o auxílio do terceiro carmelitano, sr. Bráulio Silva, fizemos o Assistente Técnico e eu, uma visita de... memórias à Ordem Terceira do Carmo, desta Capital. Com efeito, o sr. Bráulio Silva, que conserva boa memória, embora, como em geral, desatenta dos casos e fatos que interessam particularmente ao SPHAN, era tesoureiro da Ordem quando foi da última restauração da sua igreja. Pude assim, e com a assistência técnica de Luiz Saia, obter alguns dados muito interessantes, que permitem esclarecer milhormente a autoria e proveniência das pinturas existentes na igreja, bem como explicar a razão de certos pormenores da concepção pictórica de Jesuíno, no teto dessa igreja. [...]”¹⁷⁸

6 de maio de 1942–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“[...] Primeiramente solicito de V.S^a mandar corrigir na primeira fase de meu último relatório, datado de 22 de abril, a indicação “fevereiro”, que se deve ler “março”.

“Excesso de trabalho com a fotografiação nova de documentos arquitetônicos e seus pormenores na zona de São Sebastião, impediu até agora o fotógrafo desta Região, preparar os documentos que lhe pedi. Continuam assim interrompidos os meus estudos para

¹⁷⁸ IDEM, ibidem, p. 154.

a parte crítica sobre a obra do P. Jesuíno do Monte Carmelo.

"Como é do conhecimento de V.S^a estive uma semana no Rio de Janeiro para ler na íntegra a obra inédita do P.Pratt. Se essa leitura foi de pouca utilidade para a minha monografia em preparo, pude nela colher algumas informações úteis para esta Sexta Região.(...)

"Ainda no Rio estudei a documentação pictórica do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em vista de compará-la com a obra do P. Jesuíno. Senti precisão desse estudo porque, como sempre sucede, a contemplação excessiva de uma obra e o interesse que depomos nela, nos faz com frequência perder todo equilíbrio crítico e dar excesso de valor ao que apenas é valor normal.

"Senti muito os poucos dias que passei no Rio não terem me permitido também examinar os arquivos carmelitanos aí guardados e que devem conter vasta documentação referente a esta 6^aRegião. Essa pesquisa talvez trouxesse algumas luzes para a minha monografia em andamento e não sei se resistirei ao desejo de realizá-la antes de dar por findo o meu trabalho. Nas minhas pesquisas daqui, estudei os registros gerais da Câmara de Itu, de 1813 a 1819, com poucos resultados. – material encontrado nos manuscritos.

"Já foram de alguma utilidade as informações obtidas da irmã Maria Inês da Silva, pertencente à Congregação de S. José, e que foi contemporânea dos primórdios do Colégio do Patrocínio em Itu. E deixei para o fim a descoberta de um documento de importância grave para o meu trabalho, uma escritura de venda de terreno do Hospício do Carmo, em Itu, por 1771. Isso permite identificar o prior, aliás presidente, desse Hospício, na data em que Jesuíno rapazola foi

para ele levado. Talvez mesmo (dependendo isto de maior estudo) seja esse presidente o tal “prior” santista que levou Jesuíno de Santos para Itu – coisa que reza a biografia mais antiga do pintor sem esclarecer nomes nem datas. Como vê V. S^a o documento é da maior importância para a parte biográfica do meu trabalho.”¹⁷⁹

5 de junho de 1942–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“[...] Até agora, infelizmente, ainda não recebi do fotógrafo desta Região os documentos necessários para a continuação da minha análise da obra do P. Jesuíno do Monte Carmelo. Não sei a que atribuir semelhante demora e a meu pedido o Assistente Técnico desta Região já encaminhou carta ao Sr. Graeser, solicitando a entrega urgente das fotografias. Por certo a demora terá sua razão, pois o sr. Graeser sempre foi cumpridor dos seus deveres.

“Continuei porém a minha monografia, com pesquisas e leituras novas preenchendo-lhe as lacunas da parte biográfica. Também devido ao excesso de pessoas nomeadas no meu trabalho julguei útil organizar um fichário onomástico de todas elas, para meu uso, tornando mais fácil a consulta. Estudei os “Autos da Prestação de Contas das Irmandades e Ordens Terceiras” existentes no Cartório do 1º Ofício de Itu, daí tirando algumas informações de pequena importância para a minha monografia e alguns nomes de santeiros e outros artistas.

“De outras pesquisas em documentos antigos do mesmo Cartório obtive vários esclarecimentos, localização de terras, nomes de priores, etc. Mas me

¹⁷⁹ IDEM, ibidem, p. 155-156.

parece já agora incontestável que pesquisadores desonestos passaram por Itu destruindo documentos, ou guardando-os para seu uso pessoal. Documentos que me seriam de grande importância. Assim do livro-índice do cartório consta o nome de Frei Antônio da Penha de França, de importância capital para o meu trabalho. O documento que se refere a ele estaria, pelo livro-índice, no livro nº 3 (três), p. 13.

"Obtive neste mês o inventário de mais um dos filhos do P. Jesuíno do Monte Carmelo. Documento de alguma utilidade, ele põe mais uma vez em relevo a idéia de que alguém andou roubando documentos em Itu. Se existem os inventários de todos os filhos de Jesuíno, porque não existe o deste? Não é possível interpretar essa perda como puramente ocasional.(...)

"O nosso pesquisador Sr. Mauro de Almeida vai nos deixar, solicitado por emprego de mais futuro. O sr. Assistente-Técnico obteve, no entanto, que ele permanecesse por mais dois meses à disposição do Serviço, para terminar as pesquisas nos cartórios ituanos."¹⁸⁰

A respeito do assunto abordado no parágrafo terceiro, existe material no dossiê dos manuscritos (doc.7, f.65-123).

"[VI ou VII 42?]-bilhete

"Rodrigo

Por quarta ou quinta da semana estouro aí. Como só poderei ficar uns três diazinhos, lhe peço preparar, quando tiver um tempo, uma apresentação minha a

¹⁸⁰ IDEM, ibidem, p. 156-157.

quem de direito da Província Carmelitana daí, pra eu poder dar uma vista d'olhos nos arquivos e saber o que existe de documentação paulista neles.”¹⁸¹

7 de julho de 194–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Em primeiro lugar, encontrará V.S.^a junto a este a cópia da relação dos bens pertencentes à Ordem Carmelitana da cidade de São Paulo.

“Como já disse a V.S.^a o descobrimento deste relatório me foi de alguma importância para os trabalhos de pesquisa do Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Por ele pude identificar definitivamente quem foi e onde morava o tal frei Tomé, de que falou um dos biógrafos do padre-pintor. Mas pelo que li da obra inédita do Padre Pratt sobre a Ordem Carmelitana no Brasil, tive a impressão que ele não teve notícia deste documento. Como talvez lhe possa ser de algum proveito, julguei de bom aviso mandar copiar o documento, para que V. S.^a ajuíze da utilidade de enviá-lo ou não ao Padre Pratt. Continuei as pesquisas em arquivos e livros, além do meu comparecimento diário à sede regional do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O que de mais interesse, imediato para o meu trabalho, posso comunicar a V.S.^a é a descoberta de uma fotografia representando a antiga capela-mor da Igreja do Carmo de Itu, anterior à reforma.

“Quanto às fotografias que mandei tirar de obras e detalhes de quadros do padre Jesuíno, ainda não me vieram às mãos. Esta demora se deve à falta de verba necessária com que lutou o nosso fotógrafo. Mas por certo agora, solucionado o caso, por todo este mês receberei a aludida documentação fotográfica.

¹⁸¹ IDEM, ibidem. p. 157.

“Durante este mês realizei uma viagem ao Rio, como é bem do conhecimento de V.S.^a Tinha a intenção de estudar, ao menos por alto desta vez, os arquivos da Província Carmelitana, do Rio de Janeiro. Como já comuniquei a V. S.^a é voz geral e tradição sabida que grande parte dos arquivos dos conventos paulistas, tudo o que existia pelo menos, foi uma vez enviado para a sede da Província. Que isto é certo prova-o o testemunho mesmo de frei Maurício Lans, com quem aí falei, o qual ainda aí no Rio, quando da sua chegada da Holanda, encontrou servindo de base para os sacos de batatas do convento, uma papelada velha. Referiu-me isto frei Maurício Lans e mais que lhe dando curiosidade de saber que papéis eram aqueles, verificou serem todos documentos da Ordem Carmelitana de Santos. Por sua ingerência foi a papelada enviada para Santos num baú. E pelos instintos naturais de paternidade que têm todos os descobridores, isto nos valeu frei Maurício Lans, quando prior do convento santista, ter organizado e posto em ordem o arquivo de lá.

“Quanto porém aos arquivos provinciais aí do Rio, nada me soube dizer frei Maurício Lans. Nem me permitiu, aliás, examiná-los. Com a maior gentileza e graciosa elegância, na verdade o que recebi foi um “não” redondo –tendo aliás o ilustre frade, entre cigarros oferecidos e demonstrações de interesse pelo Serviço, garantido não poder se decidir nunca a publicar a documentação carmelitana do Brasil que conhece, por estar cheia de brigas e ser um exemplário da fragilidade humana. Da ‘fragilidade humana’, sou eu que digo – da fragilidade carmelitana e desprestígio da Ordem e da Religião deve pensar o ilustre frade, como toda pessoa por demais comprometida com seu próprio estado. Enfim consentiu em chamar o arquivista do convento, o qual afirmou não existir nos arquivos daí,

documento algum relativo às casa paulistas. Provavelmente foram-se como as batatas.

“Mas frei Maurício Lans, que já chamei ilustre por duas vezes, também o é por ter realizado a famosa reforma da Igreja do Carmo em Itu quando foi presidente do hospício de lá, em 1918. Aproveitei-me disso para o entrevistar e ele me deu algumas informações sempre importantes, mas ainda não suficientes. Pretendo voltar á carga, talvez por todo este mês ou em qualquer mês próximo, quando estiver para redigir os meus estudos finais sobre a dita igreja. Por tudo isto farei o possível para me tornar amigo e estimado do pela terceira vez ilustre frade, na boa intenção de conseguir um pouco mais de justiça dos homens na voz da história. [...]”¹⁸²

3 de agosto de 1942–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Me dediquei especialmente a procurar documentação que me permita acrescentar ao meu trabalho sobre o P. Jesuíno do Monte Carmelo, uma descrição do que seria a situação social de Itu no último quarto do século XVIII e primeiro do seguinte.

“Já sobre isso falei com V.S.^a, ficando ambos concordes em que seria de muito interesse verificar isso, para de alguma forma compreender o surto artístico de Itu por esse tempo. Carece não esquecer que o século dezoito foi o século negro da história dos Paulistas e talvez o caso de Itu venha concorrer à tese, esposada entre nós por ex. pelo professor Roger Bastide, de que os períodos de esplendor na criação artística não correspondem aos de grandeza político-econômica, mas lhe são imediatamente posteriores. Como “lei” a tese

¹⁸² IDEM, ibidem, p. 158-159.

me parece abusiva, porém como psicologia social esclarece muita coisa. No trabalho de pesquisa nos arquivos posso enumerar para o mês o descobrimento de dois documentos que me alegraram muito. É bem irônica esta situação egoística do pesquisador que se enche de hosanas por um documentinho que nada transforma nem impulsiona... “Enfim, com alguma melancolia comunico a V.S.^a que dos Arquivos da Câmara Municipal de Itu pude obter uma ordem régia datada de 1750 relativa a Teotônio da Silva Gusmão, mandando-o se transferir de juiz de fora da vila de Itu para o mesmo cargo no Mato Grosso. Este “dr. Teotônio” era uma das afirmações vagas dos documentos conhecidos, de que ninguém dava o nome todo, e que se sabia ser sobrinho de Alexandre de Gusmão. Agora a Ordem Régia, pelo menos pelo nome, confirma o sabido, e data o homem que uma testemunha do processo “De Genere” do Padre Jesuíno, afirma ser o pai de Domingas Inácia de Gusmão, mãe do padre-pintor–nos manuscritos.

“Por outro decreto de D. José sobre o terremoto de Lisboa, pude enfim descobrir a origem e justificativa de data da devoção de N. S. do Patrocínio. Fica assim esclarecido por que Jesuíno fazia questão jamais discutida de inaugurar a sua igreja no dia oito de novembro. Chega a ser quase tenebroso. Fora impossível descobrir até agora descobrir nada a respeito da devoção da Senhora do Patrocínio e sua data, embora nos socorrêssemos da Cúria Metropolitana de São Paulo, e das irmãs de São José que mantêm desde início do funcionamento o colégio e igreja do Patrocínio, que Jesuíno construiu. Se não fosse a descoberta ocasional deste documento novo tudo ficava no ar.

“Aliás, depois de escrita a vida do P. Jesuíno, com suas quarenta e duas notas, que V.S.^a já leu, observo que tudo quanto temos achado, só serve para confirmar o que estava escrito nos Autores. Do ponto de vista histórico quase que o meu trabalho se resumirá a por dentro de uma ordem documental, o que os Autores antigos, à maneira do tempo, afirmaram pela sua própria e exclusiva autoridade, sem se preocupar em justificá-la. O que me inquieta é muito menos o anticientificismo deles, do que a decadência de moralidade profissional com que hoje somos obrigados a tudo documentar pra que se credite no que afirmamos. É triste.

“Enfim, tenho o prazer de comunicar a V.S.^a que já principiaram a chegar as fotografias de detalhes e novas que solicitara do nosso fotógrafo regional, para elaborar a segunda parte do meu trabalho sobre o P. Jesuíno, o estudo analítico da obra dele. É mais que provável que por este mês terei comigo a documentação completa. Iniciarei imediatamente os estudos e redação dessa parte e última do meu escrito, deixando por agora quaisquer pesquisas. [...]”¹⁸³

O escritor realmente fez “[...] uma descrição do que seria a situação social de Itu no último quarto do século XVIII e primeiro do seguinte.”, e a carta de Sérgio Buarque de Holanda, em resposta a consulta de Mário de Andrade, (doc.81, f.481). testemunha as pesquisas nesse sentido, como já referido nesta tese.

O dossiê dos manuscritos também comprova que até o final dos trabalhos o escritor descobre informações e as incorpora ao texto, como a datada de 29 de outubro de 1944, no artigo “A escultura

¹⁸³ IDEM, ibidem, p. 159-160.

colonial em Quito”, de Antonio Berni (*jornal A Manhã, Rio de Janeiro*) sobre douramento de imagens (doc.56, f.448).

22 de agosto de 1942–carta a Francisco Mignone

“[...] Faz creio que uns cinco ou quatro meses que ando ludibriando o Serviço do Patrimônio (nota 76, sobre o que era esse serviço), mandando relatórios de trabalho que, se não são falsos, são enganadores [...] mas havia o pretexto bom e aparentemente justo de umas fotos que faltavam. Agora, chegaram sinto que, além do dever, fiquei em ebulição e vai sair coisa mais digna. Só ontem e hoje tomei umas notas que, assim à primeira vista, me pareceram bem boas. Quero porisso (sic) dedicar todo o mês de setembro, dia e noite, a escrever a segunda e última parte da minha monografia sobre o pintor padre Jesuíno do Monte Carmelo (nota 77, com indicações sobre a obra). E fico livre!”¹⁸⁴

Mário de Andrade esperava terminar de escrever o ensaio nesse mesmo ano de 1942, mas isso só aconteceu em dezembro de 1944.

14 de setembro de 1942–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“[...] Conforme anunciei no relatório anterior, recebi enfim a coleção de fotografias novas que pedira, constante de ampliações e detalhes de obras do P. Jesuíno do Monte Carmelo. Também o fotógrafo da Região, já agora com muito maior prática do que quando iniciou os seus serviços em 1937, tornou a

¹⁸⁴ ANDRADE, Mário de. *71 Cartas de Mário de Andrade*. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: Livraria São José, s/d. p. 104-105.

fotografar a coleção de quadros de Jesuíno, na Matriz ituana, conseguindo muito melhores provas.

"De posse desta documentação nova, me dediquei imediatamente ao seu estudo e julgo hoje poder distinguir na obra do meu estudado uma evolução técnica e expressiva bastante coincidente com as reviravoltas de sua vida curiosa. Não quero ainda nada antecipar pois os meus juízos atuais ainda não se firmam numa convicção absoluta, e ainda estou naquela fase [...] que procura todos os argumentos possíveis pra destruir as verdades alcançadas. E tanto mais me sinto no dever de ser comedido em minhas convicções que os detalhes e as ampliações de agora me obrigaram, com bastante desaponto, a voltar atrás a respeito de várias constâncias de técnica, especialmente desenhística, que pensava já poder fixar a respeito do pintor.

"Me dedicara a estabelecer essas constâncias não só pelo valor crítico que isso podia ter, como porque talvez isso me permitisse identificar como de Jesuíno, outras obras existentes em Itu, Porto Feliz e nas Carmos de S. Paulo. "Este trabalho penosíssimo e que faz correr dolorosamente as horas às vezes sem nenhum resultado, me parece da maior utilidade a respeito da pintura religiosa em S. Paulo. Principalmente das igrejas carmelitanas. Como sabeis a ordem carmelitana teve em nossa capitania um desenvolvimento e fastígio superior ao das outras ordens. A vocação franciscana, por exemplo, que fez do pobre profissional o grande distribuidor de ricos monumentos religiosos pelo Brasil todo, parece que não era lá muito do agrado dos bandeirantes. Então se apegaram à Senhora do Carmo bem mais caroável para as consciências faiscantes de ouro e pedras verdes.

“O fato é que a gente poderá talvez falar até de uma pintura “carmelitana” em S. Paulo, de tal forma foi nas igrejas da Senhora do Carmelo que à (sic) pintura mais se expandiu e brilhou aqui. O que comprova mais esta minha desconfiança é o mistério quase assustador das pinturas das duas igrejas carmelitanas de Mogi. Nada afirmo por enquanto, porém.

“Estou portanto disposto a dedicar grande parte do meu trabalho nestes meses futuros a estudar em detalhe, especialmente de desenho, todas estas pinturas carmelitanas da capitania paulista. Será talvez o único jeito de pelo menos distinguir quantos pintores andaram por aqui, pois que os arquivos, como já vos dei conhecimento, foram destruídos quase por completo.

“Sobre isto, aliás, desejava uma palavra vossa para me decidir. Se o trabalho é longo, creio que o resultado será muito pequeno para ser objeto de uma monografia especial. Talvez seja preferível incluir o resultado no próprio estudo sobre o padre Jesuíno, como digressão natural e complementar da obra carmelitana que ele nos deixou.”¹⁸⁵

3 de dezembro de 1942–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Paro neste momento o estudo dos quadros do padre Jesuíno do Monte Carmelo para distrair o espírito, vos enviando o relatório dos estudos que fiz para esse Serviço durante o mês de novembro p.p.

“Voltei às minhas pesquisas sobre o nosso ínclito padre e, como tinha alguns documentos inéditos dos arquivos de Itu ainda não examinados, engolfei-me neles de

¹⁸⁵ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade* (1936–1945). Ed. cit. p. 160-161.

novo, antes de continuar a análise das obras do pintor. Com pouco proveito, aliás. Em todo caso consegui levantar mais alguns nomes de presidentes do Hospício do Carmo em Itu e estou já agora com uma relação numerosa e bastante completa deles e de algumas de suas atividades. Dentre essas figuras destacou-se agora frei João Barbosa de Araújo Braga, que reedificou o templo do Carmo de Itu. Esta relação de frades presidentes será uma parte inédita e com alguma utilidade histórica, do meu trabalho.

"Também consegui alguma coisa sobre ofícios e nomes de mestres de ofício vivendo em Itu até mais ou menos 1850. Se de nenhuma utilidade para mim, tudo isso vem acrescentar os fichários do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desta Região – o que é também um dos meus destinos aqui. Além disso pude apenas colher informes sobre tratamento de escravos e as iniciativas da Câmara ituana e suas brigas com frades e vigários, a respeito de educação, instituição de aulas de primeiras letras, Latim, Filosofia, educandário para moças, etc., no primeiro quartel do século passado. Tudo isso mete-se na dança dos meus estudos e me deixa bastante inquieto. Se não afeta diretamente o padre Jesuíno do Monte Carmelo, diz respeito imediatamente a membros da família dele, o filho padre Elias que criou a Casa das Educandas, a filha Maria Teresa que dirigiu essa Casa, o sobrinho João Paulo Xavier que ele educou e deu latinista bom.

"Que esses filhos e sobrinhos são um prolongamento da psicologia criadora de Jesuíno não há que duvidar. Elias, Eliseu, Simão Stock são seres ativos criadores, inventadores de coisas, como o pai. Consegui juntar boa cópia de documentos inéditos sobre eles, que poderiam se justificar só por si. Talvez, porém, seja mais razoável separar apenas o Eliseu escultor de

imagens e a interessante instituição da imagem de São Jorge em Itu, que é da autoria dele, e fazer disso uma comunicação para a Revista do Serviço. E os outros documentos sobre o resto da família, dar notícia deles e o que contam, em notas apenas à monografia. Talvez eu seja obrigado este mês a ir ao Rio, para estudar a documentação de pintura do Serviço, e então decidirei como fazer, de acordo com vosso parecer.

"Quanto à crítica da obra de pintura do padre Jesuíno é certo que lhe darei um bom impulso este mês de dezembro. Não me atrevo a dizer que a terminarei dentro do mês. São tantos os problemas a esclarecer e o trabalho é de tal forma penoso e fatiga tanto a consulta e exame das fotografias adjuntadas, que nada posso garantir. Ainda ontem trabalhei o dia todo, desde as sete horas da manhã até as 24 horas, apenas com um intervalo de duas horas em que tive de sair de casa. E no entanto escrevi quase nada! É certo que as coisas vão se esclarecendo aos poucos. Julgo ter descoberto o autor verdadeiro do excelente quadro do teto da sacristia que existe na Terceira carmelitana desta cidade, atribuído a Jesuíno. Creio ser de José Patrício da Silva, que agora estou quase na convicção de que foi mesmo, talvez mais que professor do Padre, verdadeiro colaborador dirigente, na série de quadros da Matriz ituana. Foi este o problema que estudei na manhã de hoje, das sete às onze, quando parei para vos escrever. Já estava treslendo e de cabeça inchada. Também creio que o problema mais intrincado e difícil da obra jesuínica são esses quadros de mocidade. Se conseguir me libertar deles e lhes dar alguma solução, o mais irá fácil e agradável de dizer.

"Desejava consultar-vos sobre a possível obtenção pra esta Região, de algumas cópias de fotografias existentes aí no arquivo central. Cópias ou empréstimo,

que me parece menos aconselhável. São imprescindíveis pra continuação dos meus estudos. Enumero-as aqui:

Foto da fachada da Igreja e Convento do Carmo, de Angra dos Reis.

Foto do medalhão pintado no teto da nave do Carmo de Mariana.

Foto do teto da Igreja de Santa Teresa, Ordem 3ª do Carmo, de Recife.

Foto da imagem de São Jorge, atribuída ao Aleijadinho, e se possível uma relação das imagens de São Jorge, arroladas pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Brasil.”¹⁸⁶

As fichas sobre o padre Elias, Maria Teresa (filha de Jesuíno) e o padre João Paulo Xavier estão no dossiê dos manuscritos (doc.116, f.908-945).

E quando escreve “[...] creio que o problema mais intrincado e difícil da obra jesuínica são esses quadros de mocidade.” estava, de fato, pressentindo “a trabalhadeira” que teria, pois chegou a escrever, sobre a Matriz de Itu, cinco versões, (doc.158-170, f.1.736-1951).

3 de dezembro de 1942–Carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Rodrigo

“Quando acusar recebimento do relatório, me ajunte umas linhas suas dizendo o que você pensa deste problema. Na Vida e Notas conseqüentes, do Padre Jesuíno, fiz malabarismos (...) mas consegui vencer as dificuldades, imagino que com algum prejuízo do trabalho, escrevendo na terceira pessoa. “O que se

¹⁸⁶ IDEM, ibidem, p. 164-165.

quer dizer”, “O mais provável”, etc. Mas agora que estou escrevendo sobre A Obra e entra em importância intensiva a observação pessoal e a opinião crítica, estou completamente peado. Não há dúvida que a peia é um bem num trabalho deste gênero, prendendo o excesso de individualismo, mas creio não me deixar levar pelos excessos de opinião e sentimento pessoal. Tenho três anos de diretor do departamento oficial e tenho bem presente que o trabalho que estou fazendo é encomendado pelo SPHAN. De resto é obra que se sujeitará preliminarmente às opiniões e crítica severa de você, do Lúcio, do Saia. Ainda hoje andei dando murro em faca de ponta por mode um caso. Tenho (*Eu*) certeza de ter identificado o autor de um dos quadros mais lindos da pintura paulista, o teto da sacristia da Terceira do Carmo daqui. É o mesmíssimo José Patrício da Silva que pintou o teto da matriz ituana e jamais Jesuíno, como conta a tradição oral. Mas é uma identificação puramente de ordem crítica, derivada de cacoetes e semelhanças. Não é técnica nem documental. Eu mesmo, se me desse o espírito de porco podia discutir isso. Como fazer?

“Usar a 1ª pessoa do plural, isso não faço. É um protocolo besta, antiquado, pedante, monárquico, que envergonharia a minha simplicidade. Usar a 3ª pessoa na Vida e a 1ª na Obra, me parece uma pequena incongruência que dói à (*sic*) minha sensibilidade estética. Qual a opinião de você? Mande contar pra meu governo.

“O estudo da obra do Jesuíno, se não me deixar histórico, me deixa louco de último grau. Hoje trabalhei nisso oito horas, só estudando os doze quadros da matriz de Itu (aliás o problema mais intrincado) e só fiz uma primeira redação do estudo referente à composição geral do quadro, figuras em geral e seus

gestos e rostos em geral. Parei porque não podia mais. E é trabalho ali no duro, sem intervalo nem pra atender telefone e descontando a hora do almoço. Larguei porque não podia mais. Amanhã pretendo estudar detalhes de rosto, mãos, pés, panejamentos, e certos pormenores outros.

"Minha convicção já está mais ou menos firmada, mais pra mais que pra menos. Foi mesmo nesses quadros que Jesuíno aprendeu a pintar, sob a direção imediata de José Patrício da Silva, que lhe deu mesmo o desenho da composição de 5 dos doze quadros, pelo menos de quatro, o fez pintar três gravuras, e só deixou Jesuíno pintar por si, com sua composição e meios adquiridos, os outros cinco quadros restantes. Creio mesmo que o Patrício meteu diretamente a mão dele em quatro quadros, se é que não os pintou sozinho – coisa que só posso decidir voltando a Itu. Mas isto duvido bem.

"Afora isso pude identificar decisoramente o Menino Jesus de Praga como de Jesuíno, e recusar pra sempre como dele, o teto de Porto Feliz, e os dois quadros do Batistério da matriz ituana – embora um seja cópia aumentada do Batismo, pintado por Jesuíno. Sairiam ambos da mesma gravura copiada? O Patrício teria indigitado Jesuíno a copiar esse quadro, de outro pintor? Seria este a copiar Jesuíno ou Jesuíno a ele? Estou completamente desvairado."¹⁸⁷

O material sobre o assunto do último parágrafo está em notas de trabalho (doc.167, f.1849-1850).

¹⁸⁷ IDEM, ibidem, p. 166.

9 de dezembro de 1942–Carta a Murilo Miranda

"[...] a monografia sobre o pintor Padre Jesuíno pro Serviço do Patrimônio está praticamente acabada."¹⁸⁸

Apesar dessa afirmação, Mário de Andrade só a consideraria "quase pronta" no início de 1945, conforme carta de 10 de fevereiro desse ano.

7 de janeiro de 1943–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"Envio-vos o relatório dos estudos que realizei em dezembro p.p. para este Serviço. Pouco tenho a vos dizer, ou muitíssimo caso me animasse à impertinência de preocupar o vosso espírito com todos os resultados a que cheguei na parte já estudada da obra do Padre Jesuíno do Monte Carmelo.

"À medida que eu examinava exclusivamente essa terrível coleção de telas da matriz ituana, os problemas surgidos foram de tal ordem, que me obrigaram a um trabalho comparativo de elemento por elemento de cada quadro.

"É um trabalho de tal forma pormenorizado que hesito ainda em deixá-lo tal como está, na projetada monografia sobre o padre-pintor. Só mesmo depois de terminar todo o trabalho será possível decidir sobre a pertinência ou preciosismo de sua inclusão integral. Em todo caso, do Assistente Técnico do Serviço daqui, [...] tive o prazer muito grato de ouvir que eu fizera trabalho exaustivo e de severa honestidade.

¹⁸⁸ ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. Ed. cit. p. 138.

"Neste mesmo espírito e intenção de fazer obra exaustiva continuei o estudo das outras obras de Jesuíno, tendo já examinado e discutido a obra que ele deixou na igreja carmelita de Itu. Iniciei agora a obra paulistana do artista e tanto esta como a fase final, os atormentados quadros da igreja do Patrocínio, terminarei certamente este mês.

"Digo "certamente" porque o farei custe o que custar. A mim pessoalmente me irrita muito o prolongamento excessivo do meu trabalho. E ainda tenho tantas pesquisas a fazer! Nada disso me atormentaria se fosse obra exclusivamente minha, mas o fato de estar trabalhando para um serviço público que, se pode ter a vossa compreensão sobre a sua dificuldade e exigência de nenhuma pressa, à maioria parecerá inexplicável, está me tornando esta monografia uma verdadeira obsessão condenatória! Um remorso falso, derivado não do problema em si, mas das circunstâncias da nossa cultura e da nossa política. Exige-se (sic) obras, obras, (sic) espetáculos, menos que a pedrinha de alicerce bom. Ou pelo menos honesto – que é a minha aspiração. Por tudo isto desejo pôr o quanto antes o ponto final no meu estudo sobre o Padre Jesuíno. Depois, que ele durma um bom sono de seis meses, que era o espaço mínimo exigido por Capistrano de Abreu para que um trabalho se justificasse às vistas de seu próprio autor. [...]

"Acuso recebimento de vossa carta de 2 de janeiro p.p. com as duas fotografias de imagens de S. Jorge. Muito obrigado."¹⁸⁹

Nenhuma das fotografias às quais se refere o autor, feitas durante todo o período dos trabalhos desenvolvidos se encontra nos

¹⁸⁹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit. p. 167.

manuscritos. Existem, sim, arquivadas e em ótimo estado de conservação no IPHAN, no Rio de Janeiro.

22 de janeiro de 1943–Carta a Murilo Miranda

“[...] a monografia sobre o pintor padre Jesuíno pro Serviço do Patrimônio está praticamente acabada.

[...]

[...] quero ver se trabalho um pouco no Jesuíno.”¹⁹⁰

1 de fevereiro de 1943–Carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Não sei se tenho direito a estas férias, por isso mesmo é que estou lhe escrevendo fora do relatório. Careço das férias e aliás o trabalho foi tão vultuoso em dezembro e os dez primeiros dias de janeiro, que tenho muito o que contar. De resto V. sabe que trabalho comigo é mato e nunca andei contando seis horas de trabalhos oficiais por dia. Só o que fiz de 1 a 10 de janeiro, queria acabar o estudo da obra e o despertador me chamava às sete e sem outra coisa me jesuinizava até uma, duas da manhã; foi estupidez. Mas o homem é assustadoramente apaixonante, como você verá do relatório. Aliás me esqueci de acusar nele o recebimento das fotos que você me mandou, são-jorges e as duas Carmos de Angra dos Reis, muito obrigado.”¹⁹¹

¹⁹⁰ ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. Ed. cit. p. 138.

¹⁹¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945)*. Ed. cit. p. 168.

Mário de Andrade inicia a carta referindo-se ao seu debilitado estado de saúde e comunica estar indo para Araraquara.

2 de fevereiro de 1943–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"Eu vos disse no meu relatório anterior que pretendia terminar este mês os estudos que estava fazendo sobre a obra pictórica do Padre Jesuíno do Monte Carmelo. Com efeito este meu trabalho se acha praticamente terminado. Completei o estudo de toda a obra e agora falta apenas pôr em redação definitiva o meu escrito. Não pretendo fazê-lo porém imediatamente, salvo parecer vosso em contrário. Acho preferível deixar isso para mais tarde porque ainda me restam muitas pesquisas a fazer, pesquisas estas que podem modificar talvez, algumas observações e mesmo conclusões a que cheguei. Além disso, depois do meu estudo já posto em redação sobre a vida do artista, documentos e pesquisas novas, vieram confirmar muitas das conclusões a que eu chegara no escrito de que já tivestes conhecimento. Há pois que fazer modificações numerosas, no sentido de retirar a minha argumentação e substituí-la pelos documentos achados que a vieram confirmar. Mas que a invalidaram, por inútil.

"Quanto à obra pictórica do padre, cujo estudo terminei, cada vez me convenço mais de que, além do seu valor plástico incontestável, ela apresenta um valor psicológico talvez excepcional na história da pintura colonial brasileira. Que Jesuíno era um homem de vida interior interessantíssima não é mais possível duvidar. O simples caso da criação do grupo dos chamados "Padres do Patrocínio" que chegou a provocar a

denominação abstrusa dada a Itu, de "Port-Royal brasileira", já basta para mostrar o que era esse homem.

"No meu estudo da obra dele veio se firmando aos poucos em minha convicção o mulatismo revoltado do artista, um verdadeiro "complexo de inferioridade" convertido em afirmações orgulhosas do eu, provado em várias manifestações curiosíssimas.

"Entre essas manifestações está, por exemplo, o caso delicioso dele ter pintado um anjo mulato no teto da capela-mor da Carmo ituana. Quando descobri isso, pedi a confirmação de várias pessoas para o que ainda considerava apenas presunção minha. Mas a confirmaram entre outros Luiz Saia e a pintora Tarsila do Amaral.

"Devotíssimo da Senhora do Carmo desde menino, obcecado pela devoção carmelitana durante quase toda a sua vida, era realmente estranho que Jesuíno não fosse terceiro carmelitano e se tenha, ao entrar para a vida religiosa, preferido padre secular e não regular carmelitano ou mais facilmente irmão leigo. Mas os Terceiros Carmelitanos sempre foram a nata das duas nobrezas de sangue e de dinheiro na Capitania. Jesuíno se vinga disso e disfarçadamente entre quase cinco dezenas de anjos que pintou no céu carmelitano de Itu, intromete um mulatinho, como protesto contra a lei tácita que o proibia de entrar na ordem de sua Senhora preferida.

"Com semelhante pulga atrás da orelha, me botei a estudos mais atentos a respeito dos tipos pintados por Jesuíno e fiz descobrimentos que, dado esse elemento inicial, eram fáceis de fazer, mas que não deixam de ser de uma curiosidade e interesse importantíssimos no geral da pintura religiosa brasileira.

"Assim, nesse mesmo céu carmelitano de Itu, um dos santos pontífices consagrados, se de tez disfarçadamente arianíssima, não deixa de ser, como tipo, *bel et bien* um mulato velho. Isto pra não dizer, com mais franqueza, um negro velho, desses que foram "escravo do meu avô" muito do nosso conhecimento.

"Além desse mulato velho santificado pelo artista, são freqüentes os "africanismos" escapados a ele, no traçar as suas fisionomias masculinas ou os anjinhos de corpo inteiro. – à margem, fotografia do santo ao qual MA se refere. Caso curioso: nas santas, não; não aparece nenhum "africanismo" ... biotipológico. Dir-se-ia que na contingência de pintar a mulher, um impedimento qualquer o fazia se esquecer de sua mestiçagem. Ora, se de um lado Jesuíno não se agradava muito da "parda forra" sua mãe, que o concebera fora de matrimônio, pois sempre que pôde nos documentos se recusou o nome de família Gusmão, que era o dela, por outro lado se casara com mulher garantidamente branca de estirpe. Mas não pretendo aventar hipóteses tão avançadas em meu trabalho. Elas vão aqui apenas para vosso conhecimento e porque estou convencido delas. Mas devo nunca me esquecer que talvez eu esteja conhecendo "demais" o meu biografado...

"Mas a procura de "africanismos" nas fisionomias, me levou a um descobrimento novo, muito gracioso. É que entre as várias dezenas de anjos desse céu ituano, uma carinha Jesuíno repetiu integralmente no medalhão do Sr. Jesus de Praga que pintou para essa mesma Carmo de Itu.

"Ora, com essa verificação, o problema do retrato, da reprodução de uma pessoa viva e apreciada se impunha às minhas pesquisas. E foi ela que me levou a descobrir na tão dramática fase final da obra do artista,

a existência de um retrato incontestável. E um retrato de família, que poderá muito bem ser um auto-retrato! "Com efeito, dos três santos masculinos que Jesuíno pintou na série de quadros existentes no Patrocínio, obra final do artista, dois são da mesma pessoa, sem contestação possível. E o caso é tanto mais determinante e conclusivo que os dois rostos estão em posições muito diferentes um do outro, tornando inadmissível a preguiça da cópia. De posse desta verdade me lembrei que o pintor Benício da Silva Dutra, tronco dos pintores Dutras de Piracicaba, nos deixara em aquarela o retrato do Padre Elias do Monte Carmelo, um dos filhos de Jesuíno. A comparação é decisiva. Se hoje um documento ou tradição nos dissesse que este Elias e os dois santos de Jesuíno eram retratos de irmãos, ou de pai e filho, ou mesmo de uma só pessoa, não haveria ninguém bem intencionado, creio que nem mesmo o sr. Feu de Carvalho, a pôr em dúvida a tradição.

"Eu devo estar um bocado envaidecido com estas descobertas, e por isto oculto neste relatório os numerosos problemas outros que a minha fragilidade não me permitiu solucionar por enquanto. E talvez para sempre...

"Mas creio que, ao menos pelo que se conhece até agora da arte religiosa brasileira, como psicologia social, estas descobertas tornam o "caso" Jesuíno de um interesse enorme. E não é humildade nem mesmo vontade de elogiar, de que não estais precisados, reconhecer lealmente que eu nunca teria feito os estudos que realizei, não fosse a vossa intuição e determinação".¹⁹²

¹⁹² IDEM, ibidem, p. 169-171.

Este relatório se refere aos trabalhos realizados no mês de janeiro de 1943, e está acompanhado de fotografias de pinturas do teto da igreja do Carmo de Itu.

À margem da página 169, detalhe de fotografia dos anjinhos com cabelos pixaim–Arquivo IPHAN, Rio de Janeiro.

À margem da página 170, foto do santo pontífice ao qual Mário de Andrade se refere–Arquivo IPHAN, Rio de Janeiro

Abaixo do texto, também à página 170, fotografias de Santa Teresa e de Nossa Senhora do Carmo, ambas pinturas no forro da Igreja do Carmo, em Itu–Arquivo IPHAN, Rio de Janeiro.

À margem da página 171, fotografia da imagem do Menino Jesus de Praga, pintura do coro da igreja do Carmo, em Itu–Arquivo IPHAN, Rio de Janeiro.

12 de março de 1943–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Venho apresentar-vos o relatório dos trabalhos que realizei para o SPHAN durante o mês de fevereiro p.p.

“Conforme vos disse no meu relatório anterior, tendo terminado, com os elementos que possuía, as anotações de ordem crítica relativas à obra pictórica do P. Jesuíno do Monte Carmelo, ao invés de pôr tudo isso em redação definitiva, me dedico atualmente a “catar” documentos e elementos que enriqueçam o trabalho e em principal lhe preencham as lacunas. Está claro que uma pesquisa deste gênero não se circunscreve exclusivamente a recolher dados que possam servir ao meu trabalho particular. Mas embora arquivos e museus paulistas sejam de uma pobreza de documentação artística que não raro atinge a penúria, os nossos fichários vão se aumentando paulatinamente.

"Entre outras pesquisas realizadas, uma visita ao Museu da Cúria Metropolitana de São Paulo, agora que conheço regularmente a obra do P. Jesuíno, veio me trazer alguns problemas a mais, extremamente... desagradáveis.

"Um deles aliás não se refere a Jesuíno propriamente, mas ao filho dele, escultor, o Eliseu, autor de um S. Jorge admirável. Sobre este e seu autor, eu vinha colecionando dados que já me pareciam importantes para uma comunicação de interesse para a Revista do Serviço. A comunicação ainda pode e deverá ser feita. Mas o interesse dela diminuiu, pois o S. Jorge de Eliseu do Monte Carmelo não passa de uma cópia, mais bem-feita, de outra imagem mais antiga, que foi venerada aqui na capital e agora cavalga em um canto do Museu da Cúria.

"Dois casos, mais ou menos parecidos, e muito mais intrincados, descobri a respeito do P. Jesuíno. Nas minhas observações críticas eu não só já recusara ao meu biografado uma série de quadros provenientes do Convento de Santa Teresa a ele atribuída, como duvidara fosse toda a série de um artista só. Esta dúvida não só se reforçou agora, como se complicou extraordinariamente por eu ter descoberto que alguns desses quadros são réplicas de outros, atualmente jogados no alto escuro e escuso das paredes (sic) de uma das escadarias do Museu. E ainda o problema de um dos quadros ituanos de Jesuíno, um *Batismo de Cristo*, problema já difícil de resolver por si por causa de uma réplica existente também em Itu, agora se complicou desesperadamente, com uma réplica nova, existente no Museu.

"Nada me foi possível estudar ainda. Esses quadros têm de ser retirados da escuridão e altura em que morreram, têm de ser fotografados, mas tudo esbarra

diante de sorrisos lerdos de funcionários pouco menos que analfabetos. Desanima a gente. O Museu da Cúria se não vive às moscas é porque nem as moscas têm qualquer interesse nele. Vá agora a gente querer retirar de um lugar de fato o mais difícil e incômodo, um quadro enorme que incontestavelmente foi guindado ali “pra sempre”! [...] Em todo caso é de esperar que este mês tudo se resolva pelo melhor.” ¹⁹³

À margem da página 172, fotografia do São Jorge, escultura em madeira encarnada e dourada, da Igreja do Carmo, em Itu–Arquivo IPHAN, Rio de Janeiro.

1 de maio de 1943–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“A respeito do padre Jesuíno do Monte Carmelo, descobrimos um documento novo bem desnorteante. Eu creio que podereis ajuizar o susto de um indivíduo que há perto de dois anos estuda um artista, lhe conhece o mais honestamente possível a existência passada inteira entre Santos, São Paulo e Itu, e que de repente se vê na conjuntura de imaginar o seu biografado em Goiás! Pois a esta probabilidade nos leva um recibo descoberto nos arquivos do Convento do Carmo, de Santos, datado de 1806. A data é perfeitamente plausível, e que Jesuíno era de espírito aventureiro estamos cansados de saber.

“Mas descobertas como esta e principalmente as de cópias, réplicas de obras como as que vos comuniquei no meu relatório anterior, me levam à convicção de que, dados os conhecimentos ainda tão deficientes que possuímos da documentação colonial, trabalhos de natureza crítica particularizada a um indivíduo ou

¹⁹³ IDEM, ibidem, p. 172-173.

monumento só podem sair muito imperfeitos. Está claro que não tenho a menor pretensão de fazer obra definitiva, mas a cada passo em que, em vez de me adiantar, tropeço, o que me assombra é o peso traidor de tudo o quanto eu não sei.

"Peço-vos desculpas pelo mau humor que porventura a vaidade terá infiltrado nessas considerações.

"Além das pesquisas e leituras de documentos novos, conclui agora a relação dos presidentes do Hospício do Carmo, de Itu, cujos nomes me foi possível obter. Trabalho imprescindível para esclarecer vários problemas da biografia jesuínica. A relação não é completa mas se avanta muito de tudo quanto se conhecia a respeito.

"Graças à sempre dedicadíssima interferência do Assistente Técnico desta Região, obtivemos do Cartório do 1º Ofício, de Itu, uma série de volumes de documentos do século XVIII, ilegíveis, convertidos a paralelepípedos pelo trabalho da traça. Sob nossa responsabilidade esses volumes foram entregues à seção de restauração da Divisão de Documentação Histórica e Social, do Departamento de Cultura, desta Capital. O primeiro volume restaurado acaba de nos chegar às mãos, legível, útil, vivo."¹⁹⁴

Mário de Andrade, aqui, informa "dar conta" "do quanto foi feito nos dois meses p.p.", uma vez que não enviara em princípios de abril o relatório referente ao mês de março. E sobre "Jesuíno em Goiás" (doc.37, f.423).

¹⁹⁴ IDEM, ibidem, p. 173-174.

12 de junho de 1943–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"De acordo com vossas determinações, venho apresentar o relatório dos trabalhos que realizei para o SPHAN durante o mês de maio p.p.

"Tendo chegado às minhas mãos o primeiro volume de documentos setecentistas restaurados pelo Departamento de Cultura e pertencente ao Cartório do 1º Ofício de Itu, dediquei-me a traduzi-lo. Trata-se de um volume de 134 folhas, de tal forma rendilhado pela traça que a sua leitura apresenta enorme dificuldade em muitas folhas. Mas a restauração cuidadosa me permitiu decifrá-lo na íntegra. Este era um volume de interesse muito especial para os estudos que venho realizando sobre o P. Jesuíno do Monte Carmelo. Estas 134 folhas de manuscrito encerram o inventário de D. Tereza de Jesus do Amaral, feito no ano de 1781.

"A folhas nº 90, vem um recibo de missas realizadas por ocasião da morte da inventariada e nessa relação é contemplado um Jesuíno Francisco com 1\$000 (...). Não pode haver dúvida nenhuma que se trata do meu padre Jesuíno do Monte Carmelo, pois é inaceitável houvesse em Itu dois Jesuínos Francisco trabalhando para os mesmos carmelitas. Ora, este documento tem importância excepcional pois é a data mais antiga em que podemos garantir a presença de Jesuíno em Itu. A restauração permitiu enfim fixar exato o ano da morte de D. Tereza (22-X-1781). Assim conseguimos saber que em 1781 Jesuíno Francisco já estava em Itu, com apenas 17 anos de idade."¹⁹⁵

¹⁹⁵ IDEM, ibidem, p. 174.

A respeito de Jesuíno já estar em Itu no ano de 1871, a comprovação se encontra no dossiê dos manuscritos (doc 10, f.135).

3 de julho de 1943–Relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"Tenho o prazer de vos apresentar o relatório dos trabalhos que realizei para o SPHAN durante o mês de junho p.p.

"Continuei a tradução de documentos setecentistas pertencentes ao Cartório do 1º Ofício, de Itu, que agora estão sendo restaurados.

"Conforme conversa que tivemos aí no Rio, iniciei a redação final da parte sobre "A Obra", da monografia que estou escrevendo sobre o padre Jesuíno do Monte Carmelo. Espero que até o fim deste ano a monografia esteja terminada para que eu a exponha à vossa apreciação.

"De acordo com o sr. Assistente, pretendemos iniciar agora o estudo dos arquivos da Terceira do Carmo, desta capital. Estes estudos serão feitos por José Bento Faria Ferraz. É muito provável que deles tiremos bom resultado não só para melhor conhecimento histórico do templo da Ordem, como a respeito do meu biografado."¹⁹⁶

2 de janeiro de 1944–Carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"Estou enterrado no Jesuíno dos pés à cabeça. (...) De modos que o primeiro gesto da minha libertação foi me meter no mato cipoento das obras do nosso Jesuíno, é uma coisa louca. O problema mais detestável, é logo no princípio a obra de mocidade do Jesuíno. Já tenho as notas de observação, tomadas como já lhe dei notícia

¹⁹⁶ IDEM, ibidem, p. 175.

nos últimos meses de 1942. E depois foi a doença. De forma que espero redigir toda a parte primeira, isto é, o estudo sobre a obra jesuínica na matriz de Itu, até fins deste mês. Lhe mandarei imediato cópia, pra você com Lúcio ajuizarem disso e me mandarem algum conselho sobre.

"Realmente é a parte mais intrincada e que me deixa mais indeciso se deve ir assim mesmo.

"Mas a intenção desta, que é a segunda palavra, é outra. Tem trechos da minha monografia *meramente históricos e de consulta de livros e arquivos*, não críticos e de observação pessoal, muito perigosos de perdermos o SPHAN e eu a prioridade da descoberta. Inda mais, um safadinho como o N. é quase certo possuir documentação, provavelmente tirada dos arquivos (roubada?...) que não cede a ninguém e pinga lento em artiguetes. E a importância colonial de Itu faz com que surjam novos pesquisadores das coisas de lá. Por outro lado certas pesquisas feitas por mim, se avançam bem sobre a bibliografia existente, não são no entanto completadas pelas nossas pesquisas.

"Ora versando o mesmo assunto, eu temo que de repente um pândego qualquer, num artigo de jornal, descubra o que já descobrimos eu também e o SPHAN por nós aqui. E perdermos uma prioridade elogiável e meritória e serei obrigado a citar o desgraçadinho. Ora a publicação de pesquisas exclusivamente dessa ordem arquivar por mim para o SPHAN, em artigos aqui, pode provocar duas coisas igualmente úteis: uma é conservar a nossa prioridade do que estamos descobrindo em arquivos o Zé Bento e eu; e outra é completarem outros pesquisadores o que, em nossas pesquisas, ficou incompleto por inexistência atual de arquivos e documentos. Os assuntos serão tais como "Relação cronológica dos presidentes do Hospício do

Carmo em Itu”, “Relação das obras atribuídas a Jesuíno do Monte Carmelo.

“Me mande uma palavrinha sobre se você vê inconveniente na publicação já, em artigo, de assuntos assim. Lhe mandarei aliás preliminarmente sempre os artigos pra seu governo.”¹⁹⁷

8 de janeiro de 1944–Carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“São 16 horas e agora paro, não agüento mais. Cheguei na página 8 da datilografia da quarta versão (nalgumas coisas quinta!) do estudo dos doze quadros de Jesuíno na matriz de Itu. Agora enfim parece que vai bem. Abandonei tudo. Ontem tive tamanho acesso de desespero, fiquei horroroso e era meia-noite, fiquei com vontade de tocar fogo no SPHAN, no Jesuíno, a coisa não ia, e no entanto era já a segunda orientação e terceira versão. Bebi um copo de leite bem frio e fui dormir. Mas só vendo que dia tinha passado com aquele pavor engrossando dentro de mim de que a coisa não prestava. Não é que não prestasse exatamente, mas, você verá depois, era coisa abusivamente individualista e audaciosamente interpretativa pra o SPHAN encampar e publicar em livro. Vá que eu publique aquilo com a responsabilidade exclusiva do meu nome e na transitoriedade da revista, na revista do SPHAN, isso ainda é concebível, mas não em livro.

“Hoje levantei às sete, como sempre, nesta fase aflitiva de regularidade por incumbência médica, peguei de novo em tudo e no fim destas nove horas, oito, descontada a do almoço, cheguei na oitava página desta 4ª versão, arre. Uma hora pra cada página... Mas

¹⁹⁷ IDEM, *ibidem*, p. 176-177.

sei que esta dificuldade tamanha que estou sentindo é só pela complexidade e mistério dos problemas desta matriz de Itu, tudo o mais não tem mistério quase e são problemas fáceis. E também quando fiz os primeiros estudos comparativos destes quadros, foi naquela famosa explosão vital de outubro a dezembro de 42 que me deu de presente a doença do ano passado. Foi tudo feito em delírio, sem método nenhum e muito que eu tresli por causa disso. Tive e tenho que refazer tudo agora. (...) Mas como estava satisfeito com ter chegado nesta oitava página do meu escrito que agora parece ter tomado caminho certo, [...]"¹⁹⁸

27 de janeiro de 1944–Carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"Estou plenamente afogado no Jesuíno da matriz de Itu, malditos e amaldiçoádeiramos apenas 12 quadros. Literalmente "afogado", é o termo. Você não imagina o mundo de escrituras jogadas no papel! Estou na quarta versão integral de vinte e tantas páginas-ofício datilografadas e desde a semana passada afinal o ronco anterior de que me metera em cavalarias abusivas principiou se tornando distinto, nítido, claríssimo. Creio que vou abandonar tudo e em vez de análise tão comprida e que "resultou inútil", como dizem os castelhaneiros, vou fazer uma coisa muito menos pretensiosa, aí dumas cinco páginas, dando um parecer cuidadoso e longínquo, em vez de pretender totalitariamente resolver o problema mais complicado que já topei no meio do caminho.

"Farei portanto duas versões, esta simples e modesta que estou imaginando, e termino sempre a monstruosa que estou fazendo. Depois mandarei as duas e você me aconselhará sobre a preferível. Desde já acho que vai

¹⁹⁸ IDEM, ibidem, p. 177.

ser a mais modesta. Ai! Tanto trabalho perdido! Mas levarei comigo em março a papelama enorme que escrevi pra você ver que não ando, nem andei vadiando. Você não carece disso mas eu careço. [...] Acho que terminarei as duas versões e mandarei elas junto, de certo por meados de fevereiro. Assim você poderá comparar logo as duas.”¹⁹⁹

“Creio que vou abandonar tudo e em vez de análise tão comprida, [...] vou fazer uma coisa muito menos pretensiosa, aí dumas cinco páginas [...].” *O escritor não abandonou a análise mais extensa, optando por ela mesmo.*

2 de março de 1944–Carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Lhe escrevo desolado. São 22horas e acabo a leitura e correção que fiz hoje da cópia da primeira parte da ‘Obra’ do meu (...) Jesuíno. Não é que eu ache exatamente péssimo o que eu fiz, psicologicamente é pior que se achasse péssimo. Eu estou desorientado, acho que me desorientei pelo menos nessa parte já feita e careço duma pessoa agora que tenha a coragem de me dizer que a coisa assim não vai. Tinha me proposto lhe mandar também a outra versão, pois o que lhe mando aqui é a quinta redação duma coisa que teve uma primeira versão, com duas redações integrais e outra abandonada em meio e mais esta versão, com duas redações de que uma abandonei também em meio. – tudo nos manuscritos. Mas acho inútil copiar e lhe mandar a outra versão, porque ainda é mais pormenorizada, mais audaciosa e aventureira nas opiniões e conclusões e ainda mais comprida!

“Ora isso é absurdo. O trabalho fica todo desequilibrado, porque as partes seguintes, muito mais

¹⁹⁹ IDEM, ibidem, p. 178.

importantes como beleza e significação para a pintura religiosa desta zona, serão sensivelmente menores. Eu creio que fiz um pecado de vaidade e agora me castigam por isso. Quis fazer coisa “definitiva” ao menos como esmiuçamento técnico e além da experiência humana que me afirma nada existir de definitivo nesse mundo, eu não estava em condições pessoais de fazer o que entendi fazer. Não é humildade falsa não, Rodrigo, é verdade. E agora estou tonteado, não consigo ter a menor opinião mais legítima sobre o que eu fiz e de todas as escutas do meu ser me segredam que assim a coisa não vai. Preciso alguém que me diga isso, você, o Lúcio. O Luiz Saia não serve agora, ele exagera o cuidado pela minha saúde (estou passando muitíssimo bem, praticamente são) e o respeito pela nossa diferença de idade. (...) A idéia que eu tive agorinha foi esta: não fazer tudo de novo, exatamente, mas retirar toda a argumentação comparativa e dar apenas o indispensável. Quer dizer: a dúvida (passando sobre ela levemente) da existência de mestre e discípulo e colaboração de ambos nos quadros e as conclusões de ordem crítica. Enfim aproveitar o escrito num resumo de umas oito páginas no máximo, evitando tudo quanto é, digamos, aventureiro. O mais digno da minha parte, pra evitar de vocês um juízo sempre desagradável de dizer, era fazer já esse resumo, e mandar os dois pra escolha. Mas não quero, não sinto vontade de fazer isso já, porque já estou afundado desde segunda, no estudo da obra seguinte de Jesuíno, a pintura da Carmo ituana, muito mais agradável de sentir e de pensar. Confesso que estou com ódio das doze telas da matriz que deram nessa desorientação de agora. Mas não há de ser nada e sempre é tempo. Se vocês quiserem esperar a versão nova pra julgar, esperem, não faz mal. Primeiro

continuo o estudo até o fim, e depois, mais sossegado e mais longínquo, farei ela mais facilmente e esperemos que sem tresler.

“Não mando as fotografias pra controle, porque, você deve ter cópia de todas elas aí, as doze telas, as duas do batistério, o teto da capela-mor, tudo da matriz de Itu, e mais o quadro da sacristia da 3ª do Carmo de S. Paulo. Mas eu possuo a mais as fotos aumentadas de detalhes. Se precisar delas para julgar me avise logo. Estou com vontade de ir ao Rio lá de 15 a 20 deste mês e, se quiserem, levo as fotos comigo.”²⁰⁰

Abaixo da carta, à página 179, segue fotografia de tela na capela-mor da Igreja do Carmo, em Itu–Arquivo IPHAN, Rio de Janeiro.

16 de março de 1944–Carta-relatório a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Rodrigo

só lhe escrevo para me relatoriar. Aliás recebi sua carta e depois dela é que você deve ter recebido a primeira parte da “Obra” do Jesuíno. (...) Já concluí a parte seguinte, menorzinha e mais agradável sobre a Carmo ituana. Já estava a cópia no SPHAN pra lhe ser mandada mas retirei ontem de lá e resolvi reconsiderar o pedido que lhe fiz de leitura, agora, da primeira parte que já está aí.

“Essas reviravoltas e indecisões, não repare, são naturais na paixão em que estou de que o meu trabalho saia bom e agrade você com o Lúcio. Mas creio que já estou com mais bom senso e normalizado em mim, lhe dizendo que não leia isso já. Depois que o trabalho estiver todo concluído em redação, e em estado de receber apenas retoques e cortes e conselhos e

²⁰⁰ IDEM, ibidem, p. 178-179.

opiniões de amigos, aí você com o Lúcio, e algum mais que você julgar necessário ou útil lerão todo o escrito e me dirão o que imaginam. Assim é muito mais lógico, mais fácil pra vocês, mais proveitoso pro meu trabalho. "Já entrei pela obra paulistana do padre. Não é de muita dificuldade também, mas tenho que ficar com ela meio no ar, por causa das pesquisas que o Zé Bento está fazendo nos arquivos da Terceira do Carmo. Algumas documentações colhidas são muito úteis, umas esclarecedoras, e confirmadoras. Mas outras, meu Deus! Escurentadoras e despertando mais problemas! Tem cada documento que dá uma raiva. Desconfio que eu não nasci pra trabalhos como este, a "invenção" trabalha demais. "Eu acho que não tive coragem de lhe contar na carta que foi com o meu trabalho, aí, um caso horrendo que me sucedeu. Os estudos comparativos pra isso foram especialmente feitos naqueles três meses fabulosíssimos pra mim de outubro a dezembro de 1942. Que meses sublimes eu vivi, seu Rodrigo! Eu tinha de tudo naquele tempo: amor, saúde inquebrantável, álcool ótimo, de três a quatro maços de cigarro diário, o mais dolorido mas delirante caso de criação literária da minha vida com o *Café*, e uma vontade devoradora de trabalhar. Trabalho de mais de doze horas quase todo dia, até quinze horas trabalhando por vezes! Foi assombroso. E nisso, uma coleção enorme de fotos espalhadas aqui no estúdio e eu comparando, pesquisando, escrevendo os resultados das pesquisas, tudo. Bom depois a doença veio em janeiro e foi aquele ano perdido. Mas quando principiei escrevendo de novo em janeiro deste ano, nem merece apreço, está claro, não me fiei só no que escrevera e fui revisar todas as pesquisas, todas as afirmações. Pois Rodrigo não lhe conto nada, nunca imaginei possível uma coisa assim. Tinha coisas que eu afirmava

e que não eram absolutamente verdade!!! E mentia, Rodrigo! Está claro que não era mentira no sentido em que jamais me passou pela cabeça a intenção de enganar ninguém. Era, digamos: o sentimento, a paixão em que eu estava que mentia pra minha cabeça, e me enganava a mim mesmo. Parece absurdo, mas é a mais assustadora das verdades. Eu decerto nasci pra mentir... como os poetas. Ou consertando: nasci pra ultrapassar as verdades, que fica mais agradável.”²⁰¹

2 de junho de 1944–carta a Paulo Duarte

“O estudo sobre o Padre Jesuíno do Monte Carmelo adiantei um pouco, mas isso é trabalho profissional, e assim mesmo parei ele faz mais de dois meses, por outras coisas urgentes e não minhas. [...].

[...] e vou escrever meu padre Jesuíno que deve estar pronto pra dezembro, último prazo que me dei.”²⁰²

4 de agosto de 1944–Carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

“Na segunda, 31, peguei no Jesuíno, reli a parte carmelita da minha crítica, peguei no já destrinchado e no não destrinchado, cataloguei o resto que faltava e ... agora lhe escrevo.

“Acabo de terminar (arre!), são dez e vinte e quatro minutos, a detrinchação e escritura da parte crítica da ‘Obra’, sobre as Carmos paulistanas. [...] sinto que está bom. É, sinto, a redação definitiva que apenas carece de pequeninas correções, clarezas de expressão, sonoridades e ritmos literários (que este ‘poeta’ é incapaz de desleixar) e é só. Trabalho pra um dia

²⁰¹ IDEM, *ibidem*, p. 180.

²⁰² DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. Ed. cit. p. 276-277.

talvez. [...] Na segunda pego a etapa final, desagradável historicamente (ausência total de documentos) quanto à igreja do Patrocínio, mas agradável e a mais apaixonante quanto à crítica, provando, mas provando escandalosamente, sem contestação, a curiosidade absolutamente excepcional de Jesuíno em nossa vida artística do passado, o drama da sua vida mística refletindo na obra, o complexo de cor do mulato, as suas vinganças de homem marginal, as suas revoltas, e a sua vaidade de genealogista, retratando os filhos e talvez ele em figuras de santos. Não será trabalho longo (as Carmos paulistas deram 23 páginas), é só 'Patrocínio' e as 'Conclusões' e creio que duas semanas me bastarão pra isso.

"Depois terei até dezembro, data que me dei pra lhe entregar o trabalho completado. É coisa muito pra podar (acho que a monografia ficou grande por demais) e é nota muita pra ajuntar ao escrito, principalmente a parte biográfica. A data que me dei não é muita pra tudo isso, mas é enérgica e definitiva [...] 31 de dezembro deste ano [...]. Assim, pelos primeiros dias de janeiro de 1945, o insofrido num avião de carreira partirá de sua cidade natal e irá buscar no ínclito edifício do Ministério da Educação na Capital desta democracia, as ativas moradas do seu diretor, e lhe depositar nas mãos igualmente ativas o seu 'Jesuíno do Monte Carmelo' para juízo final e publicação." ²⁰³

Realmente, mesmo depois de entregue o trabalho, a 1 de janeiro de 1945, ainda se faziam pesquisas, como o comprova carta remetida a Luís Saia, por Antonio Ianni, desse mesmo janeiro, em papel

²⁰³ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit. p. 183.

timbrado da Prefeitura de Itu e arquivada nos manuscritos (doc.93, f.499-500).

11 de agosto de 1944–Carta a Murilo Miranda

“Tenho absolutamente que terminar meu trabalho para o Serviço do Patrimônio (a monografia sobre o pintor Jesuíno do Monte Carmelo) até dezembro, [...]” ²⁰⁴

9 de dezembro de 1944–Carta a Murilo Miranda

“Este ano tenho, absolutamente, tenho que acabar a monografia sobre Jesuíno, [...]” ²⁰⁵

9 de dezembro de 1944–carta a Alceu de Amoroso Lima

“Estou fazendo toda a força pra terminar justo o meu maior esforço em crítica de artes plásticas, a deliciosa e importante vida e obra do padre Jesuíno do Monte Carmelo.” ²⁰⁶

10 de dezembro de 1944–carta a Murilo Miranda

“[...] assim que terminar o Jesuíno,[...] Hoje, domingo, são 12 horas, me acordei às sete, não tomei banho, não fiz barba, nada. Só trabalhei no Jesuíno pra deslindar uma nota só, e acrescentar uma frase.” ²⁰⁷

²⁰⁴ ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. Ed. cit. p. 170.

²⁰⁵ Idem, *ibidem*. p. 176.

²⁰⁶ *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*—Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Ed. cit. p. 37.

²⁰⁷ ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. Ed. cit. p. 177.

18 de dezembro de 1944–carta a Henriqueta Lisboa

"[...] Arre que acabei com o meu *Padre Jesuíno do Monte Carmelo* [...]. Agora é passar a limpo, as partes [...] ainda não passadas [...]. E tenho, absolutamente tenho que fazer isso até 31."²⁰⁸

19 de dezembro de 1944–telegrama a Murilo Miranda

"Acabei hoje redação Jesuíno."²⁰⁹

20 de dezembro de 1944–Carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"Sem dúvida pode programar o "Jesuíno" para as edições sphânicas do ano que vem. A situação é esta: já acabei a redação completa, que entregarei pra seu conselho e controle, bem como o do Lúcio, dia 1º de janeiro como prometi. Bem, 1º de janeiro, significa que estará pronto nesse dia. Estou fraco de dinheiro e prefiro ver sua chegada aqui pra entregar. Mandar, só por portador, por causa da quantidade de fotos que vai junta, (sic) pra controle das afirmações críticas. E então combinaremos a arquitetura definitiva do volume.

"Terei ainda algumas modificações a fazer. Não quero estudar mais os problemas, senão a coisa não acaba. As modificações possíveis são de umas pesquisas mandadas fazer em Itu e Santos (pequenas) de que ainda não recebi resposta. As afirmativas críticas, tenho muitas que reverificar *in loco*, o que me obriga a ir a Itu por janeiro ou fevereiro passar lá uns três dias. Mas

²⁰⁸ ANDRADE, Mário de. *Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*. Organização e introdução de Eneida Maria de Souza. Edusp/IEB/Editora Petrópolis, 2010. p. 312-313.

²⁰⁹ ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. Ed. cit. p. 179.

não creio que isso obrigue a modificações profundas. É uma reverificação, só pra desencargo de consciência.

"Agora que estou copiando, noto um defeito forte. Como as partes do trabalho foram feitas, cada uma numa época, há muitas repetições inúteis de dados, de argumentações e análises. Vou rever tudo, alimpando o trabalho de repetições inúteis. Isso é fácil e o Saia vai me ajudar. Três dias de leitura do todo duma vez só, dará unidade, rapidez, firmeza e diminuirá o tamanho do texto. Isso talvez, tudo isso e todas essas coisas, implicarão talvez numa recopagem completa do trabalho, versão definitiva. Pra qual, está claro, entrarão os controles de você e do Lúcio. Tudo, no máximo, estará pronto a 1 de março, dando dois meses pra tudo. Que acha? Não precisa responder, você programará ou não o livro pra 1945, se estiver certo assim. E me falará aqui.

"Também há o caso da linguagem. Francamente não estou disposto a abrir mão da minha linguagem, embora a tenha feito a mais discreta que pude... sentir. Aí você entra, tem que entrar com a sua autoridade indiscreta, tenha a paciência. Você corrige como quiser: eu abaixo a cabeça e obedeco, como funcionário. Ponha isso nas costas do Manuel... Sempre ficados todos nós certos que na inteira reedição do trabalho no conjunto das "obras completas" ele sairá como eu independentemente o escrever."²¹⁰

²¹⁰ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade* (1936–1945). Ed. cit. p. 185.

24 de dezembro de 1944–carta a Guilherme Figueiredo

*Discorrendo a respeito do que será publicado no próximo ano, o escritor refere-se ao "meu Jesuíno do Monte Carmelo", pelo Serviço do Patrimônio.*²¹¹

29 de dezembro de 1944–carta a Moacir Werneck de Castro

"[...] estou imerso, afogado, manietado, enfurnado no Jesuíno do Monte Carmelo acabado e em arranjos (complicadíssimos) pra edição, que tenho que ter pronto até [...] dia 31 p. f. sem falta."²¹²

3 de janeiro de 1945–carta a Guilherme Figueiredo

"O Jesuíno tem de ser guardado inédito pro S. do Patrimônio. Acabei ele, ihiii-pô- pôôô!"²¹³

Janeiro de 1945–carta a Francisco Mignone

"Mas é isso, a mão estava ajeitada bem. A mão é este pobrezinho coração que chora. O que valerá uma coisa dessas! Pior ainda, é o Padre Jesuíno do Monte Carmelo que também acabei. Esse então, me deu uma angústia tamanha que entreguei pro Rodrigo (nota 83 – Rodrigo M. F. de Andrade) e enquanto almoçávamos me bateu um medo, fiquei apavorado, tomei dele outra vez, feito criança, trouxe pra casa pra reler mais uma vez, a parte da biografia, que é a que mais me inquieta. O Rodrigo está entusiasmado. Eu... eu já estive

²¹¹ ANDRADE, Mário de. *A lição do guru*—cartas a Guilherme Figueiredo (1937-1945). Civilização Brasileira, 1989. p. 142.

²¹² CASTRO, Moacir Werneck de. *Exílio no Rio*. Ed. cit. p. 228.

²¹³ ANDRADE, Mário de. *A lição do guru*. Ed. cit. p. 145.

entusiasmado, agora só tenho dó de mim, um medo horrível.

"Pois vamos fazer outra coisa! Como eu digo na "Meditação" (nota 84: Meditação sobre o Tietê", poema de Lira Paulistana) : "Eu só sei que não sei, sabem por mim as fontes"... Sabem por nós as fontes. Que direito a gente tem de ter opinião sobre as suas próprias obras!"²¹⁴

10 de fevereiro de 1945–carta a Rodrigo Mello Franco de Andrade

"Tenho que lhe escrever, mas faço às carreiras porque certas coisas é tão difícil de explicar! A difícil de explicar é a seguinte: o 'Padre Jesuíno do Monte Carmelo' eu quero, e desde que ele principiou tomando corpo, dedicar a você, é possível? [...] Eu não é que deva esse livro a você, devo, mas eu queria que você sentisse no simples 'A Rodrigo M. F. de Andrade' um sabor muito esclarecido e escolhido, e sendo, de amizade verdadeira. [...] Desque você partiu levando o 'meu' Jesuíno, me bateu uma consciência pavorosa de fracasso, de medo de, enfim, de consciência na batata. A parte crítica não: estou mais ou menos sossegadinho, porque melhor não posso fazer. Só mesmo com conselhos de escolhidos, de você, do Lúcio, eu posso anuir a consertos, e melhorar ou corrigir meu pensamento. A parte da biografia é que me atenaza, preciso reler, modificar. É preciso. Tive, com a fuga do livro pra aí, o que quer dizer que embora ainda não publicada, a obra principiou vivendo por si, sem minha autorização nem condescendência, tive a noção exata de que, se o tom ficção está certo pro caso, me deixei levar às vezes pra uma, como dizer, pra uma

²¹⁴ ANDRADE, Mário de. *71 Cartas de Mário de Andrade*. Ed. cit. p. 112-113.

liberdosidade, uma licenciosidade literária, uma imodéstia no tratamento do tom. Sobretudo naquele refrão de Jesuíno tomar consciência de seu mulatismo, olhando na frente a mão mulata dele, pintando, tocando nos órgãos. É ter feito disso um refrão que tornou licenciosa a análise psicológica. Eu só podia fazer disso um refrão, se tratando de biografia histórica, se tivesse apoio bibliográfico. Como no caso do papagaio, no caso do remorso com as imagens, etc. que são refrões apoiados na bibliografia. O caso da mão não tem esse apoio. Pode surgir, poderá, uma vez só, e então se justificaria literariamente, apoiado no marginalismo incontestável do homem, e apoiado na realidade do homem, por fatalidade profissional, pintor, tocador de órgão, ser obrigado a todo instante a estar enxergando a mão. Mas só. Vou no Rio em fins deste ou princípios de março. Levarei a bibliografia, os três desenhos que faltam, e combinaremos definitivo. Então quero modestizar um pouco mais a parte da vida, um pouco só, quase que apenas tirando o refrão da mão. [...]

“Contando o caso das Carmos ao Saia, diz ele que já fizera semelhante observação e até já falara comigo sobre. Paciência. É assim que a minha feliz memória me permite descobrir e inventar muitas coisas à custa da inteligência alheia. Resta é o prazer, quase físico, do descobrimento, que esse não se tira.”²¹⁵

Sempre oportuno lembrar que as fotografias tiradas na ocasião das pesquisas estão arquivadas, e em ótimo estado de conservação, no IPHAN, no Rio de Janeiro, material que bem merece trabalho e estudo adequados.

²¹⁵ ANDRADE, Mário de. *Cartas de trabalho*: Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936–1945). Ed. cit. p. 186-187.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Aluísio de. Cristóvão Pereira de Abreu. *Revista do Arquivo Municipal*. Prefeitura do município de São Paulo, v. 83. São Paulo, 1942.

ANDRADE, Mario de. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 14. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1945.

_____. *Padre Jesuíno do Monte Carmelo*. Edição de texto apurado por Maria Silvia Ianni Barsalini e por Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. *Cartas de trabalho – Correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade (1936-1945)*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura/Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Pró-Memória, 1981.

_____. *Cartas a Murilo Miranda-1934/1945*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

_____. *A lição do guru – Cartas a Guilherme Figueiredo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989 .

_____. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade-inédita e Mário de Andrade:1924-1945*; organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade:Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade:Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002

_____. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização, introdução e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: IEB/Edusp, 2ª edição, 2001.

_____. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins – Estudos de Álvaro Lins*. Apresentação de Ivan Cavalcanti Proença. Comentários de José César Borba e Marco Morel. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1983.

_____ *Cartas a Anita Malfatti* (1921-1939). Edição organizada por Marta Rossetti Batista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____ *Correspondente contumaz* (Cartas a Pedro Nava) – 1925/1944. Edição preparada por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

_____ *De Mário de Andrade a Fernando Sabino-Cartas a um jovem escritor*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1981.

_____ *71 cartas de Mário de Andrade*. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: Livraria São José, s/d.

_____ *Mário de Andrade escreve-cartas a Alceu, Meyer e outros*. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968 .

_____ *Correspondência Mário de Andrade & Henriqueta Lisboa*. Organização e introdução de Eneida Maria de Souza. Estabelecimento de texto Maria Silvia Ianni Barsalini. São Paulo: Edusp/IEB/Editora Petrópolis, 2010.

_____ *Aspectos da literatura brasileira*. 4ª edição. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A./Instituto Nacional do Livro/MEC, 1972.

_____ *Portinari, amigo mio-cartas de Mário de Andrade a Candido Portinari*. Organização, introdução e notas: Annateresa Fabris. Campinas: Mercado das Letras/Editora Autores Associados, 1995.

_____ *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Organizadora: Georgina Koifman, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____ Uma carta do Padre Jesuíno do Monte Carmelo. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 5. Rio de Janeiro, 1941.

AZEVEDO, Victor de. *Feijó; vida, paixão e morte de um chimango*. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1942.

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórico-literárias*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade-exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução: Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

DOSSE, François. *O desafio biográfico-escrever uma vida*. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1977.

FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*. São Paulo: Editora Melhoramentos, s. d.

FONSECA, Antonio Augusto da. Tipos ituanos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*. v. 1. São Paulo, 1895.

FONTOURA, Ezequias Galvão, mons. Os padres do Patrocínio. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 26. São Paulo, 1929.

FREI ADALBERTO. Frei Antonio de Santana Galvão nas tradições de famílias paulistas. *Revista do Arquivo Municipal*, v. 84. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo/Departamento de Cultura, 1942.

FREIRE, Paulo Aurisol C. Um artista notável. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. v. 37. São Paulo, 1939.

FREYRE, Gilberto. *Problemas Brasileiros de Antropologia*. Rio de Janeiro: C.E.B., 1943.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética-ler os manuscritos modernos*. Tradução: Cristina de Campos Velho Brick e outros. UFRGS Editora, 1ª edição, 2007.

HANNAH, Levy. A pintura colonial no Rio de Janeiro. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 6. Rio de Janeiro, 1942.

HAY, Louis (organizador). *Les manuscrits des écrivains*. CNRS. Paris: Éditions Hachette, 1993.

HAY, Louis. *A literatura dos escritores-questões de crítica genética*. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. Revisão técnica: Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

JARDIM, Luiz. A pintura decorativa em algumas igrejas antigas de Minas. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº3. Rio de Janeiro, 1939.

LEBRAVE, Jean-Louis. *Du visible au lisible: comment représenter la genèse? Genesis 27*, Paris, 2006.

LOPES, Francisco Antonio. *História da construção da igreja do Carmo de Ouro Preto*. Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 8. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1942.

LOPEZ, Telê Ancona. A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação. Organizador: Roberto Zular *Criação em processo-ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2002.

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de S. Paulo*, v. 1 e v. 2. Rio de Janeiro, 1879.

MORAES, Rubens Borba. *Lembrança de Mário de Andrade-7 cartas*. São Paulo: Digital Gráfica, 1979.

NARDY FILHO, Francisco. *A cidade de Itu*, v.1 e v.2. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1928.

OLIVEIRA CÉSAR, Joaquim Leme de. Notas históricas de Itu. *Revista do Patrimônio Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. 25. São Paulo, 1927-1928.

PLACE, Jean Michel. *Gênesis – Autobiographies*. Paris: Institut de textes et de manuscrits modernes, 2001.

SOUSA, Octavio Tarquínio. Feijó. *Revista do Brasil*, ano 4, n. 40, out. 1941.